

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
CÂMPUS PATO BRANCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL

GABRIELLA SUZANA LORENZZON

**SAÚDE MENTAL E TRABALHO: UM ESTUDO COM AGRICULTORES
ORGÂNICOS NO SUDOESTE DO PARANÁ**

DISSERTAÇÃO

PATO BRANCO

2014

GABRIELLA SUZANA LORENZZON

**SAÚDE MENTAL E TRABALHO: UM ESTUDO COM AGRICULTORES
ORGÂNICOS NO SUDOESTE DO PARANÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Pato Branco, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional. Área de Concentração: Regionalidade e Desenvolvimento.

Orientador: Prof. Dr. Edival Sebastião
Teixeira

PATO BRANCO

2014

L869s Lorenzson, Gabriella Suzana.
Saúde mental e trabalho: um estudo com agricultores orgânicos no sudoeste do Paraná / Gabriella Suzana Lorenzson -- Pato Branco: UTFPR, 2014.
107 f. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Edival Sebastião Teixeira
Coorientador: Prof. Dr. Anselmo Pereira de Lima
Dissertação (Mestrado) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná.
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional. Pato Branco, PR, 2014.
Bibliografia: f. 102 – 107.

1. Saúde mental. 2. Trabalho. 3. Agricultor orgânico. 4. Representações sociais. I. Teixeira, Edival Sebastião, orient. II. Lima, Anselmo Pereira de, coorient. III. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional. IV. Título.

CDD 22. ed. 330

Ficha Catalográfica elaborada por
Suélem Belmudes Cardoso CRB9/1630
Biblioteca da UTFPR Campus Pato Branco



Ministério da Educação
**Universidade Tecnológica Federal do
Paraná**
Câmpus Pato Branco
Programa de Pós-Graduação em
Desenvolvimento Regional



TERMO DE APROVAÇÃO Nº 51

Título da Dissertação
**SAÚDE MENTAL E TRABALHO: UM ESTUDO COM AGRICULTORES ORGÂNICOS NO
SUDESTE DO PARANÁ**

Autora
Gabriella Suzana Lorenzon

Esta dissertação foi apresentada às 14 horas do dia 25 de fevereiro de 2014, como requisito parcial para a obtenção do título de MESTRE EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL – Linha de Pesquisa Ambiente e Sustentabilidade – no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. O autor foi arguido pela Banca Examinadora abaixo assinada, a qual, após deliberação, considerou o trabalho aprovado.

Prof. Dr. Edival Sebastião Teixeira -
UTFPR Presidente

Prof^a Dra Hieda Maria Pagliosa Corona - UTFPR
Examinadora

Prof^a Dra Irme Salete Bonamigo –
UNOCHAPECÓ
Examinadora

Prof. Dr. Anselmo Pereira de Lima – UTFPR
Examinador

Visto da Coordenação

Prof. Dr. Miguel Angelo Perondi
Coordenador do PPGDR

O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do PPGDR.

Dedico este trabalho aos agricultores familiares.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter nos dotado, seres humanos, da maravilhosa capacidade de aprender e da inquietude que nos move a buscar.

Aos agricultores familiares que participaram desta pesquisa e, em seu nome, a todos os agricultores familiares que buscam por meio de seu trabalho contribuir para um mundo melhor.

Ao meu orientador, professor Edival Sebastião Teixeira, por ter colaborado comigo e com este trabalho, sendo sempre atencioso, paciente e muito célere.

Ao Márcio Alberto Chaliol por seu constante apoio a esta pesquisa.

Ao Jair, que sabe “de cor e salteado” o caminho até a casa dos agricultores e se dispôs prontamente a colaborar comigo neste aspecto.

Aos professores do PPGDR pelo gosto por ensinar.

Aos meus colegas de turma, pelo grande aprendizado que me proporcionaram por meio de suas diferentes visões de mundo.

Aos meus pais, irmãs, cunhados e sobrinhos, por estarem sempre por perto.

Ao Wiliam, por perceber que seria possível e constantemente me lembrar disso.

Aos meus amigos, todos, por exercerem tão bem a amizade como virtude.

O Senhor é feliz?

Má e muito!

RESUMO

LORENZZON, Gabriella Suzana. Saúde mental e trabalho: Um estudo com agricultores orgânicos no sudoeste do Paraná. 2014. 107 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2014.

A base da pesquisa ora relatada foi construída a partir da importância e do amplo papel social do agricultor familiar para a região sudoeste do Paraná. O objetivo da investigação foi analisar tanto as representações sociais acerca de trabalho e de saúde mental de um grupo de agricultores familiares que cultivam produtos orgânicos, como as relações entre tais representações e eventual aparecimento de sofrimento mental nos sujeitos. Assim, o interesse central da pesquisa foi entender de que forma o contexto sociocultural em que o agricultor familiar está inserido e o modo de organização do trabalho podem influenciar no adoecimento ou na promoção de saúde mental, partindo da visão do próprio trabalhador. Este estudo se caracteriza como qualitativo; sendo que, participaram da pesquisa dezenove agricultores familiares que cultivam produtos orgânicos, residentes na zona rural de Capanema-PR, divididos em doze propriedades diferentes. A primeira fase da pesquisa foi de observação do ambiente de trabalho; em seguida, foram realizadas entrevistas semiestruturadas visando identificar as representações sociais dos agricultores sobre trabalho e sobre saúde mental. A partir das principais referências dos agricultores sobre esses dois temas centrais, os dados foram comparados entre si, visando identificar a possível existência de pontos de convergência. Constatou-se, assim, que as representações sobre trabalho e sobre saúde mental têm muitos elementos em comum, de modo que, para os agricultores pesquisados, saúde implica trabalho e trabalho implica saúde. A investigação realizada permitiu observar também que a lógica de trabalho utilizada pelos sujeitos da pesquisa se distancia do modelo capitalista de produção, fixando a família como centro das decisões e da organização do trabalho, havendo, não obstante, relação entre a produção agrícola e o mercado. Infere-se que o resultado obtido esteja relacionado a algumas particularidades do contexto de vida dos sujeitos desta pesquisa, tais como a garantia da venda da produção, por meio de uma empresa que intermedia a comercialização entre os agricultores e o mercado internacional, o apoio técnico que possuem e a história de vida como determinante na construção de um conceito de trabalho mais voltado ao aspecto físico/material. Por fim, percebe-se que esta pesquisa pode ser considerada como de caráter introdutório, uma vez que há escassez de estudos que relacionem trabalho e saúde mental na realidade de agricultores que cultivam produtos orgânicos. Da mesma forma, estudos comparativos entre os sujeitos aqui pesquisados e outros de regiões diferentes e com práticas produtivas diferentes podem ser relevantes no sentido de identificar formas de trabalho que contribuam para a manutenção e promoção de saúde mental nos trabalhadores.

Palavras-chave: Saúde Mental. Trabalho. Agricultor Orgânico. Representações Sociais.

ABSTRACT

LORENZZON, Gabriella Suzana. Work and Mental Health: A study over organic farmers from southwestern Paraná. 2014. 107 f. Dissertation (Master's Degree in Regional Development) – Graduate Program in Regional Development, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2014.

The basis for this research was built on the wide and important role played by family farmers regarding the southwestern region of Paraná State. The aim of the study was to analyze both the social representation about work and mental health of a given group of family farmers who grow organic products. It also analyzes the relation between such representations and the eventual emergence of mental suffering among them. Thus, the central concern was to understand at what extent both the socio-cultural context of the family farmers and the way work is organized can influence mental illness or mental health promotion, based on the views of the worker himself. Nineteen organic family farmers, from twelve different properties took part of this research based on a qualitative method. They all live in the countryside, in Capanema, a southwestern city in Paraná. The study is organized as follows: At first, workplace observations were made; then, the second step was based on a semi-structured interview aiming to identify the social representations of the farmers over work and mental health. Collected data was then compared to look for converging matters. After data comparison, the representations on work and mental health showed many common elements; revealing that for the interviewed farmers health means work as much as work means health. The present investigation also allowed us to observe that the work logic used by the interviewed sample is no close to the capitalist mode of production, as it sets the family in the center of work organization and of most of their decisions; maintaining, notwithstanding, the relation between farm production and the market. Therefore, it is inferred that the results are related to some peculiarities of life context of these farmers; such as: technical support available, warranty of production sale, through a company that mediates business between the farmers and the international market; as well as their life history - determinant characteristics in building a friendlier working concept regarding physical/material aspects. At last, one realizes that this research can be considered as introductory to such a matter, since there are few studies over the relation between work and mental health involving organic farmers. Likewise, other comparative studies such as with different samples from different regions and different production practices may be relevant in order to identify forms of work that may contribute to the maintenance and promotion of workers' mental health

Keywords: Mental health. Work. Organic Farmer. Social Representations.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1: CARACTERIZAÇÃO DOS AGRICULTORES FAMILIARES QUE CULTIVAM PRODUTOS ORGÂNICOS: OS SUJEITOS DA PESQUISA.	22
CAPÍTULO 2: SAÚDE MENTAL E TRABALHO: AS REPRESENTAÇÕES DOS SUJEITOS DA PESQUISA.....	33
2.1 A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO CONCEITO DE TRABALHO E SUA INFLUÊNCIA NO MUNDO RURAL.....	33
2.2 TRABALHO, SUBJETIVIDADE E SAÚDE MENTAL.....	44
2.3 AS CONDIÇÕES OBJETIVAS DO TRABALHO: O QUE DIZEM OS AGRICULTORES.....	50
2.4 A CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA DO TRABALHO E SAÚDE MENTAL: O QUE DIZEM OS AGRICULTORES.....	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
REFERÊNCIAS.....	102

INTRODUÇÃO

O trabalho agrícola se inicia com o abandono do nomadismo e a conseqüente preocupação com a provisão social e o com o futuro tanto individual como do grupo no qual cada indivíduo está inserido. Até hoje, esse ofício se mantém e cumpre uma importante função social, cuja análise deve interessar tanto aos que estão diretamente ligados ao exercício da agricultura, como a aqueles que se beneficiam de tal função pelo consumo da produção agrícola.

A expansão e a manutenção da agricultura ocorrem de diferentes modos, sendo influenciada pela forma de organização de cada sociedade, pela formação de sua cultura, e pelo papel exercido pelos indivíduos no seio de seu grupo social.

Com o avanço dos conhecimentos voltados ao exercício das funções agrícolas, os sujeitos envolvidos com este trabalho foram se modificando, adquirindo novas necessidades e trabalhando a fim de encontrar meios para atender tanto imperativos sociais como individuais. Historicamente, a ascensão do capitalismo como sistema econômico, marcada pela ocorrência da Revolução Industrial, iniciada no século XVIII e expandida ao longo do globo a partir do século XIX, modificou a base da relação do homem com seu meio natural, bem como, propôs formas diferentes para o exercício do trabalho e para satisfação das necessidades humanas. Nesse sentido, Polanyi (1978, p. 51) é enfático ao afirmar que “no coração da Revolução Industrial do século XVIII ocorreu um processo miraculoso nos instrumentos de produção, o qual se fez acompanhar de uma catastrófica desarticulação nas vidas das pessoas comuns.”

No entanto, a forma como essas modificações se espalharam pelo mundo pelo mundo, juntamente com a expansão da agricultura como ofício, se deu conforme a organização social e a cultura de diferentes povos em diferentes locais, o que faz supor que o grau de interferência na forma de exercer o trabalho foi maior onde havia maior concentração de pessoas e difusão dos conhecimentos científicos adquiridos até então; e menor em outros locais, como regiões de colonização mais recente e menos influenciadas pelos avanços da civilização moderna.

Seguindo esse raciocínio, cabe ponderar que a região sudoeste do Paraná, foco desta pesquisa, teve e tem uma maneira particular de gerir a agricultura,

adaptada tanto às condições naturais da região, como às condições sociais e históricas vividas por sua população.

Essa peculiaridade se deve, em suma, ao processo de industrialização do Brasil, alavancada a partir da década de 1930. Outrossim, a ocupação dos lugares "vazios" do mapa; como é o caso da região Sudoeste do Paraná, poderia atender às demandas de fornecimento de espaço cultivável e mão de obra necessária para a produção de alimentos; além de formar um potencial consumidor importante a partir da inserção da produção agrícola no mercado por meio da comercialização de novos produtos surgidos a partir do processo de industrialização.

Com a utilização de políticas públicas incentivadoras da ocupação desta região, boa parcela dos seus habitantes foi composta por imigrantes europeus que se instalaram nos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina a partir do início do século XX; e que, posteriormente vieram às terras do sudoeste do Paraná e trouxeram consigo seus costumes e modo de vida, além de fixar a agricultura familiar como forma predominante de trabalho (ABRAMOVAY, 1992; MYSKIW, 2002; PEGORARO 2007; SANTOS, 2008).

Essa forma de trabalho e de gestão da terra, a agricultura familiar, diferia da praticada anteriormente nessas terras, já que, até então, a ocupação da região se dava por um processo mais livre, despreocupado com a propriedade privada e efetivado principalmente por índios e caboclos (SANTOS, 2008).

Ao final da década de 1940, porém, assim como a gestão do trabalho e da propriedade, o quadro cultural sofre importantes modificações; sejam elas na forma de comércio, no idioma ou pronúncia utilizada, na fisionomia da população, ou mesmo em seus costumes. Abramovay (1981, p. 35) sintetiza essas modificações ao afirmar que:

O peso cultural e étnico de italianos, alemães e poloneses é esmagador. O caboclo hoje esconde-se anônimo nas encostas das montanhas. Esta terra não é mais a mata que lhe pertenceu. Seus atuais habitantes despiram-na e fizeram do solo rico e fértil que ela cobria uma das regiões mais produtivas do Estado.

O contexto agrícola da Região Sudoeste tem por base, então, a pequena propriedade, situada na zona rural de pequenos municípios. Seu cultivo tem por objetivo principalmente a alimentação do grupo familiar que ali vive, então, o modelo de produção é o da policultura. Algo a ser ressaltado neste processo é o fato de que

os traços culturais típicos trazidos pelos gaúchos e catarinenses que migraram para esta região é um ponto fundamental, também, na manutenção desta forma de trabalho agrícola até os dias atuais.

Partindo-se da importância e do amplo papel social do agricultor familiar para a região sudoeste do Paraná, construiu-se a base da pesquisa ora relatada. O objetivo desta investigação foi identificar as representações sociais acerca de trabalho e de saúde mental de um grupo de agricultores familiares, que cultivam produtos orgânicos; e analisar as relações entre tais representações e eventual aparecimento de sofrimento mental nos sujeitos. Assim, o interesse central desta pesquisa é entender, a partir da visão do próprio trabalhador, de que forma o seu contexto sociocultural pode influenciar em seu adoecimento ou na promoção de sua saúde mental.

A fim de elucidar a escolha do escopo da pesquisa, cabe um pequeno relato acerca da formação acadêmica básica da pesquisadora, e sobre o processo de interconexão dessa formação com o debate social envolvendo a saúde mental e o trabalho da população rural sudoestina.

Tendo como formação base a psicologia, a aproximação ao debate acerca da constituição da identidade do ser humano é algo “quase natural”. Entende-se que pensar o ser humano requer expandir o campo de visão para além do que um olhar individualizante e recortado pode nos dizer. Requer pensar sua história, o contexto em que vive, a forma como são interpretadas as condições de vida e seu lugar no mundo; fatores que, em conjunto, promovem sua constituição como sujeito, como ator de sua própria vida e como ator social.

Nesse sentido, para haver de fato um ser humano, são necessários seres humanos atuando em conjunto, promovendo modificações, na sociedade, que levam a modificações em seu modo de pensar e agir sobre (que tal "no" mundo ao invés de sobre) o mundo e sobre os demais seres. Essa série de mudanças que caracterizam e compõem a condição humana são criadas e recriadas por meio de um fator central, que é o trabalho; já que este dá lugar ao processo de racionalização de uma necessidade e impele o sujeito que a concebe a construir um instrumento ou ferramenta que permita sua satisfação (MARX, 1985; ENGELS, 1999).

Com base na condição central que o trabalho assume na constituição do sujeito humano, o conhecimento acerca deste passou a se tornar mais interessante a cada dia. Inicialmente, o olhar esteve voltado a aspectos relacionados à psicologia do

trabalho, pensando em como a modificação das formas de organizar o trabalho poderiam colaborar para a produção de sujeitos mais adaptados aos ambientes profissionais em que inevitavelmente estariam inseridos.

A partir daí, foi possível retomar as definições criadas pela psicologia do trabalho que muitas vezes defende a adaptação do trabalho ao ser humano e não do ser humano ao trabalho, entendendo que as mesmas se voltam a uma antiga discussão que permeia a construção dos sujeitos por meio do exercício de seu trabalho (GOULART e SAMPAIO, 1998).

Unindo as duas considerações centrais que mostram que o trabalho é a categoria principal de formação do ser humano (MARX, 1985; ENGELS, 1999), e que a agricultura foi a primeira sequência ordenada de tarefas que o homem pôde realizar e ainda continua realizando; apesar de todos os avanços materiais, tecnológicos e psicológicos surgidos no curso dos tempos, pareceu pertinente unir os dois fatores em um problema de pesquisa. Esse tema envolve, ainda, no debate, a problemática surgida, na psicologia, acerca da influência do trabalho na saúde mental do trabalhador, bem como as condições históricas e sociais observadas na região sudoeste do Paraná, onde a pesquisadora atua profissionalmente.

Codo, Soratto e Vasques-Menezes (2004, p. 289) apontam para a necessidade de uma metodologia de investigação que deixe espaço à análise dos efeitos do trabalho sobre a saúde mental, com base na percepção de “um homem sócio-histórico, no qual fatores econômicos e sociais, além de individuais, façam parte da investigação. A metodologia de investigação deve ser interdisciplinar, deve reconstruir a totalidade significativa e resgatar a história.”.

Campos (1992, p. 52), ao analisar a construção dos cursos superiores de Psicologia no Brasil, tece considerações sobre a necessidade de ir além da análise do “ser em si”. Afirma que há uma preocupação em “superar o tecnicismo estéril e adotar perspectivas que levem em consideração não só a problematização do papel do psicólogo na divisão do trabalho social, mas também de seus compromissos com a sociedade na qual se insere sua prática”, buscando construir conhecimentos que colaborem para a melhoria da qualidade de vida principalmente de segmentos sociais dominados. Dessa forma, é possível superar, se não completamente ao menos em alguns sentidos, a utilização da ciência e a construção de conhecimentos que sirvam somente a grupos ou classes sociais determinadas (BONFIM, 1990). Para tanto é

preciso fazer com que haja uma “convivência salutar da Psicologia com as disciplinas da Filosofia e das Ciências Sociais”, e que se amplie a consciência, por meio de saberes compartilhados, acerca dos condicionamentos sob os quais as relações interpessoais são construídas. Essa foi uma preocupação que tive ao longo da pesquisa ora relatada.

Pelo objetivo a que se propõe, este estudo se caracteriza como sendo qualitativo. Estudos dessa natureza têm como preocupação fundamental a análise do mundo empírico em seu ambiente natural. Por isso, um longo contato do pesquisador com o contexto a que se propôs pesquisar e com a situação específica de pesquisa é bem visto dentro desta abordagem (GODOY, 1995).

Sobre tal método de pesquisa, Godoy (1995, p. 62) entende que os dados devem ser coletados a partir do contato intensivo do pesquisador com o fenômeno estudado, sendo necessário para tanto, a utilização de gravação em voz e vídeo ou mesmo, anotações em blocos de nota. A mesma autora complementa afirmando que:

Para esses pesquisadores um fenômeno pode ser mais bem observado e compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte. Aqui o pesquisador deve aprender a usar sua própria pessoa como o instrumento mais confiável de observação, seleção, análise e interpretação dos dados coletados (GODOY, 1995, p. 62).

Godoy (1995) postula que para que seja compreendida a dinâmica de um fenômeno, é necessário que o pesquisador chegue a compreender a perspectiva das pessoas envolvidas com ele. A utilização da teoria das representações sociais dá conta de buscar esta perspectiva dentro do discurso dos sujeitos que estarão sendo pesquisados. Enfatiza-se, neste ponto, que a concepção de representações sociais utilizadas está de acordo com a definição de Moscovici (2003, p. 21):

Um sistema de valores, idéias e práticas, com dupla função: primeiro estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambigüidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social.

Nesse contexto, é importante ressaltar que quando se fala sobre saúde ou doença mental, o cerne da questão é subjetivo, já que pertence ao universo individual do sujeito. Codo e Jacques (2002) entendem que não há dois “delírios” iguais, já que cada dor se torna mais amena ou mais aguda na exata medida da real idiossincrasia

do sujeito, da impossibilidade que ele vive de compartilhá-la, da inexistência de um algo externo compatível com ela. Por isso, nas palavras dos autores, “quem sofre é o sujeito, não mais os músculos do seu pescoço. A saúde/doença mental obriga o pesquisador a enfrentar o dilema do indivíduo, sempre outro no momento em que a lógica ousa desvendá-lo” (CODO e JACQUES, 2002, p. 21).

Por isso, em uma pesquisa qualitativa e neste caso em específico, o interesse não está em corroborar dados, já que não há hipóteses iniciais estabelecidas. Dessa forma, sendo uma pesquisa de caráter indutivo, estruturou-se a partir de interesses amplos que se tornam mais diretos no decorrer da investigação realizada e dos dados obtidos (GODOY, 1995).

Neste sentido, é o próprio contato com a realidade em questão que permite ao pesquisador ir estreitando ou dando foco preciso à sua pesquisa. Assim, é por meio deste contato que foi possível buscar as representações sociais de trabalho e saúde mental, através da observação e da análise do discurso dos trabalhadores.

Com relação a pesquisas em saúde mental e trabalho, vinculadas a organizações de trabalho urbanas, Codo e Jacques (2002) delimitam alguns princípios que se enquadram na proposta aqui apresentada. Esses autores consideram a necessidade de se utilizar uma abordagem interdisciplinar que traga conceitos e contribuições de várias áreas do conhecimento como epidemiologia; psicologia organizacional e do trabalho; sociologia, e economia. Esse tipo de abordagem tem o objetivo de elucidar o tema com mais fidedignidade; ter uma compreensão holística e dialética do ambiente laboral e do trabalhador; interpretar fatores objetivos, intersubjetivos e subjetivos referentes a avanços na tecnologia, bem como o grau de cooperação, competição e afetividade como sendo multideterminados. A abordagem pretende também dar conta de compreender a organização do trabalho entendida como continuamente em construção, já que tanto o ambiente de trabalho como o trabalhador são modificados ao longo da história; devendo, portanto, serem compreendidos como em evolução.

A noção de complexidade e amplitude contida nesses princípios carrega em si as dificuldades que uma pesquisa como esta possui. Porém, como bem afirmam Codo e Jacques (2002, p. 22), é fazendo, criando e estudando que “a construção da ponte entre o indivíduo e a sociedade, entre o subjetivo e o objetivo, entre a teoria e a realidade, veio sendo armada, devagar”.

Da mesma forma, se por um lado existem muitos desafios, por outro, aumenta o interesse e o número de estudos nesse sentido, o que colabora para se compreender um contexto tão cheio de reveses. Assim, ao “inventar” o sofrimento é que o trabalho se permite ser compreendido; e com base nisso é que as pesquisas em saúde mental e trabalho se convertem em instrumento capaz de recuperar, ao menos em parte, o valor real e original contido no processo de trabalho (CODO e JACQUES, 2002).

Metodologicamente, tem-se aqui proposta uma pesquisa qualitativa de tipo etnográfica, já que o trabalho de campo é seu cerne e base, por meio do qual os dados coletados são extraídos e analisados durante uma atividade contínua de investigação. (GODOY, 1995).

Para Woortmann (2009, p. 128), “o esforço para entender o mundo camponês deve ser no sentido de compreendê-lo em seus próprios termos”. Por isso, é necessário buscar uma aproximação com o mundo do trabalho e a concepção de natureza construída pelo homem do campo; sabendo sempre que havendo uma aproximação, a mesma nunca será plena, uma vez que os conhecimentos desses sujeitos e a plenitude de seu saber são fruto da vida que têm e das experiências que puderam viver.

Para o estudo sobre o processo saúde-doença, optou-se então pela abordagem epidemiológica (CODO, SORATTO e VASQUES-MENEZES, 2004). Essa abordagem de pesquisa em saúde mental permite que sejam utilizados dados extraídos da realidade por meio de contatos com as concepções subjetivas dos sujeitos, especialmente nas fases iniciais da investigação; e também questionários mais específicos, sobretudo nas fases finais, quando já se tenha em mãos os resultados dos primeiros contatos com a realidade a ser pesquisada.

Para Codo, Soratto e Vasques-Menezes (2004) a utilização da abordagem epidemiológica pede que sejam revistos os estudos “quantitativistas”, que se detém somente aos dados restritos da realidade laboral; e “qualitativistas”, que se baseiam em análises teóricas da realidade. Essa superação seria encontrada, segundo os mesmos autores, através da utilização de meios de pesquisa que levem em conta aspectos objetivos e subjetivos do trabalho, através da utilização de observação e estratégias semi-clínicas e psicométricas.

Seguindo essa linha, a presente pesquisa realizou-se em duas fases, tendo em vista tanto o alcance dos objetivos visados, como a aproximação de sua realização com aquilo que postula a abordagem epidemiológica de pesquisa em saúde mental.

Na primeira fase, foram realizadas observações do ambiente de trabalho em que os sujeitos da pesquisa estão inseridos, sua rotina, horários, grupo de trabalho, condições geográficas e climáticas, dentre outros fatores predominantemente materiais. Este passo inicial teve como objetivo buscar aproximar a pesquisadora do ambiente da pesquisa e, principalmente, identificar as condições de realização física do trabalho exercido pelos sujeitos em questão.

Em seguida, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, baseadas em um roteiro elaborado segundo o objetivo central desta pesquisa; com vistas a identificar as representações sociais dos agricultores sobre trabalho e sobre saúde mental. Para tanto, os temas da entrevista concentraram-se em tópicos tais como, saúde, doença, trabalho, adoecimento no trabalho, saúde mental, bem-estar, depressão, bem como em outros elementos que poderiam contribuir para o levantamento da dimensão subjetiva do trabalho dos agricultores sujeitos da pesquisa.

A utilização de entrevista semiestruturada é uma prática amplamente utilizada quando se trata de estudos de representações sociais. Sabendo que as representações sociais orientam-se para a compreensão de mundo; surgem como construções dotadas de caráter expressivo, cognitivo–afetivas; e resultam de concepções envolvidas nas interações sociais do cotidiano, a forma como uma entrevista é conduzida pode favorecer ou não a expressão de tais representações (SILVA e FERREIRA, 2012).

Assim, quando se tem um espaço de discurso entre o que o pesquisador quer saber e o que o sujeito lhe responde, as representações sociais têm condições mais favoráveis para aparecer, ou seja, quando as perguntas permitem que o entrevistado vá além e fale de tudo mais que entenda importante; em suas falas, aparecem suas representações sobre o tema em questão.

Guareschi (1996, p. 18 apud REIS e BELLINI, 2011) apresenta alguns elementos ligados ao conceito de representação social, considerando serem estas compostas de aspectos culturais, cognitivos e valorativos e, sendo assim, ideológicas e estando presentes em diversos meios e mentes. Estas representações são também um conceito dinâmico e explicativo seja social, físico ou cultural. Elas têm em si, por

seu conteúdo relacional e social, uma dimensão histórica e transformadora. Com tudo isso, entende-se que o ato de representar não pode ser considerado como simples, mas sim dinâmico.

A noção de que o conhecimento de algo do mundo social é móvel e está em construção, bem como o entendimento de que este está acessível a todos aqueles que partilham de um mesmo contexto social, dá pauta de como se formam e se perpetuam as representações sociais; no que Moscovici (2003) chamou de “universo consensual”.

Assim, entendendo que a entrevista atua como fonte mais ampla de contato com a representação social do agricultor; pode-se afirmar que a entrevista semiestruturada, utilizada neste trabalho e em inúmeras outras pesquisas em representações sociais, foi o que permitiu uma via de acesso da pesquisadora ao universo consensual dos pesquisados. Por meio dela, como dito anteriormente, foi possível perceber os espaços que deixa livre para o discurso. Os agricultores não apenas não registraram passivamente o que consideram sua visão sobre o objeto em questão, mas também demonstraram que ideologicamente há caminhos e possibilidades que precisam ser pensados; eles deram conselhos, registraram sua indignação, seu gosto ou desgosto e suas sugestões para modificar aquilo que consideram necessário.

As entrevistas, que foram gravadas em áudio, tiveram o consentimento dos pesquisados e foram realizadas pessoalmente pela pesquisadora com os agricultores familiares escolhidos, conforme descrito na sequência. Ao todo, 19 agricultores orgânicos participaram deste trabalho, estando distribuídos em 12 diferentes propriedades.

Por agricultor orgânico, entende-se aquele agricultor que segue o sistema orgânico de produção, tal como é o exposto na Lei 10.831 de 23 de dezembro de 2003, em seu artigo 1º :

Considera-se sistema orgânico de produção agropecuária todo aquele em que se adotam técnicas específicas, mediante a otimização do uso dos recursos naturais e socioeconômicos disponíveis e o respeito à integridade cultural das comunidades rurais, tendo por objetivo a sustentabilidade econômica e ecológica, a maximização dos benefícios sociais, a minimização da dependência de energia não-renovável, empregando, sempre que possível, métodos culturais, biológicos e mecânicos, em contraposição ao uso de materiais sintéticos, a eliminação do uso de organismos geneticamente modificados e radiações ionizantes, em qualquer fase do

processo de produção, processamento, armazenamento, distribuição e comercialização, e a proteção do meio ambiente (BRASIL, 2003)

A amostra foi composta por famílias escolhidas intencionalmente pela pesquisadora, sendo que os critérios para a escolha estiveram fixados exclusivamente na possibilidade de acesso da pesquisadora às residências, bem como, o interesse dos sujeitos em participar deste estudo. Todos os agricultores participantes da pesquisa têm relações comerciais com uma empresa que intermedia o comércio da produção agrícola com o mercado internacional; e foi por meio do auxílio dessa empresa que se deu o acesso aos sujeitos da pesquisa.

A análise dos resultados ocorreu tanto com base na observação como a partir do conteúdo do discurso desses trabalhadores. Todos os procedimentos auxiliares à entrevista colaboraram para a análise e melhor exploração dos dados obtidos, servindo igualmente de fonte para as conclusões acerca do problema pesquisado. De maneira geral, as representações sociais de trabalho e de saúde mental foram identificadas e comparadas entre si. A partir desta comparação, unida às observações e aos dados extraídos de outras representações apresentadas pelos sujeitos é que se chegou ao resultado da pesquisa.

Face ao exposto, justifica-se a utilização da abordagem epidemiológica neste estudo, justamente pela amplitude analítica que exige e permite. Para além do conforto das demarcações rígidas, o que se quer é entender algo a mais acerca do trabalho humano e sua relação com a saúde mental do trabalhador. Para isso, se recorre a Codo (2002, p.185) quando bem afirma: “Quando se tem o trabalho como objeto, é preciso aprender que o universo em análise não é psicológico, sociológico, econômico, antropológico. É tudo isso ao mesmo tempo e não saberemos nunca em que território estaremos em cada momento [...]. O objeto mesmo é inter, multi, transdisciplinar.”

Somados ao tópico introdutório, outras três partes compõem esta dissertação. O primeiro capítulo trata de caracterizar os agricultores familiares, sujeitos que participaram desta pesquisa; enquanto, no segundo capítulo, abordam-se as representações sociais sobre trabalho e saúde mental dos agricultores orgânicos; e, para tanto este capítulo encontra-se dividido em subtópicos que abordam o conceito de trabalho e sua influência no mundo rural, como meio de retomada histórica acerca do contexto envolvido na pesquisa. Na sequência; trabalho, subjetividade e saúde mental são abordados como forma de demonstrar relações já tecidas entre os

mesmos. Os subtópicos posteriores apresentam as condições objetivas e subjetivas do trabalho e da saúde mental, ficando evidentes, com maior intensidade, as representações descritas pelos agricultores durante a pesquisa.

O último capítulo traz as considerações finais deste trabalho, onde são analisadas as condições e avanços, e principalmente as possibilidades de continuação deste estudo com vistas à ampliação da discussão sobre tema e seus alcances.

CAPÍTULO 1

CARACTERIZAÇÃO DOS AGRICULTORES FAMILIARES QUE CULTIVAM PRODUTOS ORGÂNICOS: OS SUJEITOS DA PESQUISA

A presente pesquisa teve como público-alvo agricultores familiares que cultivam produtos orgânicos e que residem na zona rural no município de Capanema, Paraná. A delimitação da zona rural de um único município do sudoeste visou dar condições para a realização do trabalho em tela. Esse limite geográfico facilitou, em primeiro, lugar o acesso aos sujeitos pesquisados e, em segundo lugar, a própria análise dos dados, tendo em vista que o número de investigados foi relativamente pequeno.

Participaram da pesquisa dezenove agricultores divididos em doze propriedades diferentes. Para fins de apresentação dos dados, os mesmos serão chamados de: Agricultor e Agricultora 1; Agricultor 2; Agricultor 3; Agricultor e Agricultora 4; Agricultor e Agricultora 5; Agricultor e Agricultora 6; Agricultor 7; Agricultor e Agricultora 8; Agricultor 9; Agricultor e Agricultora 10; Agricultor e Agricultora 11; Agricultor 12. Na apresentação de dados a seguir, em todos os casos que aparecem os termos agricultor e agricultora, esposa e esposo participaram simultaneamente da entrevista. A amostra foi composta por famílias escolhidas com base no critério de amostragem aleatória, que levou em conta possibilidade de acesso da pesquisadora à comunidade, bem como, o interesse dos sujeitos em participar do estudo em questão.

O contato inicial da pesquisadora com os agricultores que formaram a amostra da pesquisa deu-se por intermédio de uma empresa que atua em Capanema e que, tendo como princípio de mercantilização o comércio justo¹, compra a produção diretamente dos agricultores e de associações de produtores com vistas a comercializá-lo no mercado nacional e internacional.

¹Entende-se por comércio justo o estabelecimento de condições de produção e comercialização sustentáveis tanto para a natureza como para o produtor, possibilitando o acesso ao mercado internacional, beneficiando-o com um maior preço de venda para seu produto, promovendo por isso, garantia de que este agricultor possa viver de sua produção.

Para contextualizar o ambiente social, econômico e cultural, bem como os sujeitos desta pesquisa, estabeleceu-se o conceito de agricultor familiar exposto por Wanderley (2003). A autora considera o agricultor familiar um ator social, construtor e parceiro de um projeto de sociedade. Tem-se, assim que, apesar da influência de políticas públicas e atuação do Estado, a compreensão do agricultor familiar moderno não se esvazia na análise de sua relação com o mercado. Ou seja, a reprodução econômica, social e cultural do agricultor familiar não se restringe ao vínculo ou às relações estabelecidas com o mercado. Para Wanderley (2003), apesar de muitas vezes ser atribuído por meio de imposição, o conceito de agricultor familiar é incorporado pelos atores sociais, porém cabe entendê-lo “recheando-o” (o conceito) de um conteúdo histórico e sociológico. Nesse sentido, o agricultor familiar

[...] constrói sua própria história nesse emaranhado campo de forças que vem a ser a agricultura e o meio rural inseridos em uma sociedade moderna. E o faz recorrendo à sua própria experiência (camponesa) e procurando adaptar-se às novas “provocações” e desafios do desenvolvimento rural. (WANDERLEY, 2003, p. 59)

Assim, é crucial para qualquer estudo sobre o agricultor familiar compreender sua capacidade de resistência e de adaptação às transformações mais gerais da sociedade. Por isso, entender o ambiente social se torna fundamental para que as particularidades expressas no discurso e na prática dos sujeitos desta pesquisa ganhem significado. Dessa forma, cabe destacar que, tendo sua própria história, o conceito de trabalho construído pelos agricultores familiares difere da noção urbano-industrial que permeia o conceito dominante do mesmo.

A região em questão foi colonizada, sobretudo por descendentes de alemães e italianos que se instalaram, inicialmente, no Rio Grande do Sul e, que por volta das décadas de 1940 e 1950, fixaram residência no Sudoeste do Paraná. Sendo fruto, então, de uma história particular, como considera Abramovay (1981), ao afirmar que a povoação do Sudoeste do Paraná se deu seguindo o princípio de distribuir “terra a quem trabalha nela”. Neste sentido, as famílias instalaram-se em pequenas propriedades e, no caso dos agricultores familiares, estas características estão em parte conservadas até hoje.

Nas décadas de 1960 e 1970 alguns conhecimentos sobre mecanização do campo utilização de produtos químicos e agrotóxicos nas lavouras foram disseminados. Por estarem trabalhando em propriedades relativamente pequenas,

muitos agricultores testaram essas inovações, buscando analisar se os resultados obtidos compensavam ou não. Em muitos casos, pelo aumento do custo da produção, pela percepção do prejuízo causado pelo agrotóxico e por não identificarem resultados muito diferentes dos que já vinham obtendo, alguns agricultores acabaram por aderir parcialmente ou mesmo não aderir à utilização do agrotóxico.

Em torno da década de 1980 alguns agricultores da região iniciaram um movimento de questionamento ao modelo de produção de alimentos que se pautava na utilização de agrotóxicos. Buscaram por si mesmos meios de cultivar seu produto de uma maneira que consideravam mais saudável e comercializavam localmente, onde não havia agregação de valor ao produto orgânico. Nesse sentido, o agricultor busca adaptar sua ação a um contexto específico, garantindo a própria reprodução em termos econômicos e sociais ligados tanto à tradição da forma de produção, como ao vínculo estabelecido com a natureza; isso por meio de um movimento de resistência à lógica de produção imposta.

Neste ínterim, já adentrando na década de 1990, com base na demanda por produtos orgânicos no mercado europeu, uma empresa suíça entrou em contato com estes agricultores orgânicos de Capanema, visando mediar a exportação de sua produção. A primeira venda para o mercado internacional deu-se no ano de 2000. A partir de então, para fortalecer o elo entre os agricultores familiares com o mercado consumidor europeu, foi criada uma empresa de comércio de produtos orgânicos naquele município do Sudoeste do Paraná.

Hoje são comercializados soja (principal produto), milho, trigo e variedades de feijão oriundas da agricultura orgânica. No total, 350 agricultores familiares, em sua maioria de pequena propriedade, comercializam sua produção por meio dessa empresa, a qual busca estabelecer contratos duradouros com compradores, de modo a garantir o escoamento da produção dos agricultores familiares. Em alguns casos, os clientes, principalmente do mercado internacional, pagam um prêmio extra, sendo que os produtores é que decidem como e qual será a utilização deste recurso.

A assistência técnica prestada é uma das principais ferramentas de auxílio ao agricultor familiar que quer produzir organicamente. Por isso, há técnicos que mantêm contato direto e frequente com as famílias. Por meio desse contato é que foram escolhidas e visitadas as famílias de agricultores para realização da pesquisa.

Inicialmente, a proposta de pesquisa esteve voltada a agricultores que cultivassem soja orgânica, por isso a escolha do município de Capanema, uma vez que o município concentra a maior produção de soja orgânica do Brasil (BRITO2010). Ao iniciar os trabalhos de coleta de dados, porém, uma peculiaridade no público alvo chamou a atenção por ter a ver com a identidade do agricultor familiar: De todos os pesquisados, nenhum cultivava exclusivamente soja orgânica; o cultivo é composto também por trigo, milho, feijão, além de hortaliças e, em alguns casos, dedicam-se ao turismo agroecológico e à produção de leite.

Vivendo em propriedades pequenas, muitas vezes a principal atividade de trabalho do agricultor é o plantio para o autoconsumo, que também pode ser caracterizado como o “plantar pro gasto”, o que favorece o cultivo de mais de um produto (GRISA e SCHNEIDER, 2008). Segundo Ferreira (et al, 2007, p. 142) “o plantio para autoconsumo representa mais do que uma luta contra a fome, é antes, um aspecto próprio à identidade do agricultor, ou seja, sua busca pela autonomia expressa na construção de sua segurança alimentar”. Assim, tanto o plantio como as demais práticas voltadas ao autoconsumo, adotadas pelos agricultores, fazem parte da construção de sua identidade, na medida em que mantêm tradições próprias de sua história e concorrem para tornar possível sua segurança alimentar.

Apesar de os sujeitos da pesquisa terem forte relação com o mercado, uma vez que a maior parte de sua produção é destinada para a comercialização, algumas de suas falas ratificam que o produzir para o próprio consumo permanece sendo uma preocupação central. Pelo contexto de trabalho analisado e pelos relatos sobre autoconsumo, percebeu-se, ainda, que essa preocupação central é embasada na confiança da garantia de um produto de qualidade; e, segundo seu próprio entendimento, só pode ser obtido se eles mesmos forem os responsáveis pela produção.

Agricultor 9: ...então a gente pega muito pouca coisa nos mercado, a maioria a gente tem criola né. Tem o arvoredado, tem a horta, a maioria das carne, galinha, cabrito, boizinho e aí vai. Mais é farinha, açúcar, sal, erva que são as coisa que a gente não consegue produzir. O açúcar a gente produziria, mas já tem que ter engenho... Não é tão difícil de fazer, só tem que tirar o tempo. O vizinho aqui fez, ele fez umas duas tachada, tem engenho, tem os tacho, só arrumar a lenha... já dá pra um bom tempo né?!

Agricultor 11:É o que nós tava comentando a recém, nós produzimos bem dizer tudo aqui. Carne nunca foi comprada. Até veio um cara aqui antes que tava comentando, diz ele: “hoje nós na cidade temo que comprar tudo, já vocês...” Carne eu disse, nunca, nunca compramo. Igual eu falei, matei um bezerro,

mas já tenho dois na engorda. E produzir também, só que hoje em dia pouca mão-de-obra tá ficando né?!

Chayanov (1974), ao estudar a morfologia das unidades econômicas familiares, propõe uma série de análises que também podem ser utilizadas como base para o entendimento de algumas das características compartilhadas pelos agricultores familiares do Sudoeste do Paraná, considerando o autoconsumo como uma delas.

Em seu texto “A organização da Unidade Econômica Camponesa”, Chayanov (1974) contextualiza o entendimento do que era um agricultor e como seu destino era interpretado. Sob um viés de uma análise socialista acerca do avanço e estabelecimento do capitalismo, o camponês estaria fadado a desaparecer, uma vez que seu papel, por um lado era interpretado como dispensável a este sistema econômico e, por outro lado, conteria em si o “gérmen burguês”. Se sua propriedade fosse pequena e pelo seu trabalho não encontrasse condições de sobreviver, a tendência seria de que o camponês se tornasse um trabalhador assalariado que, tal como o trabalhador urbano, venderia sua força de trabalho para garantir sua subsistência. Se a propriedade e a condição do camponês fossem economicamente prósperas, a tendência seria a de que, adquirindo mais terras e também mais meios de produção, se tornasse um burguês, empregador de funcionários no campo, em outras palavras, um latifundiário. O camponês era classificado, então, como uma classe ambígua. Nas palavras de Marx:

O desenvolvimento econômico distribui funções entre diferentes pessoas; o artesão ou o camponês que produz com seus próprios meios de produção ou será transformado gradualmente num pequeno capitalista que também explora o trabalho alheio ou sofrerá a perda de seus meios de produção e será transformado em trabalhador assalariado. (MARX, 1950, p. 185 apud MOURA, 1978, p. 17)

Porém, Chayanov (1974) propõe uma forma diferente de entender a relação do camponês com seu trabalho, considerando a família como o centro da análise. Esse autor postula que, independente do sistema econômico vigente, a unidade econômica camponesa se manterá, ainda que seu papel social possa ser diferente. Isso porque a sobrevivência da família e a possibilidade de entesouramento da mesma são o foco de seu trabalho. É válido esclarecer que o entesouramento não é entendido como a acumulação de capital derivado do trabalho não pago, mas sim o acúmulo de condições necessárias para que a família possa se manter em todas as

suas fases, principalmente naquelas em que os componentes não estejam em plenas forças de trabalho ou quando condições externas (como o clima ou o preço da produção agrícola) não sejam favoráveis (CHAYANOV, 1974).

É exemplo do conceito de entesouramento a fala da agricultora 6, quando ressalta a necessidade de dar melhores condições aos filhos, em suas palavras:

Agricultora 6: Mas eu acho que não é só pra sobreviver, a gente pensa um pouco em fazer um futuro até pros filhos. Além de sobreviver a gente quer deixar alguma coisa.

Sobre este aspecto Seyferth (2011, p. 397), reitera a ineficácia dos conceitos da economia clássica, bem como das concepções marxistas sobre o campesinato, considerando-os “inadequados como instrumentos teóricos para analisar o comportamento econômico das unidades familiares que não pagam salários”.

Ao buscar as definições relativas ao trabalho do camponês, entende-se que o agricultor familiar, sujeito desta pesquisa, tal como descrito anteriormente, partilha de muitas dessas características. É possível dizer inclusive que o agricultor familiar leva em si um camponês adormecido (JOLLIVET, 2001; WANDERLEY, 2003). O agricultor familiar em certo sentido permanece sendo o camponês, já que a família continua sendo o objetivo principal que define as estratégias de produção e de reprodução, sendo também instância imediata de decisão. Portanto, por exemplo, o trabalho assalariado como fonte extra de renda pode ser uma saída importante para tempos de recessão econômica, porém, isso não quer dizer que será realizado como forma de acumular capital, uma vez que a racionalidade econômica obedece à necessidade da família e não às categorias impostas pelo sistema capitalista.

Sobre isso, Abramovay (1992, p. 60), baseando-se na obra de Chayanov, entende que:

A lei básica de existência camponesa pode ser resumida na expressão “balanço entre trabalho e consumo”. Diferentemente de uma empresa capitalista, num estabelecimento camponês o critério de maximização de utilidade não é a obtenção da maior lucratividade possível em determinadas condições. O uso do trabalho camponês é limitado pelo objetivo fundamental de satisfazer as necessidades familiares. E essas não se confundem forçosamente com as necessidades de uma empresa. O trabalho será tanto mais valorizado quanto mais distante se estiver desse objetivo. Inversamente, uma vez o consumo familiar assegurado, será atribuído um valor cada vez menor a cada unidade adicional de trabalho.

Para ilustrar essa situação é possível citar alguns casos apresentados pelos agricultores pesquisados. As palavras do agricultor 7 demonstram a influência e centralidade da família no direcionamento de sua produção e na possível comercialização de seu produto:

Agricultor 7: Você vai plantar o que precisa, o que excede você vai vender pra você se manter bem e você vai ter a qualidade de vida que você não consegue ter na cidade...

O relato do agricultor 9 ilustra a forma como o recurso financeiro é gerido em sua família:

Agricultor 9: Hoje, meus filho foram pra cidade porque aqui é pouco chão... Ele também, ele tinha feito a oitava série, o meu filho mais velho, ele ficou três ano no seminário, depois ele veio embora e ficou um ano... A safra não deu muito bem e sei que ele vendeu o soja e tudo e não sobrou dinheiro e ele disse: "mas pai, não sobra dinheiro" e eu disse: "mas temo vivendo aqui, não é pra sobrar dinheiro... é era pra gastar mesmo"...

O agricultor e a agricultora 5 relatam que devido às despesas derivadas do tratamento do filho, que sofre de rubéola congênita e apresenta sintomas permanentes, e devido à impossibilidade da esposa/mãe trabalhar na lavoura, pela necessidade de cuidar do doente em tempo integral, foi necessário fixar residência na cidade e intercalar o trabalho no campo com o trabalho em um frigorífico de aves. Os mesmos descrevem a sua rotina:

Agricultor 5: É que assim, eu trabalhava geralmente ali de noite (na câmara fria do frigorífico)². De manhã eu ia lá pra baixo (para o seu sítio, a 30 km da cidade), então eu não parei 100% com a roça. Trabalhava bastante, então não tem tempo pra parar e não sente tanto sono. Eu cheguei a ficar duas noite e três dia sem dormir...

Agricultora 5: (continuando a fala do marido) No final o bicho pegou... Se tivesse continuado mais um meio ano eu não sei o que teria acontecido!

O agricultor 7 relata que, apesar de sua intenção de morar no campo, a área que possui não é suficiente para garantir seu sustento e o da família. Por isso trabalha no armazém de uma empresa durante a semana e cultiva sua terra nos finais de semana. Em suas palavras:

Agricultor 7: Ainda não porque a minha área é pequena, tenho dois filhos, um de 16 e outro de 10 que dependem mais de recurso mensal, né... Pro estudo e despesa diária. Eu teria que ter uma propriedade

² A observação entre parênteses é da pesquisadora.

maior. Minha propriedade hoje pra me manter eu teria, mas não teria condição de dar pro meus filhos o que eles precisam. Não porque não tem recurso, mas se fosse... Se eu tivesse o dobro da propriedade com certeza eu ia pra lá... se tivesse a subsistência, que fosse viável, porque um ano pode dar bem, o outro mal, mas na média teria que dar bem. No campo se você for financiar e der uma ano ruim de lavoura, você tem que passar aquele ano e o próximo pra pagar o financiamento, daí você teria uma despesa pessoal que não teria como cobrir. É dessa parte que eu falo. A partir do momento que você tem o plantio pago que se der frustração de safra você não fique devendo pra ninguém, aí daria pra manter. Tem que ter o giro.

Essas falas deixam clara a ideia de que a relação do agricultor familiar com seu trabalho é ímpar. Sendo a família o centro da organização da produção; a quantidade de membros, sua idade e sua condição física também influenciam nas atividades exercidas e nas que não são executadas (CHAYANOV, 1974). Embora todos trabalhem, e a divisão desse trabalho obedece à faixa etária e gênero dos membros, o ganho não é dividido em salários individuais, mas sim usado para o gasto e investimento de toda a unidade familiar.

Lamarche (1993) considera que a exploração camponesa é um modelo de exploração agrícola que se define por inter-relações entre organização de produção e consumo; trabalho familiar sem lucro; objetivos de produzir valor de uso para os seus produtos. A economia camponesa não é, então, um modo de produção, mas sim uma forma de organização da produção (WANDERLEY, 1998).

A experiência relatada pelo agricultor 11 ilustra que a ausência de mão-de-obra pode ser, inclusive, fator condicionante para a mudança do trabalho de orgânico para convencional:

Agricultor 11: É que nem nós tamo vendo, cada vez ta menor a mão-de-obra. De repente, até não vou dizer que não, eu to pensando em plantar convencional, não transgênico, transgênico não. Até conversei com o J. (técnico) que por causa de problema de saúde do meu mano e do meu pai que agora começou de novo, eu não tenho mais mão-de-obra pra poder plantar orgânico. Então eu ia passar pro convencional, eu não queria, mas a situação obriga a fazer isso! Não tem mão-de-obra!

Vivenciando situação semelhante, a agricultora 8 relata que, por um tempo, ela e o marido optaram pelo plantio de fumo como meio para superar o impasse econômico que viviam. Como a mesma ressalta, ao se “reerguerem” economicamente o casal optou novamente pelo plantio orgânico.

Agricultora 8: A gente já ta vivendo num lugar difícil pra plantar orgânico... O que a gente sempre queria... nunca queria, nunca tinha ideia pra trabalha com veneno... Comecemo a trabalhar com veneno porque comecemo a plantar fumo, porque nós tava falindo... E daí comecemo a planta o fumo e do fumo sobrava o soja... Com o fumo nós pagava as conta e o soja sobrava. Por que ele (o fumo) qualquer cantinho dá dinheiro, é mais pesado pra trabalhar, é tudo serviço braçal, mas ele dá dinheiro, então por

isso que a gente plantou, mas a gente plantou uns 8 ano, pra pode dá a volta por cima, porque nós tinha... Essa terra era as meia com meu irmão e ele logrou muito nós, aí nós se quebreo mesmo, porque ele era separado da mulher – até esse eucalipto ali tá tratado que é dele, aí nós paguemo esse pedaço de terra, esse perdemo – então nós se quebreo! Acho que uns três ano seguido aí que não deu safra naqueles ano... Então foi bem difícil pra nós na época. O fumo foi uma saída pra nós dá um jeito, consegui se levanta de novo, pra ficar na agricultura... se não não sei onde nós tava, de certo debaixo de uma lona! Porque se vendia a terra na época só pagava as conta que tinha.

Sobre o agricultor familiar, Wanderley (2003) ressalta que mesmo integrado ao mercado e atendendo suas exigências, a permanência do caráter familiar não é um paliativo, mas sim uma lógica de trabalho. A família permanece inspirando e orientando as decisões tomadas pelo agricultor em vista das situações e dos contextos nos quais ele está inserido. A tradição toma aí uma posição central e também pode ser apontada como portadora do vínculo estabelecido entre o agricultor e a terra. Vínculo esse que no discurso de alguns dos agricultores refere-se à manutenção de um trabalho orgânico, que rechaça a utilização do veneno pela percepção de que este é um agente que modifica algumas das características naturais presentes em seu ambiente, do qual; é importante ressaltar, o agricultor se vê fazendo parte. Segue o relato de uma experiência com o uso de veneno, contada pelo agricultor 9:

Agricultor 9: Eu nunca usei veneno, sempre fui orgânico... Usei uma meia hora quando eu morava nas Duas Barras na época da mecanização... Isso foi em 82, por aí... Não, foi bem antes! Ixi, foi na época de 70 que entrou a mecanização e daí entrou o veneno em pó... o mata tudo, aquele que se a pessoa ficasse lá no meio da roça morria também. Eu passei em mais ou menos um alqueire, numa meia hora, com aquela maquininha. Peguei de atravessado porque o vento ia contra os carreiro... se você pegar o carreiro é mais fácil e o soja é assim, minado de lagarta... Então eu passei aquele veneno, comecei numa ponta e terminei lá na outra e já tinha os bichinho caído, já tavam morrendo, então eu disse: “eu também vou sair daqui antes que eu caia aqui no meio da roça”. Naquele ano morreu bastante gente, eles não conheciam, achavam que era tudo coisa muito simples... não conheciam o veneno, aquele catinguento de raposa, né!? Eu não me lembro o nome, mas aquele matava tudo mesmo. Eu, o meu cunhado morava ali embaixo, e tinha um que matava o capinzinho que dá nos potrero, dizem capim branco, eu não sei o nome, e daí era um pó verde que usava na água e pegava uma vassorinha, porque não tinha nem máquina pra usar, e eu botei também, mas não funcionou e eu não usei mais. Não adiantou, não funcionava... Era tudo experiência eu acho... E depois daquilo não usei mais nem pra inseto, nem pra nada.

Fruto de uma observação, o agricultor 4 relata a comparação que faz entre a terra de cultivo orgânico e a terra em que se cultivava transgênico:

Agricultor 4: Eu sempre digo que no orgânico você prepara a terra e é cheio de sapinho e bichinho pulando e no transgênico você não vê nenhum, nada. Pode olha ali, tu dá uma mexida no meio das palha e sai os bichinho e minhoca essas coisa assim em qualquer parte que tu vira ta cheio. Agora aquelas terra ali... Isso é um asfalto, tu não acha nada dos bichinho. Quando eles passam veneno lá muitos morrem, ali tinha um lebrão, fui lá no ninho deles achar... a mãe deles comeu as folha e morreu ela e os novinho tudo. E o cara ali, pras pomba não ir ele boto umas coisarada e morreu tudo as pomba, as galinha... Tem que botá na cadeia! Eles passam um veneno tão forte... Mas deixa o bichinho, a

pomba ir lá comer uma sementinha ou duas. Isso aqui, o povo, tem gente que é um assassino contra bicho e coisarada.

Percebe-se que, para o agricultor familiar, o meio ambiente não é visto apenas como um campo de onde ele retira a produção. A vida presente na natureza também é considerada como importante; então, preservá-la é fundamental para o equilíbrio das condições de seu trabalho. O relato do agricultor 4 traz um apelo à sustentabilidade ao demonstrar sua indignação com respeito aos abusos cometidos contra os animais. Cabe ressaltar que por sustentabilidade se entende a relação harmônica entre a melhoria de condições econômicas da população aliada à preocupação e preservação do meio ambiente (MONTIBELLER-FILHO, 2008). A exploração agrícola, neste caso, não é unilateral; assim como ocorre a busca pelo sustento através do cultivo da terra, há a correspondência na manutenção e preservação da fauna e flora presentes no ambiente. Nesse sentido, Leff (2000, p. 45) considera que:

A natureza é administrada, explorada, conservada, transformada, através de formas de valorização e de significação que provêm da cultura. O que está em jogo nas estratégias de poder em torno da conservação ecológica no processo de globalização é a confrontação da via marcada pela apropriação científica e a valorização mercantil (os direitos de propriedade intelectual e econômica), frente aos diversos significados culturais atribuídos à natureza. A gestão ambiental num regime democrático implica uma gestão participativa da população no processo de produção. A encruzilhada pela sustentabilidade é uma disputa pela natureza e uma controvérsia pelos sentidos alternativos do desenvolvimento sustentável. Ela faz com que a sustentabilidade tenha como condição inevitável a participação dos atores locais, de sociedades rurais e comunidades indígenas, a partir de culturas, seus saberes e suas identidades.

Tal como o conceito que construíram a respeito do ambiente, é preciso ter em conta as inúmeras peculiaridades concernentes ao agricultor familiar para que se possa chegar a uma compreensão mais ampla sobre suas representações sociais de trabalho e de saúde mental. Ao buscar entender o agricultor, é preciso observar e compreender seu meio, sabendo que um não se separa do outro. Sua relação de trabalho não é de exploração, mas de correspondência, na qual ele mesmo identifica o dinamismo contido na execução do trabalho e nas modificações geradas para um contexto. O comportamento do agricultor se constrói com base no vínculo que ele cria entre si mesmo e sua terra. Ele percebe responsabilidades nas quais procura ser

honrado; ele busca devolver tudo o que identifica ter recebido. A lógica de trabalho é então também uma lógica de respeito e gratidão. Para o agricultor familiar, vida e trabalho acontecem juntos porque seu modo de trabalhar é seu modo de viver.

CAPÍTULO 2

SAÚDE MENTAL E TRABALHO: AS REPRESENTAÇÕES DOS SUJEITOS DA PESQUISA

A construção de uma visão mais realista sobre o homem e o mundo requer que a própria realidade seja revista ou analisada sob os diversos ângulos e temas em que se apresenta. Assim, a fim de cumprir com o objetivo desta pesquisa, a temática abordada neste segundo capítulo, traz em si a indispensável discussão sobre o papel do trabalho na constituição humana e sua relação com a saúde mental.

No primeiro tópico, encontra-se o conceito de trabalho e sua influência no mundo rural contextualizado social e economicamente. A seguir, discute-se o lugar do trabalho na constituição humana, ou seja, como se chegou a compreender que ele é um dos eixos que sustenta o ser humano como tal. O terceiro tópico aborda a discussão das representações sociais dos agricultores sobre o trabalho; delimitando assim algumas de suas condições objetivas. No tópico final, onde surge a relação entre conceito de saúde mental e conceito de trabalho, é possível visualizar a não ocorrência de sofrimento mental derivado do trabalho rural segundo as concepções dos agricultores, e estabelecer o vínculo do conceito de saúde com o conceito de trabalho.

2.1 A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO CONCEITO DE TRABALHO E SUA INFLUÊNCIA NO MUNDO RURAL

Em termos de conceito, o processo de trabalho equivale originalmente ao próprio trabalho, devendo ser considerado independente de qualquer forma social determinada, já que isso, situaria o trabalho temporalmente e deixaria de apresentar seu caráter construtivo inicial (MARX, 1985).

Borges e Yamamoto (2004), ao abordar a origem etimológica da palavra trabalho, associam-na aos termos *tripalium* e *trabacula*, vocábulos de origem latina vinculados à prática de tortura. Para Dejourns (2004, p. 28) “o trabalho é aquilo que

implica, do ponto de vista humano, o fato de trabalhar: gestos, *saber-fazer*, um engajamento do corpo, a mobilização da inteligência, a capacidade de refletir, de interpretar e de reagir às situações; é o poder de sentir, de pensar e de inventar, etc.” Já, Codo (1997) entende que o trabalho representa uma relação de transformação dupla entre o homem e a natureza que oferece como resultado a construção de significado.

Nesse sentido, o acesso às concepções ideológicas sustentadoras do trabalho capitalista e sua possível transformação, por exemplo, estão mais ao alcance de uma fatia da sociedade e menos ao alcance de outra. Assim, surgem as noções de trabalho concreto e trabalho abstrato.

Aquela classe representada pelos indivíduos que historicamente formam o grupo pensante, idealizador e realizador do trabalho abstrato, está em contraposição à classe operária; aquela que, ausente das condições formativas necessárias para o trabalho complexo, realiza o trabalho simples, o concreto. À primeira é dada a oportunidade de dirigir e reformar, à segunda cabe o concretizar, o colocar mãos a obra. Nas palavras de Neves e Pronko (2008, p. 23):

Na dupla condição de trabalho concreto e de trabalho abstrato, o trabalho simples e o trabalho complexo vão tendo suas características reconfiguradas, em boa parte, devido às mudanças na divisão técnica do trabalho e a decorrente hierarquização do trabalho coletivo, bem como das diferentes composições históricas das classes sociais. Essas alterações incessantes na configuração do trabalho simples e complexo, no capitalismo, estão relacionadas às necessidades do constante aumento da produtividade do processo de trabalho – mais especificamente da força de trabalho – e às necessidades de sua conformação ético-política às incessantes alterações das relações sociais capitalistas, tendo em vista a sua reprodução – e, concomitantemente, ao estágio de organização das classes dominadas com vistas à defesa de seus interesses econômico- corporativos e ético-políticos.

Assim, o trabalho simples/concreto e complexo/abstrato, inseridos na lógica capitalista sofrem modificações segundo as mudanças na demanda de produção. Da mesma forma, a capacitação para o trabalho precisa ser adaptada, já que o grau de especialização e encaixe do trabalhador ao seu labor dependerá prioritariamente de seu nível de formação e experiência prévia.

Por ocasião dessas condições, o trabalho simples – fruto de uma condição predominantemente prática, derivada da lógica agrária de que possui o local de trabalho como local de formação – passa pela adaptação imposta a partir da organização científica do trabalho. O conceito ganha elementos teóricos básicos e

gerais, constituintes da racionalização do processo de trabalho, elemento central das funções urbano-industriais, nas quais a escola, cada dia mais generalizada, se torna o local específico de formação laboral (NEVES e PRONKO, 2008).

Nesse contexto, o capacitar-se a partir do trabalho dá lugar ao capacitar-se para o trabalho. Borsoi (2007) afirma que “durante muito tempo, o trabalho humano não foi pensado como parte do conjunto de aspectos significativos da vida das pessoas”, agregando ainda que

A atividade humana chamada trabalho praticamente tem se restringido àquilo que Hanna Arendt (2001, p. 159) denomina labor, ou seja, uma atividade vinculada à sobrevivência imediata e que se perpetua na repetição dos gestos e do que ela produz; uma atividade na qual o trabalhador não domina o processo e não detém o produto, sendo servo e não senhor da matéria que trabalha (BORSOI, 2007, p. 104).

A da autora deixa ver a separação entre o trabalho, o trabalhador e o resultado material do processo, característica que está relacionada ao advento da Revolução Industrial, momento em que ocorreram mudanças tanto na possibilidade de produção dos meios de trabalho, como na possibilidade de idealização do produto como forma de mover a vontade do trabalhador para a ação.

A partir do surgimento da maquinaria industrial, as transformações nas relações de trabalho se tornaram imperativas, tendo em vista as necessidades que esse novo meio de produção requeria. Por um lado, o investimento necessário para aquisição de máquinas somente era possível para uma parcela da população, que passou a ser proprietária dos meios de produção. Aos demais coube a possibilidade de venda da força de trabalho, já que a manutenção dessas máquinas, por ser dispendiosa, precisou tornar viável uma série de adaptações, entre elas, transformar o trabalho em um produto que pudesse ser comercializado tal como as demais matérias-primas necessárias ao funcionamento da indústria (MARX, 1985; POLANYI, 1944).

Polanyi (1944) entende que, sendo complicadas e dispendiosas, as máquinas somente seriam rentáveis se produzissem uma considerável quantia de mercadorias. Paralelamente, a certeza de não prejuízo só se consolidava com a garantia da venda da produção industrial. Para tanto, a possibilidade de falta de matéria-prima precisaria ser eliminada, e isso somente seria possível quando todos os fatores envolvidos com

a produção pudessem estar à venda, em quantidade necessária, a todos que pudessem pagar por eles.

A partir daí, para dar liberdade à produção industrial, as transações passaram a ser monetárias. Pela garantia do contínuo provimento da matéria-prima industrial, as indústrias tiveram a possibilidade de utilizar as máquinas e obter maior rentabilidade; . Essa modificação requereu uma completa transformação social, pois a sociedade agrícola de até então tinha como motivação a produção e a organização do sistema econômico essencialmente voltado às necessidades de subsistência, fixando o controle social nos princípios de centralidade, redistribuição e reciprocidade.

A possibilidade de reverter todas as relações entre os atores e os produtos da indústria em transações monetárias requereu a introdução do lucro nesse contexto que, por sua vez, necessitou de uma mudança na motivação econômica dos sujeitos; que passava a ser, então, de subsistir para lucrar (POLANYI, 1944).

A Revolução Industrial, por suas características, foi uma revolução “tão extrema e radical quanto as que sempre inflamavam as mentes dos sectários” e fez nascer um novo credo de ordem totalmente material, segundo o qual todos os problemas humanos poderiam ser resolvidos com a conquista de uma quantidade ilimitada de bens materiais (POLANYI, 1944, p. 58).

Sobre esse aspecto, cabe salientar que o trabalho real ocorre com a apropriação da natureza, tendo em vista a satisfação de necessidades humanas; uma atividade mediada pelo metabolismo entre o homem e a natureza. Nesta mesma linha, a riqueza material e os valores de uso são produtos da natureza modificada pelo trabalho, que por sua vez é transformado a partir de sua introdução no mercado como bem passível de compra e venda (MARX, 1985; FOSTER, 2005).

Por outro lado, os reflexos promovidos pela modificação do trabalho a partir da industrialização se fizeram ver também no meio agrícola, principalmente porque a produção agrícola é essencial para a manutenção da produção industrial. Lutzenberger (2001) considera que a indústria tem se apropriado de forma crescente da atividade dos agricultores, deixando a cargo deles a parcela de maior risco envolvida com a produção, representado pela possibilidade de ocorrência de mau tempo e pela dependência de insumos adquiridos a preços sempre mais elevados, obrigando-os a vender seus produtos por preços, cada vez menores.

Pugliese (1985, p. 150 apud LAURENTI, 1996, p.14) destaca algumas das principais características que a lógica moderna de trabalho e gestão da produção gera para a unidade produtiva agrícola:

A unidade de produção agrícola se converte na sede física de uma serie de atividades que podem ser realizadas: a) Com maquinas, equipamentos e outros meios de produção que não pertencem ao estabelecimento... b) Com mão-de-obra empregada e paga por agencias externas ao estabelecimento... c) A partir de decisões (de tipo de cultivo, características dos tratos culturais) não tomadas pelo estabelecimento rural, senão impostas por indústrias, cooperativas ou empresas comerciais...

Esse contexto possibilita observar a separação, própria da produção capitalista, entre meios de produção e trabalhador. Dessa forma, mesmo no meio rural, especialmente quando nos referimos ao agronegócio, uma vez que para o agricultor familiar a lógica é diferente, se pode perceber que o trabalhador acaba separado da possibilidade de idealização ou projeção acerca do resultado de seu esforço, característica própria do trabalho humano; estando fadado a se submeter à necessidade de venda da própria força de trabalho como meio de subsistência (MARX, 1985).

Polanyi (1944) considera que a possibilidade de venda do trabalho, transformado então em mercadoria junto à terra e ao dinheiro, concede à economia a oportunidade de se tornar mais autônoma, talvez auto regulável, fato que faz com que as relações sociais sejam substituídas, em termos de importância, por relações puramente econômicas. Inverte-se, assim, o centro de referência cultivado até então nos grupos sociais. Com essa nova economia surge uma nova sociedade, baseada prioritariamente em valores econômicos, o que afeta profundamente a manutenção do equilíbrio na organização do trabalho e da produção na exploração dos recursos naturais e nas relações de confiança entre os seres.

Polanyi (1978) considera que o ponto crucial da transformação foi que, ao serem considerados como mercadoria, trabalho e terra foram tratados como se tivessem sido produzidos para a venda. Na ótica desse autor, o tratamento é inteiramente fictício, uma vez que, no caso da terra, nem sequer é produzida, e no caso do trabalho não o era para a venda. Nesse sentido, afirma que:

Havia agora oferta e procura de trabalho; havia oferta e procura de terra. Havia, por conseguinte, um preço de mercado para o uso da força de

trabalho, chamado salário, e um preço de mercado para o uso da terra, chamado renda. Ao trabalho e à terra foram agora atribuídos mercados próprios, tal como acontecia com as mercadorias que eram produzidas por seu intermédio. O verdadeiro alcance de um tal passo pode ser entendido se nos lembrarmos que *trabalho* é apenas um outro nome para *homem e terra* para *natureza*. A ficção de que eram mercadorias confiou o destino do homem e da natureza ao funcionamento caprichoso de um autômato marchando pelos seus próprios pés e governando-se pelas suas próprias leis (POLANYI, 1978, p. 4).

Num contexto em que o mercado estaria livre para “marchar por seus próprios pés”, o homem, enquanto ator social tende a desaparecer. Touraine (1994) considera que a imagem da modernidade é a imagem do vazio, ou seja, de uma economia fluida e de um poder sem centro, onde a sociedade é muito mais de troca do que de criação. Esta sociedade está ausente de atores na medida em que, antes confundidos, agora sujeito e objeto estão sempre mais separados, criando por consequência a falsa noção de independência, de não influência recíproca.

Navarro (2002), em análise acerca da transformação da agricultura na modernidade, entende que o período de 1950 ao início da década de 1980 foi de principal influência nas modificações do cenário agrícola. Esse autor considera que tal período materializou um novo padrão de civilização e novos comportamentos sociais que se constituíram a partir da promessa de desenvolvimento fixada no centro da possibilidade de crescimento econômico.

A partir desse período, surge uma nova compreensão da agricultura, que paulatinamente se tornou hegemônica. Alicerçada na chamada Revolução Verde, rompeu radicalmente com as formas de produção anteriores por meio da utilização de um novo padrão tecnológico. Sobre esse contexto, Navarro (2002, p.14) entende que essa nova agricultura “integrou fortemente as famílias rurais a novas formas de racionalidade produtiva, mercantilizando gradualmente a vida social e, em lento processo histórico, quebrando com a relativa autonomia setorial que em outros tempos a agricultura teria experimentado.”

Dessa forma, a agricultura se inseriu na lógica moderna de produção, a partir da necessidade de adequar-se, de forma competitiva, aos mercados fixados e movidos pela racionalidade industrial capitalista. O mundo rural passou a se subordinar como uma peça dependente dos interesses, classes, formas de vida e consumo urbanas (NAVARRO, 2002).

Os motivos econômicos de tal mercantilização justificavam-se em si mesmos em um mundo a parte, criado pela perspectiva do mercado autorregulável. O indivíduo foi então obrigado a se subordinar às ações do mercado para não sucumbir sob o mesmo. Essa conversão forçada modificou a maneira como o homem promovia sua relação com a natureza e com o trabalho; e perverteu, talvez por consequência, a autocompreensão do homem ocidental. (POLANYI, 1944; POLANYI, 1978)

Sobre isso, Levigard e Rozemberg (2004), a partir da pesquisa que realizaram sobre queixa dos nervos³ entre os agricultores, entendem que o desenvolvimento do capitalismo dentro da realidade brasileira interferiu diretamente nos saberes tradicionais dos pequenos agricultores, chegando a destruir a utilização de policultura e a levá-los ao trabalho assalariado. Essas populações foram obrigadas a criar vínculos com instituições bancárias, com vistas a obter crédito, bem como oferecer seus produtos por preços fixados a partir do mercado urbano; e, por fim, margem de lucro passou a ser delimitada por agentes agrícolas intermediários desacordes com os efetivos gastos da produção. Todas essas modificações foram associadas, pelas autoras, a mudanças no padrão de morbidade e mortalidade desses agricultores, e ainda ao aumento representativo de doenças cardiovasculares e mentais, assim como de acidentes de trabalho e utilização de agrotóxicos.

Sobre a utilização de agrotóxico, Araújo *et al* (2007) afirmam que o Brasil passou a utilizá-los principalmente a partir da década de 1970, quando o crédito bancário possibilitou a compra dos mesmos. Atualmente, segundo os mesmos autores, o número de pessoas envenenadas no mundo, com a utilização deste tipo de substâncias, varia entre 500 mil e 2,9 milhões. Os principais responsáveis pela ocorrência de algum tipo de doença são os organoclorados e organofosforados, que possuem atividade neurotóxica. A justificativa para o uso desse tipo de pesticida estaria na demanda do mercado:

Para atender à crescente demanda de frutas, grãos e hortaliças, os agricultores têm sido estimulados a utilizar uma grande variedade de produtos

³Levigard e Rozemberg (2004, p. 1516) utilizam a expressão “queixa dos nervos” a partir da conceituação de nervoso, sendo esta uma “categoria semântica plástica, que transcende os enquadres biomédicos ou psicopatológicos, abrangendo as relações entre a corporalidade e as dimensões da vida social, enlaçando manifestações pessoais e coletivas, ideológicas, religiosas e emocionais. A compreensão do modo como as vivências do nervoso são referidas no cotidiano possibilita estabelecer um elo entre as queixas individuais e as tensões sociais, assim como outros determinantes presentes na organização do trabalho, da saúde e do ambiente dos grupos que estão vivendo o problema.”

para aumentar a produtividade e reduzir as perdas das safras. Isto tem levado ao uso indiscriminado de agrotóxicos, colocando em risco a saúde dos produtores, do meio ambiente e dos consumidores (ARAÚJO *et al*, 2007, p. 116).

O pano de fundo de toda essa transformação esteve fixado na ideia de que o desenvolvimento econômico promoveria, como consequência, o desenvolvimento social. Mais tarde foi (e ainda está sendo) possível observar que essa relação não é assim tão direta. Nas palavras de Navarro (2002, p. 15), “a transformação social e econômica e a melhoria do bem-estar das populações rurais mais pobres foi entendida como o resultado “natural” do processo de mudança produtiva na agricultura.”

Essa equivocada perspectiva que une modernização à consequente bem-estar social foi relacionada por Touraine (1994) à imagem da decolagem. Essa representação apresenta um primeiro passo compreendido no esforço violento que levaria as sociedades ao arranque do chão das tradições. A partir daí se viveria uma fase de desequilíbrio, turbilhões e perigos que daria lugar à tranquilidade e à estabilidade da velocidade de um cruzeiro, como recompensa consequente dos esforços anteriores. Nesta última fase seria possível esquecer os pontos de partida e de chegada, desfrutando da libertação das exigências ordinárias. O mesmo autor explica essa imagem ao afirmar o seguinte:

Esta ideia está muito presente hoje, como se cada país tivesse que se impor um século de duros esforços e de conflitos sociais antes de entrar na tranquilidade da abundância, da democracia e da felicidade. Os primeiros países industrializados já teriam saído da zona de tempestades, os novos países industriais, como o Japão e outros na Ásia, ainda estariam em pleno esforço, enquanto muitos outros esperariam com impaciência o momento de entrar nesse purgatório de modernidade. Esta visão otimista das etapas do crescimento econômico não resiste a um julgamento mais realista sobre o mundo atual, transtornado e dilacerado há um século, e onde só cresce o número daqueles que morrem de fome (TOURAINÉ, 1994, p. 225).

A promessa de desenvolvimento que nasce com a modernidade, junto a todos os reconhecidos ônus sociais e ambientais que carregava ao ser vivida por alguns países em particular, chega a ser vista como demasiadamente otimista, seja pelos diminuídos resultados (em relação à perspectiva inicial) que traz, especialmente em termos de desenvolvimento rural, seja por outras dificuldades, principalmente de índole ambiental, surgidas e fixadas nas agendas mundiais como pontos pendentes de solução (NAVARRO, 2002).

A noção de desenvolvimento rural foi, e ainda permanece em partes, relacionada ao ímpeto modernizante, característica desta época. No caso brasileiro, os governos militares dos anos 1970 criaram conjuntos de programas que foram implementados nas regiões mais pobres do país, sobretudo no Nordeste, visando ao desenvolvimento rural, ao passo que nas demais regiões seguiram com o modelo hegemônico de modernização agrícola. A transformação das condições sociais e econômicas unida à melhoria do bem-estar de algumas dessas populações rurais foi entendida como consequência natural do processo de mudança produtiva na agricultura. Essa mudança produtiva foi associada à aplicação de novas tecnologias a partir do novo padrão tecnológico criado. Dessa forma, teceu-se uma espécie de virtuosa associação entre aumento de renda familiar e desenvolvimento rural (NAVARRO, 2002).

Polanyi (1944) traz uma reflexão acerca da real função do Estado em circunstâncias como esta, considerando que o papel do governo está justamente em cadenciar o ritmo das modificações que o progresso econômico demanda. Assim, o termômetro para o andamento das mudanças estaria fixado nos resultados das ações já efetivadas. Sobre este ponto, o mesmo autor afirma que, “se o efeito imediato de uma mudança é deletério, então, até prova em contrário, o efeito final também é deletério. [...] Assim, a comparação entre o ritmo da mudança e o ajustamento decidirá o que deve ser visto como resultado líquido da mudança.” (POLANYI, 1944, p. 56)

O Brasil, no âmbito rural, buscou adaptar sua realidade ao difusionismo tecnológico, que preconizava ações dirigidas e orientadas de caráter social e compensatório como uma alternativa às populações e regiões rurais que não conseguiam se modernizar e, por consequência estavam excluídas da economia e apartadas de setores como indústria, comércio e serviços (SCHNEIDER, 2010). As ações do Estado voltadas à compensação da pobreza, usadas como paliativos, se tornaram mais intensas que ações de reversão do problema social e econômico vivenciado.

Abramovay (2010, p. 98) considera que

As conquistas recentes na luta contra a pobreza, no Brasil, padecem de dois problemas fundamentais: de um lado, apesar da redução na desigualdade de renda, persistem as formas mais graves de desigualdade no acesso à educação, à moradia, a condições urbanas dignas, à justiça e à segurança. Além disso, os padrões dominantes de produção e consumo apóiam-se, sistematicamente, num processo acelerado de degradação ambiental muito mais vigoroso do que o poder da legislação voltada à sua contenção. Pior: o

Brasil não está se aproximando da marca dominante da inovação tecnológica contemporânea, cada vez mais orientada a colocar a ciência a serviço de sistemas produtivos altamente poupadores de materiais, de energia, e capazes de contribuir para a regeneração da biodiversidade.

As organizações civis, organizações não governamentais e as cooperativas ganham corpo e diversidade; e suas ações tendem a superar as falhas na intervenção do Estado, principalmente no sentido de inserir socialmente, dar condições de sobrevivência, e de acesso à saúde e educação a comunidades mais pobres (SCHNEIDER, 2010).

Segundo Schneider (2010, p. 513), “pode-se dizer que a sociedade civil readquiriu e ampliou a diversidade de formas de expressão de sua complexidade política; o que, sem surpresa, acaba estimulando conflitos e disputas, e às vezes revelando suas contradições.” Nessas contradições está o fato de que, ao se colocar como intermediárias entre governo e população, tais organizações tomaram para si funções relacionadas à educação, saúde e assistência social, antes competências exclusivas do Estado. Os atores sociais foram adquirindo um papel de vigilância e controle das ações do Estado com mais capacidade de participação e maior peso em discussões sobre estrutura, gestão e governança de políticas públicas. A valorização consequente dessa mobilização dos atores sociais se tornou tão ou mais importante que as ações que promoviam.

Esse contexto ganha importância ao relacionar-se a agricultura familiar, antes marginalizada pela ascensão da modernidade e suas características globalizantes. Schneider (2010, p. 513) destaca o fato ao afirmar que

O primeiro, e talvez o mais importante, fator a ser destacado está relacionado com a trajetória das discussões em torno da agricultura familiar e de seu potencial como modelo social, econômico e produtivo para a sociedade brasileira. Por certo, tanto a agricultura familiar como os agricultores que hoje são assim denominados sempre existiram, e não se trata de uma novidade. Mas é mister reconhecer que foi na primeira metade da década de 1990 que esta noção se firmou como uma categoria política, sendo em seguida assimilada por estudiosos e por formuladores de políticas, o que lhe confere atualmente uma extraordinária legitimidade a tal ponto de se constituir como referência em oposição a outras noções igualmente poderosas, como a de agronegócio, por exemplo.

É interessante destacar que a agricultura familiar como categoria política não está ausente nas relações de mercado, mas, por outro lado, consegue movimentar-se com mais independência em relação às imposições deste. Nesse sentido, a

produção desta parcela de agricultores esteve presente em países capitalistas avançados, sendo capazes de produzir excedente e desempenhar papel importante na economia destes países (SCHNEIDER, 2010).

Surge, a partir o autoconsumo, característica amplamente compartilhada entre os agricultores familiares, uma possibilidade de autonomia frente às exigências do mercado; já que, é justamente o autoconsumo o responsável pela reprodução do grupo doméstico de forma a torná-lo cada vez menos dependente das condições externas à unidade de produção para reproduzir. Grisa e Schneider (2008, p. 101) expressam que “É por meio da produção para autoconsumo que o agricultor familiar não depende, totalmente, do ambiente social e econômico em que está inserido e, principalmente, não depende das constantes flutuações das condições de troca no mercado”.

Conforme Perondi (2009), ao contrário de previsões formadas nos anos 1970; por iniciativas internas dos atores sociais, a região Sudoeste do Paraná, mesmo estando submetida a um processo de mercantilização, tornou-se capaz de diversificar e demonstrar que a uniformidade produtiva não se constitui em um fenômeno inexorável.

Por um lado, a mercantilização provoca a adoção tecnológica, a especialização e a organização da produção, mas também pode levar à criação de estratégias para manutenção de parte da independência das relações de mercado.

Cabe salientar que os sistemas econômicos das sociedades pré-modernas existiram e possuíam grande coesão, porém funcionavam respaldados pelas relações sociais que neles formavam o centro do grupo. Assim, não é a inexistência de mercados ou a completa independência destes que marca a possibilidade de relações de trabalho mais coerentes, mas sim, a predominância das relações sociais sobre as econômicas, fato que é impossível em uma econômica de mercados predominantemente autorreguláveis. (POLANYI, 1944)

Polanyi (1944, p. 97) considera ainda que:

Desconsideramos, levados pela pressa de não perder o trem da história, o fato de termos uma história particular, em que o sentido da colonização, o modo como temos feito andar a vida, é uma âncora que nos liga às formas como nos relacionamos, às construções de significado sobre o trabalho, às opções organizativas particulares que fazemos, as quais, sem que anunciemos, resistem a modelos modernizadores externos.

Para chegar a essa ampla compreensão da construção da realidade, é necessário ter em mente a diversidade de cada indivíduo e de cada cultura simultaneamente. Assim, cabe considerar que:

A procura de uma democracia industrial não é apenas a procura de uma solução para os problemas do capitalismo, como muita gente imagina. É a procura de uma resposta para o problema criado pelo próprio facto da indústria. Aqui reside o problema concreto da nossa civilização. Uma tal reorganização requer uma liberdade interior para a qual estamos muito mal preparados. Nós próprios nos encontramos imbecilizados pela herança de uma economia de mercado que nos legou ideias ultrasimplificadas sobre a função e o papel do sistema económico na sociedade. **Para que a crise seja vencida precisamos recuperar uma visão mais realista do mundo do homem, e moldar os nossos objectivos à luz desse reconhecimento** (POLANYI, 1978, p. 1, grifo nosso).

A construção de uma visão mais realista sobre o homem e o mundo requer que a própria realidade seja revista ou analisada sob os diversos ângulos e temas em que se apresenta. Estando a saúde mental e o trabalho em estreita relação com o objetivo desta pesquisa, convém, a partir da introdução do conceito de trabalho e da análise das consequências de sua transformação em mercadoria no âmbito rural, vinculá-lo à parte que o une à saúde mental.

2.2 TRABALHO, SUBJETIVIDADE E SAÚDE MENTAL

Codo, Soratto e Vasques-Menezes (2004) consideram que parte importante dos fenômenos estudados pela psicologia têm sua origem, são determinados e se constituem do trabalho. Isso acontece porque boa parte das atividades humanas são exercidas e levadas a cabo por meio do trabalho, o que faz inferir que estudando e compreendendo o trabalho se pode chegar a entender o ser humano. Cabe ressaltar que tal como têm feito, a psicologia “poderá cravar sua ‘origem’ no trabalho e buscar nele as causas dos fenômenos que estuda” (CODO, SORATTO E VASQUES MENEZES, 2004, p. 278).

Inicialmente, a busca pela vinculação entre o surgimento de doença mental e o contexto de trabalho estava voltada a fatores externos, considerados como possíveis causadores dos males sofridos pelos trabalhadores. Porém, em Psicologia, nenhum fator envolvido com a vida humana pode ser entendido como externo, tendo

em vista que ganha sentido no exato momento em que é internalizado pelo ser através da ação humana (CODO, SORATTO E VASQUES MENEZES, 2004).

Wisner (1994) entende que o trabalho carrega em si ao menos três aspectos, sendo eles o físico, o cognitivo e o psíquico. Cada um destes fatores pode determinar uma sobrecarga, ainda que a definição dos dois primeiros seja mais simples do que do último, que é menos visível que os demais. É interessante ressaltar que tais aspectos estão em constante inter-relação, ou seja, se um for afetado, os demais podem também sofrer algum tipo de impacto. Não há limites definidos sobre onde um aspecto começa e o outro termina, já que o trabalho não “se mostra” fora de um todo dinâmico que o caracteriza.

É possível encontrar em exemplos práticos uma explicação precisa acerca da existência e conexão entre os aspectos físico, psíquico e cognitivo. Wisner (1994) ilustra isso com a atividade de um entregador, considerando que:

A atividade de um entregador que serve as mercearias de uma cidade pode parecer essencialmente de natureza física. Numerosos estudos ergonômicos consideraram este aspecto e revelaram resultados interessantes. Mas não deve ser desprezada a dimensão cognitiva, pois na realidade ela pode ser predominante: escolha do itinerário, contagem das garrafas, controle das faturas e às vezes, do dinheiro. O aspecto psíquico do trabalho ora está oculto, ora é predominante: a atitude agressiva dos donos de mercearias em razão dos atrasos de entrega, mudanças de preços e dificuldades com motoristas por terem estacionado no meio da rua, diante da mercearia. Esta dimensão psíquica, que leva a um certo grau de sofrimento mental, pode às vezes explicar a alta rotatividade desses trabalhadores (WISNER, 1994, p. 14).

Com o exemplo acima, o autor demonstra evidências de que, seja qual for o trabalho realizado, mesmo que pareça ausente de um dos aspectos (físico, psíquico ou cognitivo), está, em realidade, composto pelos três.

Borges e Yamamoto (2004) apresentam uma classificação em que o trabalho seria composto por várias dimensões relacionadas entre si, podendo ser subdivididas entre condições objetivas e subjetivas. Fariam parte das condições objetivas do trabalho as dimensões concreta, gerencial e socioeconômica. A condição subjetiva seria composta das dimensões ideológica e simbólica.

No primeiro caso, a observação do trabalho constitui-se em uma rica fonte de dados que pode fornecer a noção do nível de exigência que a condição objetiva requer do trabalhador. Como o mesmo não acontece com a dimensão subjetiva, cuja identificação depende do discurso do próprio trabalhador; não é possível separar

as condições objetivas e subjetivas do trabalho, já que este se compõe simultaneamente das duas. A união e inter-relação entre o discurso, as ações, as representações sociais construídas, o contexto social e econômico em que se vive, fatores familiares, entre outras muitas particularidades da história de cada um é que tornam possível uma análise mais ampla do trabalho na vida de cada sujeito.

Nesse sentido, o estudo das representações sociais dos trabalhadores, utilizado nesta pesquisa, colabora para deixar explícita sua concepção acerca da carga subjetiva contida no trabalho que realizam, bem como sua concepção de trabalho e de mundo. Nas palavras de Franco (2004, p.170)

Sabemos que as representações sociais são elementos simbólicos que os homens expressam mediante o uso de palavras e de gestos. No caso do uso de palavras, utilizando-se da linguagem oral ou escrita, os homens explicitam o que pensam, como percebem esta ou aquela situação, que opinião formulam acerca de determinado fato ou objeto, que expectativas desenvolvem a respeito disto ou daquilo... e assim por diante. Essas mensagens, mediadas pela linguagem, são construídas socialmente e estão, necessariamente, ancoradas no âmbito da situação real e concreta dos indivíduos que as emitem.

Entende-se que a representação social, presente no discurso de um indivíduo, está amarrada ao conjunto de valores e de impressões compartilhados por seu grupo. Arruda (2002, p. 134) a conceitua “não como uma cópia nem um reflexo, uma imagem fotográfica da realidade: é uma tradução, uma versão desta.”.

Seguindo esta linha, Borges e Tamayo (2001) conceituam o trabalho como uma cognição ao mesmo tempo subjetiva e social. Consideram que “varia individualmente, na medida em que deriva do processo de atribuir significados e, simultaneamente, apresenta aspectos socialmente compartilhados, associados às condições históricas da sociedade”. (BORGES e TAMAYO, 2001, p. 12)

Por isso, ao serem estudadas as representações sociais com vistas a alcançar o significado do trabalho, é indispensável conhecer as condições de contexto em que os trabalhadores estão inseridos. Sendo histórica e socialmente construídas, as representações estão ligadas a fatores socioeconômicos, culturais e étnicos; expressados por meio de mensagem ou pela diversidade de práticas sociais presentes em um contexto (FRANCO, 2004).

Ainda sobre a utilização das representações sociais, Franco (2004, p. 170) entende que:

Há que se considerar que as representações sociais (muitas vezes idealizadas a partir da disseminação de mensagens e de percepções advindas do “senso comum”) sempre refletem as condições contextuais dos sujeitos que as elaboram, ou seja, suas condições socioeconômicas e culturais. Daí a importância de conhecer os emissores não somente em termos de suas condições de subsistência ou de sua situação educacional ou ocupacional. É preciso ampliar esse conhecimento pela compreensão de um ser histórico, inserido em uma determinada realidade familiar, com expectativas diferenciadas, dificuldades vivenciadas e diferentes níveis de apreensão crítica da realidade.

A virtude de ser preditiva é conferida à concepção de mundo sustentada pelo sujeito, neste caso, trabalhador, uma vez que, ao imprimir valores e conceitos no sujeito, chega a determinar a orientação que conferirá à sua ação (FRANCO, 2004).

Relacionando as dimensões que compõem dinamicamente o trabalho aos movimentos históricos de modificação do mesmo, tem-se que, a partir da década de 1960, após a disseminação da organização científica do trabalho, surgem novas formas de gestão, como é o caso do toyotismo, que modifica o eixo das exigências feitas aos trabalhadores. Antes envolvidos em rotinas fisicamente desgastantes, a partir desse momento, sofrem um aumento significativo das exigências psíquicas. A união entre a rotina anterior e a necessidade de novas capacidades faz com que a dimensão psíquica carregue o maior impacto do trabalho (BORSOI, 2007).

Alguns estudos que utilizam a teoria das representações sociais trazem a temática do trabalho e saúde mental como uma das demandas que surgem por causa do efeito das formas de organização do trabalho existentes e suas consequências psíquicas para o trabalhador.

Para demarcar a existência do individual e do coletivo organizacional no aparecimento do sofrimento mental, Fernandes *et al* (2002) analisam as representações sociais de um grupo de enfermeiras em relação ao próprio trabalho. O foco do estudo está na transformação do sofrimento. Sendo tomado como o resultado da tensão entre o bem-estar e o trabalho, a transformação do sofrimento em patogênico ou em criativo é o que interessa à análise do estudo em tela. O que cabe ressaltar é que o sofrimento é tomado como consequência natural do exercício do trabalho, podendo ser bem ou mal encaminhado segundo fatores mais pessoais do que organizacionais. Os autores concluem que são as estratégias construídas para o enfrentamento do sofrimento no trabalho que determinam sua transformação positiva (sofrimento criativo) ou negativa (sofrimento patogênico), porém, a existência desse

sofrimento como derivação natural do trabalho é o que faz perceber certo desajuste entre a organização do trabalho e o trabalhador.

Vasconcelos e Faria (2008) consideram que o desenvolvimento do capitalismo fez com que a preocupação com a sobrevivência do corpo ocupasse o lugar da preocupação com a sobrevivência da mente, o que trouxe novas e desafiadoras demandas para a gestão da saúde nas organizações. Muitas doenças ganham importância, como o estresse, a síndrome de Burnout, depressão e fadiga crônica; porém, segundo a pesquisa divulgada por esses mesmos autores, com base na opinião dos próprios trabalhadores; o fundamento que sustenta os programas de saúde pauta-se em intervenções pontuais e paliativas que cuidam muito mais do efeito do que da causa e, por isso, afastam-se de uma real preocupação com a saúde do trabalhador.

O papel do trabalho tem se tornado mais complexo ao longo do tempo, e o ambiente laboral converteu-se em um cenário de inúmeras formações sociais das quais a vida física e psicológica do trabalhador estão em constante dependência. Para Liria e Álvarez (2004, p. 136) “la consideración del trabajo como único medio de subsistencia que la sociedad ofrece a quien no es propietario de capital, somete al trabajador, en primer lugar a la necesidad de lograrlo y, cuando lo logra, a la amenaza de perderlo”. A pressão envolvida nos movimentos de buscar um trabalho e lutar por não perdê-lo é enorme, e as formas de lidar com ela dependem de contextos individuais e sociais. Nesse sentido, o próprio ambiente de trabalho “ha pasado a ser un lugar en el que puede disfrutarse de relaciones interpersonales con compañeros que pueden ser fuente de importantes gratificaciones o sufrimientos” (LIRIA e ÁLVAREZ, 2004, p. 138) e, sendo assim, o ambiente envolvido por relações interpessoais significativas é que se converte em fonte de saúde ou fonte de doença. Conforme Liria e Álvarez (2004, p. 138),

Es muy frecuente que el medio interpersonal actual de los ciudadanos de nuestro tiempo esté integrado en una parte muy importante por compañeros de trabajo y que éstos sean los principales objetos de sus intereses afectivos, amorosos o sexuales.

De fato, para os indivíduos que integram a modernidade, o trabalho tem importância na geração e na manutenção da saúde mental e a forma como esta relação atua por meios cada vez mais complexos (LIRIA e ÁLVAREZ, 2004).

São muitos os estudos realizados nesta área; como os estudos de Carvalho e Felli (2006), Casas e Klijn (2006), Rigotto (2003), Sánchez e Silva (2010), Santos e Ceballos (2013), Tovar, Brasileiro e Brito (2008), Bernardo e Garbin (2011), os quais buscam entender o papel de modificações no processo produtivo, além de buscar encontrar e analisar as fontes de prazer e promoção de saúde mental que podem ser ampliadas nos ambientes de trabalho em favor dos trabalhadores.

Peres (2009), também tratando sobre a interface trabalho e saúde, busca compreender como se dá essa relação no âmbito rural. Para o autor, os problemas de saúde e ambiente enfrentados pela população do campo são em realidade um problema de desenvolvimento do país, considerando a relevância desses trabalhadores para o cenário econômico social brasileiro e a contingência cada vez menor de pessoas permanecendo neste tipo de função. Especificamente sobre a agricultura familiar, Peres (2009) entende que as mudanças produtivas associadas à intensificação da produtividade, à diminuição do pessoal ocupado nessas atividades e à pluriatividade têm sido fundamentais para o aumento dos problemas de saúde derivados do trabalho. Segundo esse autor:

O impacto da mecanização e do implemento de insumos químicos na agricultura familiar, nos últimos quarenta anos, produziram não apenas um incremento da produção agrícola nacional, mas também possibilitaram a emergência de novas formas de organização do trabalho na agricultura familiar, como as parcerias e os arrendamentos (meeiros, etc.) o que, segundo Alessi e Navarro, leva a um novo momento dessa agricultura familiar, marcado pela 'extensão da jornada de trabalho, intensificação do seu ritmo, pagamento por produção, decréscimo real do valor dos salários e descumprimento de direitos trabalhistas' (PERES, 2009, p. 1998).

Em termos de saúde e trabalho dentro da agricultura familiar, a principal preocupação tem sido a utilização dos agrotóxicos, visto o desconhecimento de seus efeitos a longo prazo, principalmente quando se trata de organofosforados. Há alguns determinantes para o estabelecimento desta preocupação, como a pouca assistência técnica para o manuseio de tais substâncias, as práticas exploratórias de vendas de insumos químicos, a não clareza a respeito das informações contidas nos rótulos, a pressão dos compradores para recebimento de um produto perfeito, a carência de controle sobre venda e utilização destes produtos. Com relação à produção de soja, problemas de saúde como dermatites, desregulação do ciclo celular e interrupção

endócrina são elencados como relevantes em função da relação entre tais doenças e contaminação por agrotóxicos (PERES, 2009).

Os dados acerca da saúde geral do trabalhador rural possuem maior visibilidade que os dados acerca de sua saúde mental. Contrariamente ao movimento que já ocorre de estudo e criação de programas de saúde capazes de atender às demandas da doença mental proveniente do trabalho em organizações urbanas, o meio rural ainda está desatendido no que corresponde ao estudo de suas formas de produção e impactos psicológicos (PERES, 2009).

Nesse sentido, no tópico seguinte, são apresentadas as representações sociais dos trabalhadores rurais sobre seu trabalho, o que nos dá pauta para ir além no estudo das mesmas e sua interface com a saúde mental.

2.3 AS CONDIÇÕES OBJETIVAS DO TRABALHO: O QUE DIZEM OS AGRICULTORES

Marx (1985, p. 149) afirma que “antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza”. Sendo entendidos como partes inseparáveis de um mesmo corpo, homem e natureza se relacionam, então, por meio do processo de trabalho. Assim, vendo a matéria natural como força natural, o homem põe em movimento sua corporalidade, representada por braços, pernas, cabeça e mão, com vistas a se apropriar dessa matéria natural para convertê-la em algo, numa forma útil para sua própria vida (MARX, 1985).

A relação entre homem e natureza permanece em movimento constante, ou seja; o homem, ao atuar sobre a natureza externa visando modificá-la, mesmo sem ter consciência da dialética contida no processo, acaba por modificar sua própria natureza, através da conformação da chamada condição humana (BOCK, FURTADO e TEIXEIRA, 2008). Assim, ao longo deste *continuum* ele desenvolve as potencialidades da natureza subjugando-as ao seu próprio domínio (MARX, 1985). Sendo o trabalho um universo de significados, as transformações que se operam nele ao longo do tempo e da história trazem mudanças no modo de o ser humano viver e subjetivar (GRISCI, 1999).

Há algo, porém, na gênese deste movimento, que torna o trabalho humano diferente daquele realizado pelas demais espécies animais. A atividade laboral realizada pelo homem, modificador das condições naturais e de si mesmo, não se trata de uma forma primitiva ou instintiva de trabalho (MARX, 1985).

Marx (1985, p. 150) elucida esta questão fazendo um contraponto entre a atividade humana e animal:

Pressupomos o trabalho numa forma em que pertence exclusivamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colméias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera.

Ao afirmar que o pior arquiteto construiu o favo em sua cabeça antes de construí-lo em cera, o autor dá ênfase à intencionalidade que caracteriza, segundo sua concepção, o trabalho humano. No processo de trabalho há, então, uma dialética própria que demanda a condição de subjetivar e operar, promovendo e vivendo as transformações produzidas no ambiente, na sociedade. Ao abordar este tema, Borges e Yamamoto (2004) consideram que qualquer forma de exercer o trabalho que busque marginalizar a intencionalidade própria do trabalho humano tende a descaracterizá-lo como tal, ou seja, retirar dele sua condição humana central.

Marx (1985, p. 150) considera ainda que “no fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e portanto, idealmente.” Assim, somente é possível caracterizar o trabalho como humano na medida em que este envolva o processo cognitivo mobilizado em torno do resultado do emprego de seu esforço. Marx (1985, p. 150) completa afirmando que o homem “não apenas efetua uma transformação da forma da matéria natural; realiza, ao mesmo tempo, na matéria natural seu objetivo, que ele sabe que determina, como lei, a espécie e o modo de atividade e ao qual tem de subordinar sua vontade.”

A partir da fala dos agricultores pesquisados, é possível identificar as referências à construção subjetiva envolvida no processo de trabalho. Esses sujeitos não apenas percebem que possuem a capacidade de projetar seu trabalho como a identificam como fundamental e diferenciadora, quando comparada ao trabalho exercido nas cidades. A agricultora 1 expressa que:

Com certeza! A gente já levanta de manhã e já sabe o que vai fazer: isso vou fazer, isso vou fazer... já tá tudo programado pro dia né?!

Da mesma forma, o agricultor 11 afirma que:

Eu, se tem serviço, eu penso: “hoje tem que trabalhar, hoje tem que fazer”. Quando eu levanto eu penso: “oh, primeira coisa que tem que fazer é atender as vaca!”, E já vô, eu levanto cedo e vô atender as vaca.

Já, o agricultor 7 traça um comparativo entre sua experiência de trabalho na cidade e no campo, demonstrando as diferenças que observa entre uma rotina estabelecida (trabalho na cidade) e o próprio papel no estabelecimento das atividades do dia (trabalho no campo):

Agricultor 7: A pessoa pode coordenar o trabalho. Hoje um produtor rural, na verdade, se for considera bem, por mais grande que seja a propriedade, vai trabalhar no máximo trinta dia por ano, trabalhado claro, trabalhado. Claro tem a atenção todo dia... Quem trabalha na cidade você tem que cumprir tuas 44 semanal sempre né. E no interior sobra muito mais tempo pra você cuidar da tua vida, dos teus projetos particular. Você consegue administrar a tua vida pessoal. É muito mais confortável, né?! Claro, tem problema, mas quem trabalha no campo dá pra se dizer que é mais dono de si mesmo.

O mesmo agricultor, ao ser questionado sobre a liberdade do trabalho no campo, justifica que o que lhe faz gostar mais do trabalho rural não é prioritariamente a liberdade, mas sim a possibilidade de gerir as próprias atividades e o próprio horário:

Agricultor 7: Não, além da liberdade... Mesmo que você tenha hoje vaca de leite, aviário que tem produtor que tem. Quem tem aviário e vaca de leite é mais complicado que a cidade, porque daí você tem o teu horário, chova ou faça sol, os animais dependem do teu cuidado então tu nunca pode negligenciar essa parte né, mas o meu interesse não é nada disso aí, meu interesse em morar no campo é só lavoura, ter animaizinhos pequenos pra uso doméstico no máximo... Nesse sentido eu vejo o agricultor, a gente acompanha alguns que tem noção, é uma vida vamos dizer assim, que você não vai ficar rico, mas você vai ter uma qualidade de vida incomparável... Você vai plantar o que precisa, o que excede você vai vender pra você se manter bem e você vai ter a qualidade de vida que você não consegue ter na cidade... Você vai ter calma, tranquilidade, você vai fazer o que tu pensa, claro, tudo tem que ser organizado, você não vai poder dormir o dia inteiro, mas aí vai da tua cabeça, você vai ter que trabalhar com a agricultura mesmo.

É possível retomar, a partir dessa fala, o conceito de autoconsumo, uma vez que ele expressa que seu interesse é primeiramente suprir as próprias necessidades e, havendo excedente, comercializar. Outro aspecto importante é a característica de produzir para si e não para o mercado, centrando a importância da produção no valor de uso e não no valor de troca, o que economicamente difere da lógica capitalista de produção, tema que será retomado de forma mais profunda ao longo do texto.

O processo laboral humano é então, segundo o critério conceitual proposto nesta pesquisa, o resultado da subordinação da vontade humana a um objetivo eleito pelo sujeito que trabalha através da idealização de seu resultado, visto que este se constitui em algo útil à vida desse mesmo sujeito.

Para chegar à concretização do objetivo delimitado mentalmente pelo homem, surge a necessidade de que sejam criadas ferramentas, meios para a consolidação da realização do trabalho. Marx (1985, p. 151) considera que “o uso e a criação de meios de trabalho, embora existam em germe em certas espécies de animais, caracterizam o processo de trabalho especificamente humano”, processo esse que faz do homem um animal construtor de ferramentas.

Marx (1985, p. 151) demonstra, por meio de uma analogia, como o conhecimento acerca dos meios de trabalho de sociedades antigas colabora para que a estrutura socioeconômica desses grupos seja colocada em evidência:

A mesma importância que a estrutura de ossos fósseis tem para o conhecimento da organização de espécies de animais desaparecidas, os restos dos meios de trabalho têm para a apreciação de formações socioeconômicas desaparecidas. Não é o que se faz, mas como, com que meios de trabalho se faz, é o que distingue as épocas econômicas. Os meios de trabalho não são só mediadores do grau de desenvolvimento da força de trabalho humana, mas também indicadores das condições sociais nas quais se trabalha.

A construção do meio de trabalho é, então, um aspecto de central importância para a compreensão da centralidade que o próprio trabalho possui na constituição dos seres humanos como tais, bem como de seus grupos sociais. É ainda relevante ressaltar que nesse processo está a gênese da permanente transformação humana/social, tendo em vista a dialética contida nele.

Um limite imposto ao processo de trabalho é o surgimento de um produto. Marx (1985, p. 151) afirma que “no processo de trabalho a atividade do homem efetua, portanto, mediante o meio de trabalho, uma transformação do objeto de trabalho, pretendida desde o princípio. O processo extingue-se no produto.” Nesse sentido, esse autor ainda completa ao considerar que o produto gerado pelo processo de trabalho é um valor de uso, ou seja, mediante a transformação de uma matéria natural em outra forma, o ser humano chegou à satisfação de sua necessidade. E desse modo é que o trabalho se une a seu objetivo primeiro: “O trabalho está objetivado e o objeto trabalhado. O que do lado do trabalhador aparecia na forma de mobilidade aparece

agora como propriedade imóvel na forma do ser, do lado do produto. Ele fiou e o produto é um fio” (MARX, 1985, p. 151).

Assim, completa-se um ciclo, aberto sempre à continuação, já que a utilização mesma do produto fará nascerem novas necessidades que darão início, principiando pela idealização, a um novo processo e um novo produto. Essa dialética carrega em si uma condição central que deriva do fato de não se sustentar fora de uma conjuntura, de um grupo social.

Sampaio e Messias (2002) sintetizam o conceito de trabalho apoiado na teoria também aqui apresentada, afirmando que o mesmo é uma atividade especificamente humana que ocorre por meio de feitura e utilização de instrumentos, baseando-se em todo seu processo em cooperação e comunicação. Consideram ainda que “implica em projeto, em transformação da natureza e em transformação permanente de seu agente, criador das próprias condições de sobrevivência. O instrumento, mediatizando a atividade humana, permite que a atividade de cada um incorpore a experiência de humanidade.” (SAMPAIO e MESSIAS, 2002, p. 151).

Neves e Pronko (2008, p. 21) entendem que a ação humana no trabalho pressupõe algumas características básicas, como: a intencionalidade, a racionalidade e também o intercâmbio entre seres sociais. Completam afirmando que “o trabalho permeia, embora não esgote o conjunto das relações sociais” e ainda que “em qualquer tipo de organização societária, o trabalho pode dividir-se em simples e complexo”.

A organização da sociedade determina historicamente a existência dos dois tipos de trabalho, sendo que esta depende da formação social concreta de cada grupo, bem como do estágio da divisão social do trabalho. Conceitualmente, trabalho simples pode ser entendido como o dispêndio da força de trabalho que existe no organismo de todo homem comum, ou seja, aquela que não necessita de formação especial para surgir. Por outro lado, o trabalho complexo tem como característica central sua natureza especializada, que surge por meio tanto de maior dispêndio de tempo para ser realizado como de formação específica daquele que o realizará. (MARX, 1985; NEVES e PRONKO, 2008)

É possível identificar na fala dos agricultores alguns posicionamentos com relação ao trabalho simples e complexo. Muitos direcionam seu relato à necessidade de trabalhar desde a infância, o que os privou do acesso à educação, impedindo-os

de seguir outra profissão. Em contrapartida, o fato de iniciar sua atividade laboral desde a infância é visto por eles como algo positivo que deve servir inclusive como modelo para o engajamento social, o estreitamento do vínculo e reconhecimento da importância do trabalho, como também para a redução dos índices de criminalidade entre os jovens atualmente.

O agricultor 3, com 16 anos de idade, cursa o segundo ano do ensino médio numa escola que segue o modelo de casa familiar rural. Ao ser questionado sobre seu futuro profissional e/ou intenção de sair do campo e ir para a cidade, faz as seguintes considerações:

Eu quero ficar aqui. Já não tenho aquele estudo, como uns aí, então não tem o que fazer. Eu não sei nem mexer no computador, então não tem o que fazer. Na cidade eu não tenho condições de melhorar, então vou ficar.

O agricultor 10 relata que trabalhou desde criança e ressalta sua posição frente às necessidades que vivia na época de sua infância:

Porque o cara quando nasce pra ser burro... eu não sei nem escrever o nome direito... se eu não ia na roça... Se eu tinha que ajudar em casa, eu não podia, não tinha meio (para estudar). Hoje tem transporte, na época não era assim...Nós ia na aula nós caminha 4 km. Ia até a 4ª série que era o máximo do estudo que tinha. Não tinha, agora tem. Era 4 km... agora caminha 10 metro e ainda tem gente que acha ruim... E como tem...

Analisando a fala do agricultor 10, é possível perceber que a realização do trabalho aqui conceituado como simples se dá devido à falta de condições para estudar. Nesse sentido, o direcionamento da aprendizagem sempre foi voltado ao trabalho no campo, principalmente devido às necessidades de subsistência vivida pela família. Porém, o trabalho no campo, apesar de derivar, na visão de alguns dos agricultores, da ausência de estudo não o torna psicologicamente penoso para os sujeitos que, em sua maioria, relatam enfaticamente o gosto que nutrem pelo ofício que tem.

Cabe retomar, aqui, a questão que envolve a caracterização e manutenção do trabalho simples e complexo. Neves e Pronko (2008) consideram que a lógica agrária, tendo local de trabalho como local de formação, dá origem predominantemente ao trabalho simples, que surge a partir do aprender na prática. Com o advento da racionalização do processo de trabalho, ocorrida com a Revolução Industrial é que a escola é tomada como principal local de capacitação para o trabalho.

Entre os agricultores pesquisados, muitos falam sobre a questão da escolarização e do papel do trabalho em suas vidas desde as mais tenras idades. Pode-se encontrar, então, na fala da maioria dos agricultores o dado de que se iniciaram em seu trabalho ainda crianças. Segue abaixo o relato de 11 dos agricultores entrevistados:

Agricultora 1 : Desde sempre, quando podia já tava trabalhando. Eu acho bom, aprendi fazer de tudo, de tudo um pouco. Não preciso aprender agora ainda fazer alguma coisa, já aprendi.

Agricultor 1: Sempre trabalhei. Mas se for olhar hoje, a própria lei não deixa trabalhar. No tempo que eu era pequeno, tinha enxada e tinha que tar na roça. Até meio dia ia na escola e de tarde trabalhava.

Agricultor 2: Comecei a trabalhar desde que nasci! Desde que me alembro, sempre, sempre, sempre. Numa parte todos deveria começar, nem que com 7, 8 ano... ao menos eles aprendem, sabem daonde que vem a comida... E assim eles vão se criando, se criando, vão comendo e eles não sabem daonde que veio aquilo ali, o suor pra conseguir comprar. Que nem agora eles não quer que o de menor trabalha, mas matar pode. Deveria ser ao menos de 10, 11 ano em diante eles deviam ajudar, não ser discriminado, faze um serviço pesado, mas ajuda a trabalhar pra sabe daonde que vem o suor pra pode compra o sustento. Assim, as vez ganha tudo dentro da boca e não precisa nem pegar a colher, os pais que tem que alimenta eles, daí é ruim. Eu acho que isso é muito errado.

Agricultor 3: De 7, 8 anos pra frente já tinha minha enxada especial. Parecia uma coisa grande, a roça não terminava. Carpir tudo era uma coisa grande.

Agricultora 6: Mas isso aí desde os 7, 8 ano já tava trabalhando. Naquela época não tinha essa diferença entre criança e adulto. Naquele tempo eu acho que era assim, mas agora que as criança tem oportunidade de estudar, que na nossa época no caso não tinha, porque tinha que pagar ônibus, então mudou. Agora que eles tem oportunidade é viável estudar ao invés de trabalhar na roça.

Agricultor 6: Faz 42 ano que nos tamo morando ali. Que eu me lembro, a gente até comenta que tem essa lei aí que criança e até jovem de uma certa idade não pode trabalhar e nós com 10 anos puxava a enxada de manhã até à tarde, acompanhando os mais velho né. É o que vamos dizer assim também, quando a criança tá com os pais, aquela hora de dar uma folguinha, que não tiver aula nem trabalho. Eu não acho que não fez falta, vamo dizer assim, aquele meio dia que eu trabalhei e não pude brincar. Na época a gente não tinha luz elétrica, televisão. Aqui na verdade, a gente requereu luz elétrica quando eu tinha 15 anos.

Agricultora 8: Naquela época quem morava na cidade também acho que com 12, 13 ano a criança tava trabalhando, ajudando o pai onde o pai tava trabalhando... Na roça nós, que nem do lado do pai, conseguindo caminha já tava do lado, trabalhando um poquinho porque ele ensinava né?! Eu me lembro que o meu serviço era catar gravetinho de noite e aquilo eu acho que eu era um toco, com 3 ano, era o meu serviço e eu me criei, casei e o meu serviço era arruma a lenha de noite dentro de casa. Eu peguei, assim, era um costume que eu tinha que fui deixa depois de casada. Essas coisa errada acontece porque as criança são muito protegida e não são protegida de criança, são protegida de adulto já, porque com 11, 12 ano tem a força já quase que a mãe tem, qualque adolescente, e daí eu pra mim isso ali é o que tá transformando. Que nem as criança hoje, não vo dize que 8 ano porque tem que i na aula né, meio dia, mas de tarde, quando ela tivesse lá 10 ano, 8, 10 ano, ela já podia i na roça, se não ta na roça, se ta empregado, se tive um lote lá o pai vai lá carpi, leva junto. Pra trabalha né, daí aprendia né... Eu não digo só assim o trabalho, eu digo assim curso, coisarada que ocupe essas criança, que não dexe eles na rua.... Olha, eu digo a verdade, se meus bisneto trabalhar ainda, dá pra admirá. Então a minha opinião é essa. Não porque a gente apanhou pra trabalha, não é por isso, mas só que é porque

a gente trabalho e não se mato! A gente não morreu trabalhando então porque que hoje em dia eles não podem se ocupar? Podem se ocupar com coisas que não presta, mas não se ocupa com o que presta.

Agricultor 8: Com 4 ano, o pai fazia uma enxadinha, a gente ia brincando mas aprendia.

Agricultor 11: Eu era 9 ano eu já tava lavrando, sempre digo... com 11 ano parei de estuda porque aquela vez não tinha estudo. Até vieram aqui fazer entrevista, perguntar dos filhos... Elas dizem que não querem ficar aqui, então eu disse: então capriche estudar... Essa geração agora não segura ninguém. Por isso que dá pra ver que no interior tu não vê mais gente, é difícil.

Agricultora 11: E eu com 10 anos, daí o meu pai fazia a enxadinha pequenininha, daí botava tudo com os irmãozinho, pai e mãe, daí nós carpia assim né, quando deixava uns pezinho de inço ele dizia assim: “olha, volta carpi lá que ta sujo”, daí eu voltava a carpi até aprender a carpi certinho. Só que hoje em dia eu não boto a minha menina de 14 ano na roça... Hoje é diferente... acho que ela nunca foi na roça, nem pretendo botar... Estuda né...Agora hoje em dia uma mocinha ou um piá tem um estudo... psicóloga, advogado tudo, eles não vão deixa o emprego desse pra vim no interior.

Agricultor 12: Eu comecei a trabalhar na casa dos meus pais, somos de família muito humilde e muito pobre, então eu comecei a trabalhar de pequeno. Eu acho que se for campiá eu tenho nota de 75, no meu nome. Então tu analise quantos anos...

É possível observar que os agricultores entendem que seu trabalho pode ser categorizado como simples e que trabalham com isso por falta de estudo ou de condições para estudar. Relatam que a principal justificativa para a falta de estudo se dá pela necessidade de ajudar em casa desde crianças. Em contrapartida, em sua maioria, entendem que se iniciar no trabalho desde cedo é algo positivo, chegando a criticar a legislação por proibir o trabalho infantil. O trabalho é visto como componente de caráter, do “saber de onde vêm as coisas”, o que torna, na visão dos agricultores, as pessoas mais comprometidas, responsáveis e honestas.

Codo, Soratto e Vasques-Menezes (2004, p. 289) afirmam que “o trabalho aparece como fator de construção da individualidade do sujeito, sendo o elo entre sujeito-sociedade”. Assim, para além de modificar ou proporcionar diferentes formas de exercer a atividade laboral, as condições sócio históricas em que cada pessoa vive são o que definem o trabalho em si e a forma de pensar acerca dele. Borges e Yamamoto consideram que tanto o trabalho quanto a representação dele construída dependem de vários fatores, tais como:

Do acesso que cada pessoa tem à tecnologia, aos recursos naturais e ao domínio do saber fazer; da sua posição na estrutura social; das condições em que ele executa suas tarefas; do controle que tem sobre o seu trabalho; das ideias e da cultura de seu tempo; dos exemplos de trabalhadores que cada um tem em seu meio (BORGES e YAMAMOTO, 2004, p. 27).

É possível afirmar, a partir de então, que a forma de execução do trabalho e o pensar acerca do mesmo varia em muitos aspectos, que podem ser agrupados em cinco dimensões: concreta, gerencial, socioeconômica, ideológica e simbólica (BORGES e YAMAMOTO, 2004).

Por dimensão concreta, entende-se todo o referente ao aparato tecnológico com a qual se pode contar para realizar o trabalho, bem como às condições materiais e/ou ambientais em que o mesmo se realiza, incluindo segurança física e conforto (BORGES e YAMAMOTO, 2004).

O agricultor 4 contextualiza, em seu discurso, o andamento da questão tecnológica envolvendo a produção orgânica. Ele afirma que:

É puro esses problema: ninguém mais qué trabalha... E depois eles não tão por dentro das coisa, eles, as primeira conversa do povo anos atrás, quando eles começaram a plantar o orgânico é o seguinte: tu não podia passar nada, daí vinha a semente, as vez vinha aquele adubo orgânico e só aquilo ali, ainda tudo queimado e que não adiantava nada e daí começaram a colhe 20, 30% a menos, daí uns quantos caíram fora por causa disso ali. Depois a empresa conseguiu arruma um adubo já com fosfato, essas coisarada misturado, foi melhorando, mas demorou. Até que eles melhoraram, eles perderam aqui em Capanema 80 plantador. Se atrasaram muito, deveria ter lei dos otros de fora que não compravam... Até que nós conseguimos arrumar um adubo que preparavam que conseguiram colocar... Isso aí tudo é coisas né... E o transgênico tem todo tipo de veneno, se um não funciona hoje, já vem outro amanhã e já vai indo.

Na fala do agricultor 2 também é possível encontrar elementos relacionados à dimensão concreta do trabalho. Além de uma análise sobre o que já existe, em termos de tecnologia, este agricultor tece um panorama sobre o que pensa sobre o futuro em termos de inovação tecnológica para o plantio de produtos orgânicos:

Agricultor 2: Porque agora, né, os estrangeiro parece que tão ajudando um pouco. Isso já devia ter ajudado a uns 5, 6 ano atrás, porque daí quantos orgânico que teria...Que daí, que nem muitas vez, a gente colhe, mas não colhe pra investi e voltar pra terra... Ainda assim é sofrido porque tu tem que tira dinheiro aonde pra devolve? É triste... E cada vez quase a gente colhia menos. Agora tem aquela máquina de choque, ela boa pra faze limpa antes do plantio, mas só que depois do plantio... Falta aquela máquina pra passa no meio e dá choque no inço sem matar a planta... Por enquanto nós temo o choque...Isso pode demora mais uns 10, 15 ano até ter essa máquina pra fazer a limpa... O importante é a limpa... se tu não fazer a limpa da planta ela não desenvolve o processo porque o inço suga a energia dela...Mas só que isso chegar a 100% orgânico vai demorar muito, porque o custo da máquina é muito caro pra você mante ela, porque são as primeiras... Então se eu sei que com oitenta reais ele faz um alqueire de dessecar inço e as roça, ele não vai paga cento e pouco pra dá choque... Daí uma roça de soja, vamo supor, vai ter uma roça de soja, se eu começar a plantar orgânico, pra ele tem que custar no mínimo uns noventa reais... Pra sobrar mais pra ele do que ta sobrando agora. Daí que nem tem o transgênico hoje em dia, eles faz o que, oitenta reais o alqueire... nós gastemo mais porque o choque sai mais caro... eles não vão deixar de passa o veneno pra gasta cento e pouco, acho eu...

A dimensão gerencial relaciona-se à forma como é feita a gestão do trabalho, principalmente segundo ao exercício do planejar, organizar (dividir e distribuir tarefas), dirigir e controlar o mesmo (BORGES e YAMAMOTO, 2004).

O agricultor 3 assim se manifesta sobre o horário de realização de suas atividades laborais:

Dependendo do serviço que tu pega, se não quero fazer agora, faço de tarde, faço de manhã, faço a hora que eu quero.

Já o agricultor 2 salienta que hoje vive um momento em que não trabalha mais em atividades tão pesadas, já que consegue utilizar seu trator. Também se refere à troca de dias de trabalho com os vizinhos, conforme segue:

A gente tá mais administrando a lavoura. Pega e faz, troca dias com os vizinhos que nem eu agora nos temo o trator ali, então quando eu preciso ele vem me ajuda, quando eles precisam eu faço hora/trator... fica bem mais fácil fazer com o trator que fazer manual, pegar na enxada.

A fala desse agricultor mescla em si vários vieses pelos quais podemos analisar o trabalho, porém destacam-se a face gerencial do mesmo e a face socioeconômica, definida como

a articulação entre o modo de realizar o trabalho e as estruturas sociais, econômicas e políticas em plano macro da sociedade, incluindo aí aspectos como o ritmo de crescimento econômico societal, a prosperidade de um setor econômico, a renda média, o conflito distributivo, o nível de oferta de emprego, a força de trabalho e outros aspectos socioeconômicos (BORGES e YAMAMOTO, 2004, p. 27).

Da mesma maneira, o agricultor 4 traça um panorama amplo sobre o acesso ao crédito e à vida no campo:

Agricultor 4: Hoje se você precisa de um dinheiro de qualquer tipo tem, uma vez não tinha. Hoje tem 10 anos, 0,5% ao ano. Eu acho que os preço ta bão, do trigo, do milho, do soja, tudo. Eu acho que hoje aqui a gente vive 10 mil vez melhor que na cidade. Eu tava pensando, as vez, anos atrás, em me arrancá daqui, porque tava bicho feio, mas hoje não. Hoje tu planta ai, eu planto soja e milho e me sobra uns pila pra vive, eu tenho aquelas terra pra lá, tem dinheiro pra compra um carro. Então eu acho que as proposta não tem, olha eu acho que pra agricultura nos banco... se tu qué i lá pega 20 mil a 0,5% ao ano, tu pode pega pra 10 ano, tu paga 2 mil por ano... E hoje tudo que tu produzi tu vende. Então eu acho que hoje ta muito melhor que... eu acho que é bom hoje, melhor que na cidade. Quem tem emprego e não ganha bem na cidade...

Nesse sentido, o agricultor 3, ao ser questionado sobre o que o leva a desempenhar seu trabalho, responde o seguinte:

Por que tá dando. Tá dando de se ergue na propriedade. Os financiamento tão dando, fizemos uma casa, tudo tá dando... tá tudo crescendo.

A agricultora 8 considera que a falta de mão-de-obra no campo pode estar relacionada com programas sociais de combate à pobreza e relata algo sobre como era a procura de trabalho no campo na época em que, recém casada, trabalhava como empregada:

Agricultora 8: Não sei se é porque o trabalho é pesado ou porque tem a vida mais fácil, hoje em dia... não precisa... Olha, eu acho que melhorou muito a situação do povo, não é mais que nem uma vez... Uma vez, quando nós viemos morar aqui, a gente trabalhava todo dia por um quilo de banha, nós mesmo, trabalhava o dia inteiro pros outros que podia pagar... Um quilo de banha por um dia de serviço. E hoje não, hoje por cinquenta real não pega ninguém e hoje com cinquenta real tu compra um monte de coisa... bem mais do que um quilo de banha... Por cinquenta real, tu facilita, sai ali com cinquenta real, oferece cinquenta real pra esse moleque ali, não vem ninguém. Ou recebe aquele dinheiro e não vem mais... Antes, nos outros tempo não tinha ajuda, agora tem... e o pessoal não tinha, então tinha que trabalhar pra vive. Hoje não, já tem ajuda, o governo ajuda, muita ajuda.

Falando sobre a penosidade do trabalho com a produção orgânica, o agricultor 9 considera que a instalação de uma usina hidrelétrica na região tem sido um dos fatores que dificulta a manutenção das pessoas no campo.

Agricultor 9: Dificulta um pouco no orgânico por causa da limpa, né... Não se acha mais peão, o pessoal foi embora e quem trabalhava mesmo tá empregado hoje... Principalmente por causa desse negócio da usina ali, então vai todo mundo pra lá ou no frigorífico. Vai ficando só os aposentado na roça! Eu tenho o meu neto que tá estudando e ajuda a tirar leite e na roça, então ele pega o ônibus aqui, mas não sei até quando, né?!

Abramovay (1992) destaca que é da relação entre a penosidade do trabalho e a satisfação das necessidades da família que dependem as decisões sobre a venda de safras, sobre o uso de financiamentos e sobre o acesso aos insumos de caráter industrial. Mais uma vez cabe destaque então, à centralidade da família na forma de organização do trabalho do agricultor familiar, ponto característico e diferenciador de sua identidade.

Unindo-se às demais dimensões tem-se a ideológica, que na concepção de Borges e Yamamoto (2004, p. 27) consiste no “discurso elaborado e articulado sobre o trabalho, no nível coletivo e societal, justificando o entrelaçamento das demais dimensões e, especialmente, as relações de poder na sociedade. Deriva diretamente das grandes correntes de pensamento.”.

Nesse sentido, o agricultor 9 manifesta-se de forma bastante crítica sobre a construção de uma estrada de asfalto em sua região e também sobre a instalação de uma usina hidrelétrica no Rio Iguaçu, da qual sua propriedade está próxima. Esse agricultor tece ainda uma crítica sobre a Lei da Reforma Agrária e sua aplicação prática:

Agricultor 9: Eu se começar a falar de política, futebol, eu entendo de tudo um pouco. Esses dia trabalhando ali, preocupado um pouco também... Porque antes, nós todo mundo era contra a barragem, e hoje ta sendo construída aí e ninguém ta se preocupando. Só que não sei o que vai dar, porque dois, três que receberam só e o restante vai ficar pra depois... e será que vão receber? O que que aconteceu com o asfalto? Chegaram e fizeram o asfalto e todo mundo achando a coisa mais bonita do mundo né... Só que depois, pra indenizar, dois, três receberam e o resto ta aí até hoje. E um colono pra passar com maquinário em cima é proibido agora. Então serve pra que? Eu, como diz o outro, não vivo de asfalto e nem de energia elétrica. Então é um Deus o livre, todo mundo fala de usina, é bom, mas vão construir aonde dá! Aqui no meio da terra que nós temo aqui? E daí? To achando que ta faltando alimento, então... vão dá terra pro povo plantar e não botar água, inundar... E daí? Quem é que vai ganhar com isso? De repente nem gente daqui do Brasil não é... Então eles vem com dinheiro, investe ali, eles tão tendo o lucro deles e o resto que se dane... Outro dia nós tava comentando que as vez a gente se encontra com as pessoas que... tem gente que guarda as coisa, eu guardo, porque se disser quando foi feita a lei fundiária... Mas eu não sei, isso aqui foi na abolição da escravatura... por quê? Porque sim! Aboliram a escravatura e ponharam uma lei que quem quiser terra tem que comprar. E pra comprar tem que ter dinheiro... E quem é que tem dinheiro? Os escravo, que viviam trabalhando em troca de comida? Daí formaram aqueles quilombo. E depois o governo não foi combater eles, porque eles tavam sobrevivendo e tavam aumentando? E era uma ameaça pro governo... E hoje é a mesma coisa! Vão pegar essa fazenda aí e dar uns 10 alqueire pra cada família pra ver quanta gente que vai voltar pro campo! Só que tudo no papel! Pra que lei? A lei da reforma agrária existe, mas porque não põe em prática? Agora se vem os grandão lá do estrangeiro comprar aí 100, 200 mil hectare não tem problema... tem dinheiro, compra e paga... E a lei foi assim... Mas quem é que comprava a terra? Os fazendero, os que tavam escravizando...os que viviam com o lucro do trabalho escravo né... e eles sobravam dinheiro porque eles produziam e vendiam. Os escravo não ganhavam nada, quando ganhavam era o que comer, a maioria do tempo passaram fome e apanharam que nem os boi na canga... Então mas e por que? Mas vai ver na Constituição como é que ta? A lei é assim, se você tem dinheiro você compra, se não... A reforma agrária, pode ser que é um plano bom, a lei da reforma agrária existe, mas e põe em prática então pra ver! Mas sabe que é mesmo! Mas é obvio, desde a abolição da escravatura foi assim, quem compra terra é quem tem dinheiro e quem não tem fica sem, vai trabalhar de peão. É tudo meio assim, vem uns grande ali e tomam conta. Mas se eu comprei a terra e tenho documento, mas eles vem e desapropriam, não perguntam se quer ou não quer!

Em sua fala o agricultor 9 demonstra que percebe a influência da ideologia dominante nas relações práticas que vivencia. Sua posição não é de passividade, mas sim, coloca-se criticamente frente à realidade que, segundo seu entendimento, precisa ser revista e repensada.

Por fim, a dimensão simbólica abrange os aspectos subjetivos envolvidos na relação que cada indivíduo mantém com seu trabalho. A fala do agricultor 7 exemplifica a dimensão simbólica por deixar ver a maneira como ele vê e conceitua seu trabalho:

É, ele é muito mais prazeroso do que trabalhoso, no caso né. Ainda assim né, o final de semana não ocupa todo porque o plantio é terceirizado, é mecanizado. O meu final de semana é catar, roçar, preparar uma área que eu to fazendo reflorestamento. Então são atividades muito prazerosas de se fazer, não se tem dificuldade grande de fazer... é um trabalho, mas não é um trabalho cansativo, exatamente o contrário... Você se envolve com podar árvore, roçar, manter uma coisa que ta desenvolvendo, um pomar, uma coisinha... então você ta acompanhando com outra mentalidade aquilo ali e nesse ponto é muito bom, se acompanha a lavoura também que por semana tem uma diferença muito grande na lavoura, no desenvolvimento, você consegue planifica... semana que vem ta na flor, precisa mais uma chuva...é um pensamento que tu se distrai totalmente que você elimina praticamente os problemas criados, o teu estresse no caso. E tando todo mundo junto é muito mais divertido, acaba se tornando um dia de lazer com a família, porque a família também descarrega, que tem escola, tem outras coisas.

Tanto a dimensão simbólica quanto a dimensão ideológica aparecem mescladas nas falas dos agricultores. Por cultivarem produtos orgânicos, muitos deles têm incorporados em sua fala a importância desse tema para sua vida e para a manutenção da própria saúde e da saúde de outrem. Da mesma maneira reconhecem as dificuldades desse cultivo em um contexto que tanto a inovação tecnológica como o impulso governamental por meio de políticas públicas se voltam prioritariamente para o plantio convencional ou transgênico⁴. Outro aspecto ressaltado pelos agricultores é a necessidade de “gostar de trabalhar”, como princípio fundamental do cultivo orgânico.

O agricultor 2 afirma, ao ser questionado sobre a escolha em plantar orgânico, que: “A gente prefere a saúde da gente que a produção”. Quando o tema é a diferença entre a penosidade do trabalho no plantio orgânico em comparação com o plantio convencional ou transgênico, este mesmo agricultor faz as seguintes considerações:

Agricultor 2: Ele é mais difícil porque tu vai ter que passar direto... quem passa veneno, passa e fica uns dois, três mês sem fazer nada e ainda acham ruim. Ele tem que tá direto, bem dize, andando na roça, lutando, lutando e trabalhando. Quem passa o agrotóxico não, ele já se previne, que nem agora, sessenta dia antes do plantio, depois trinta dia depois do plantio passa mais uma vez e depois fica em casa...Depois só cuida os bichinho. Depende vai ter que passá um remédio pras ferrugem do soja, esse tratamento a mais vai ter que fazer... Mas se ver que não precisa, daí não faz. Em vez aqui não, cada meia volta tem que passar e vê se tem matinho e passar isso e passar aquilo e bergar, lavrar e patiá e gradiá, tem que prepara a terra.

Em sua fala, o agricultor 3 reforça a necessidade de capinar para que a produção seja maior, porém ressalta o aumento da produção como consequência do trabalho duro:

⁴ Por plantio convencional entende-se aquele em que é feito o uso de agrotóxicos, porém a semente utilizada não é geneticamente modificada. Já no plantio de transgênico tem-se a semente geneticamente modificada, invariavelmente associada à utilização de agrotóxicos para o manejo e cultivo da lavoura.

Por que dá mais. Se você carpir, sempre você vai ganhar mais. Se você carpir, vem mais produto. Se você plantar o outro, sempre vai vir menos. Então tudo que vem a mais, dá um bom lucro de ir lá carpi.

O agricultor 4 ressalta a forma como ele entende que o Estado vê o agricultor familiar:

Eles sabem que nós não demo lucro... Diz que o governo federal, ele arrecada mais das empresa grande, entra muito mais do que com nós. Pode ser pouca a parcela, 2% e meio, mas a comida vem tudo do mato!

O mesmo agricultor relata, ao ser questionado sobre sua escolha em plantar orgânico, que percebe que o veneno não tem sido eficaz e que a dosagem utilizada pelos produtores tem sido ano a ano aumentada, o que acaba por aumentar o custo da produção. Ao mesmo tempo, ressalta que percebe que o veneno é prejudicial para árvores frutíferas que, em sua visão, têm desaparecido. Enquanto fala sobre estes aspectos apresenta sua concepção sobre o uso do agrotóxico, conforme segue:

Agricultor 4: Quando uma pessoa vai botá na cabeça, eu, que faz mal pra ti? Nunca! Oh, os cara me contando: O cara passou às dez hora da manhã, passou o veneno lá, mas o preço tava muito ruim, né?! Daí de manhã cedo ele passo com aquele tucho no meio dos carreiro, passa com o trator e joga aquele veneno. Jogaram de manhã, às dez hora. Daí de meio-dia liberou o preço novo, com 30% de aumento. Daí ele pegou o peão e encheu os caminhão, o que ele pode colher, ele arrancou. Às dez da manhã passou o veneno e as duas hora começou a colher porque o preço aumentou. E vendeu assim. Ele não comeu a maçã, mas tu comeu! O próprio cara não comeu, ele sabia que era envenenado, então é isso aí hoje. Então assim, eu não passo veneno hoje se for pra passar numa coisa que, vamos dizer, eu vou vender pra ti. Mas eles... o deles é o dinheiro...Eu acho que a pessoa vai se matando, o ser humano eu acho que tem que respeitar o outro. Se eu sei que tem uma coisa que faz mal pra ele, pra que que eu vou vender pra ele? Mas é assim, cada um quer saber do dinheiro e não olha pro próximo. Nem que faz mal pra ti, mas ele quer ganhar dinheiro. Eles não se importa se é outra pessoa, eu me importo bastante... Eu acho que o que ta errado, ta errado e o que ta certo, ta certo.

Este agricultor ressalta em sua fala a questão da ética no trabalho. Para ele, como para alguns dos demais entrevistados, este é um ponto muito sério, motivo de orgulho em alguns dos casos. O agricultor 2, em sua entrevista chega a afirmar: “Eu sou orgânico”, dando clara impressão da forma como o cultivo orgânico forma parte de seu estilo de vida, da forma como ele compreende o mundo.

A agricultora 8 também utiliza o dilema entre a produção orgânica e a utilização de agrotóxicos para registrar suas ideias sobre a ética no trabalho.

Agricultora 8: Ano passado o meu genro compro feijão e o home disse pra ele: “eu pra mim eu não passo veneno, eu passo veneno só pra colhe”. E agora também essa semana passada, uma vizinha

aqui, colheram feijão e o gringo levou cinco quilos ali no A., tava passeando e já levou. Aí o vizinho aqui disse: “vo pega mais uns quilos porque não tem veneno”... Aí ela também disse: “Nós colhemos o feijão, mas ficamos sem por causa que foi passado o veneno”. Daí o gringo chegou em casa e me contou, daí eu disse... mas ela não pensa no outro que vai comer o feijão dela?

A análise das representações sociais sobre o trabalho precisam ter em conta esses aspectos, a forma como as dimensões constitutivas do trabalho são vistas e interpretadas pelos agricultores entrevistados, pois dessa forma é que se poderá entender a “tradução” de mundo presente nas falas e ações dos agricultores familiares que cultivam produtos orgânicos.

Ao serem questionados sobre o que é o trabalho, os sujeitos desta pesquisa apresentam respostas parecidas, até mesmo complementares em alguns casos. Muitos, ao falar sobre o trabalho consideram que este é sinal de saúde. Da mesma forma, ao falarem sobre saúde, muitos consideram que a perda da saúde se dá a partir da perda da capacidade de trabalhar.

Em alguns casos, a questão “O que é trabalho para você?” não foi entendida pelos agricultores, o que levou a pesquisadora a contextualizar a questão de forma a torná-la compreensível para os sujeitos. O agricultor e a agricultora 1 tecem, respectivamente, as seguintes considerações:

Agricultor 1: É, tu sabe que ali tu tá trabalhando e tu tá sossegado, ninguém tá te perturbando...eu me sinto bem. Eu quando posso trabalhar... se eu tenho que ficar em casa algum dia inteiro, alguma coisa, parece que não tá certo, nem que seja pra mim i na roça só caminhar pela roça, já eu to melhor. Nunca as pessoas são iguais, então um se sente bem trabalhando, outros já acham que é ruim e por obrigação.

Agricultora 1: É todo dia a mesma coisa na cidade... aqui não! Geralmente tem pessoa, a maioria, não é todos, mas muitos trabalham só pelo dinheiro, não tem amor por aquilo que eles fazem, então é uma obrigação, se sente obrigado, trabalha porque precisa trabalhar. Pra mim não. Eu pra mim não tem trabalho ruim, desde que eu comecei foi embora...

Já o agricultor 2 considera o trabalho como um meio não de “ganhar a vida”, mas sim de preservá-la:

Isso é pra preservar mais a minha vida. Se eu to parado sentado ali, quando ve to travando os meus ossos, daí vo faz o que? É pior... E se eu consigo caminha, trabalha um pouco, suar um pouco, eu acho, eu acho não, isso aí é bom pra saúde! Hoje tu tá sentado aqui todo dia, todo dia, aquilo ali acho que não é vida, pra mim não é.

O agricultor 4 faz uma relação entre o seu trabalho e o trabalho na cidade, fazendo referência às atividades do campo como o seu emprego. Ao mesmo tempo considera a impossibilidade de manter-se parado, sob pena de ficar doente:

Eu não acho um serviço mais fácil e um mais difícil, pra mim eu não acho. Vo plantar, vo gradiar, vo fazer cerca aí, palanque... me criei só nisso aí, desde pequeno, então pra mim o serviço não tem mais fácil e mais difícil. Tem gente que as vez trabalha num emprego e vai pegar outro emprego... mas o meu emprego era esse... era tratar bicho... Eu se eu fico sentado um dia inteiro eu fico doente... O cara tinha que ficar uma semana aí sem fazer nada... Dá uma doença grande!

Na fala abaixo, da agricultora 4, destaca-se o fragmento em que ela fala que “Tu tem que por na cabeça que trabalhar é uma coisa boa, pra você, pra saúde, pra tudo!”. Em função da concepção apresentada por esta agricultora é possível perceber a importância do papel social desempenhado pelo trabalho em sua vida:

Agricultora 4: Eu sempre digo que tendo saúde e podendo trabalhar, tudo é uma diversão, não tem problema... Porque é uma coisa boa você poder fazer. Que nem vocês, vocês trabalham fora e não vão te tempo pra se dedicar nos afazeres da casa, mas mesmo assim vocês tão contribuindo com alguma coisa, vocês tão fazendo. De um lado ou de outro tão fazendo. Agora tem pessoas assim que não fazem nada e acham que se é pra fazer alguma coisa vão morrer, é o fim do mundo, mas não é assim. Tu tem que por na cabeça que trabalhar é uma coisa boa, pra você, pra saúde, pra tudo! Porque fica o dia inteiro aí sentado pra ver... Eu não sei, tem pessoas que dizem que o dia ta comprido. Eu pra mim o dia sempre é curto. Sempre tem bastante coisa pra fazer. Você tem o dia inteiro coisa pra fazer e tu, quando vê passou o dia, passou a semana...

O agricultor 6 relata que entende que algumas das atividades de seu trabalho são vistas como obrigação e compara os direitos trabalhistas relativos a empregos urbanos à sua realidade.

Agricultor 6: Eu acho que sem trabalhar realmente tu não consegue se manter, tipo aquilo que a gente ta fazendo a gente tem que realmente trabalha né... Seria quase que obrigado... se eu planto soja eu so obrigado a limpa, chega a hora de colhe eu so obrigado a colhe. Eu sempre vejo assim... pega durante um ano, você nunca consegue pegar férias né, ta de janeiro a janeiro tem que estar todo o dia. Quem ta na cidade pega férias, tem sábado e domingo, tem salário.

Em sua exposição, a agricultora 8 também fala sobre a diferença entre o trabalho da cidade e do interior, relatando que reiteradas vezes ela e o marido pensaram em se mudar:

Agricultora 8: A gente acostumo trabalha e daí não consegue fica lá na cidade sem faze nada e esse negócio de ta correndo rua não é com nós. Vou contar da F., antigamente, quando ela tinha uns 4 aninho, ela tava passeando aqui, daí nós sempre falava de vender, sempre falava de vender, de compra na cidade e i trabalha de empregado... daí eu e o gringo tava lidando com as criação lá debaixo do galpão e ela abriu aquela janela da sala, trepo em cima do sofá e disse: “Nono, por que que o nono qué vende aqui pra i na cidade? Isso aqui é um paraíso!”...termino a vontade de vende! Ela não gosto da nossa ideia de i se emprega na cidade, claro, a vida na cidade pra quem trabalha de empregado é melhor, porque chega o final do mês, é garantido né?! Porque minhas filha, tudo elas trabalham na cidade, ninguém qué fica na roça, então quando chega o final do mês elas tem, o salário é certo que recebe... e nós não, se dá uma ruim uma safra...Às vezes de não sobra nem pra faze o plantio do

próximo ano e isso já aconteceu pra nós, nem e nem duas vez... Agora a gente tá um poquinho mais tranquilo né, porque fiquemo velho.

O Agricultor 8, seguindo a mesma linha, considera que se pudesse voltar no tempo se mudaria para a cidade, porque a atividade rural é, em sua opinião, muito arriscada, por depender diretamente de fatores climáticos.

Agricultor 8: Se hoje eu voltasse no tempo? Ah, eu ia pra cidade, porque todo mês a gente recebia... Aqui é se aventurando, planta mas é se aventurando. Não vamo longe, no ano passado eu já colhi a metade da colheita né?! Podia ter dado e não deu. Esse ano então tão falando de cair geada no trigo, daí o trigo se vai... Tudo o que o colono trabalha é o tempo... se chove ou não chove... se chover colhe bem, senão não... é uma aventura.

Já, morando na cidade há algum tempo, a agricultora 5 fala sobre a doença de seu filho e como ela influenciou na mudança da família do campo para a cidade. A partir dessa mudança, foi necessário que seu marido, o agricultor 5, trabalhasse no campo e em um frigorífico, como forma de complementar a renda da família e custear as despesas do tratamento de saúde do filho. Em suas palavras:

Agricultora 5: Não, eu não desço lá junto porque eu só fico em casa por causa do L (filho que tem dificuldades de saúde). A gente resolveu vim pra cá por causa dele, por causa do problema dele, porque antes a gente vinha todos os dias pra ele ir na APAE, daí ficou muito pesado pra mim, é muito longe, dá 30 km até lá embaixo... Eu vinha todos os dias e ainda tinha 3 km pra caminhar a pé até a estrada principal pra pegar o ônibus. Aí começou a complicar muito... ele fez duas craniotomia no cérebro, que ele teve que fazer as duas... ele fez uma e daí não deu certo, no retorno 30 dia depois, o médico falou que ele tinha que faze outra. Na primeira a gente morava ainda lá embaixo, aí... apesar de que eu vinha lutando antes ainda, porque a gente tinha que vir, nós temos mais uma filha que trabalha na cidade e pra ela ir na aula era longe também pra vir. Era muito complicado, porque eu em casa, eu não fazia muita coisa mesmo e ainda ele (o marido) precisava ajudar pra levar ele (o filho) na estrada, porque era longe. Começou a complicar muito, lá embaixo telefone a gente não tinha, não tinha carro pra vir, eu fiquei 15 dias internada no Hospital em Curitiba, sem saber, sem se comunicar. Daí, quando surgiu isso a gente veio pra cá, daí compramos o lote, construímos a casa e viemos. Ele foi trabalhar no frigorífico, na câmara fria.

Nesse caso, destaca-se a adaptação da família à realidade econômica vivenciada, o que levou à ampliação das atividades de trabalho para atender de forma mais ampla as necessidades vividas pelos membros da família. Essa experiência foi fundamental para a observação das diferenças entre o exercício do trabalho no campo e na cidade. A agricultora 5 relata como percebia a diferença de comportamento do marido ao voltar do trabalho no campo e no horário de sair para trabalhar na cidade:

Agricultora 5: Eu posso dizer, no último ano, quando ele saía, quando era hora de ir pro trabalho ele tava ali suspirando. Tava demais, se ele não parasse a depressão pegava de derrubar...E quando ele vem lá debaixo, que ele fica dois dias lá embaixo, ele chega em casa, nossa, parece que ele veio de uma festa, então a diferença é muito grande. Ele nunca reclamo de trabalhar ali, mas ele não gostava, a

gente sentia no comportamento dele que não era aquilo que ele queria, mas era necessário, o que que nós ia fazer?

Trabalhando simultaneamente na cidade e no campo, o agricultor 7, também tece sua análise sobre a diferença entre as duas atividades. Considera que a liberdade do trabalho em sua propriedade rural lhe confere um maior bem-estar.

Agricultor 7: Se for contar, quem trabalha no interior é dono de si, né... é uma vida totalmente diferente, trabalha a mesma coisa, o serviço é mais pesado as vezes, mas a liberdade que se trabalha é muito maior, o prazer. Aqui a gente gosta muito de trabalhar (em seu trabalho na cidade), mas no campo é uma terapia... você tá lá e já muda o teu pensamento. No emprego você tá produzindo pro teu patrão, pra empresa, você tem que fazer as tuas obrigações, né, então você tá sempre voltado à qualidade, a um monte de outras coisas... no campo você tá carpindo uma erva daninha e não se preocupa com absolutamente quase nada. É um modo de descarga, de relaxar.

Assim, comparando os relatos dos agricultores 6,7,8 e agricultoras 5 e 8 é possível perceber a tendência a um padrão. Aqueles agricultores que não tiveram a oportunidade de vivenciar a experiência do trabalho na cidade fazem referência às vantagens dessa atividade, destacando a importância das mesmas. Assim, o salário no final do mês, as férias e descanso nos finais de semana são apontados, pelos agricultores que trabalharam sempre no campo, como aspectos positivos do trabalho na cidade. Em contrapartida, aqueles que desenvolvem simultaneamente atividades no campo e na cidade não fazem referência a esses fatores, mas sim, consideram a liberdade e o bem-estar do trabalho rural como atrativos desta atividade, o que os leva a preferi-la em detrimento do trabalho urbano.

O agricultor 9 considera que seu gosto pelo trabalho é o que o mantém trabalhando até hoje.

Agricultor 9: Hoje é mais por gosto, porque o corpo acostuma no ritmo e ficar parado é uma coisa que parece que enjoa, você não se sente bem e você faz, qualquer servicinho que você vai fazer te passa o tempo, quando você vê é meio-dia e de tarde quando você vê é noite... distrai fazer uma coisa que rende, que dá alguma coisa e daí a gente passa o tempo envolvido. Dias de chuva, parece que não passa nunca, parece que enjoa. Se dá um dia, dois de chuva então.... Se é frio não tem problema, eu pra mim pode tá branco de geada que eu saio igual. Às vezes aparece uma nuvenzinha e de repente dá uma pancada... aí a gente tem que despistar...Nós pra sobreviver nós temos, somos os dois aposentados. Não é pelo dinheiro. É por gostar, você passa o tempo, se interte. Muitos fazem outras coisas pra passar o tempo, jogam futebol ou outra coisa... Uns vão pra cidade jogar boliche e baralho, mas isso aí pra mim não me serve. Ficar duas três hora sentado não dá, endurece as junta. Aqui enquanto to trabalhando qualquer servicinho já movimenta. Só não posso forçar muito, não posso. A gente facilita um pouco. Às vezes levo um feche, dá uns trinta quilos lá pra baixo, então a gente facilita. E se precisar erguer sessenta quilo eu ergo. Só que a gente não abusa, não é sempre, né.

O agricultor e a agricultora 11 entendem que a questão econômica é central para o trabalho, afirmando ser este um dos motivos que os mantém na atividade que desempenham. Chama a atenção que o relato destes agricultores não fica focado na exaltação do “trabalho como sustento”, mas tal como vem aparecendo na fala dos demais sujeitos, demonstra que há vínculo entre o trabalho e as demais questões de suas vidas. Aquilo que diz o agricultor 11 demonstra como se manifesta, em sua opinião, a necessidade de trabalhar:

Agricultor 11: Na roça é pesado como não é... porque na roça tu trabalha o dia que tu quise trabalha e o dia que tu não quiser tu não precisa i. Só aquilo que tu tem que cumpri sempre o horário é o leite, não dá pra deixar, de noite e de manhã tem que atende elas. De repente se eu tivesse condições de ter um trator, um trator um pouco mais moderno né, pra acompanhar a tecnologia... mas para de trabalhar não. Se eu tivesse mais dinheiro eu ia continuar trabalhando, mas mais na tecnologia né... Comecei a trabalhar um pouco de pedreiro e todo mundo qué que eu vo trabalha... meu deus do céu... Eu acho, eu, se tem que trabalhar assim no... que não tem aonde i, eu pego e vo limpa.... Cansa, as vezes chega de noite e ela diz: “ta quase morrendo!”. Mas não se estressa... não, tem que trabalha. Eu me estresso se eu vejo serviço e não posso faze. Isso me estressa!!! Daí eu tenho que trabalha mesmo e no que eu consigo despachar eu fico mais tranquilo.

Além de falar sobre a visão e importância do trabalho em sua vida, o agricultor 11 também relatou o caso de seu pai e de seu irmão. Ambos moram na mesma propriedade que o casal de agricultores entrevistados, mas numa casa ao lado. O pai, hoje com 75 anos, está com câncer de próstata que foi descoberto há 2 anos. Atualmente ele vem fazendo o tratamento com radioterapia que tem por objetivo diminuir o tamanho do tumor a fim de operá-lo. O agricultor 11 assim se refere à relação de seu pai com o trabalho:

Agricultor 11: Mas ele ta bem, ta trabalhando lá, tão lá arrumando o chiquero... o pai vai direto na roça! Enquanto ta tomando o remédio ele ta mais no serviço da casa... Ontem fui planta cana e ele foi junto, quis i junto ta cortando cana. Não adianta dizer que não. Se tu vai numa parte da roça ele vai na outra... Se tu diz que não ele fica doente. Nós arava com os boi há dois ano atrás e o pai com 73 ano ficava o dia inteiro no arado. Ele não consegue ficar sem, ele tem que trabalhar. Tira leite, faz tudo... agora com o tratamento, ele ta bem, não sente nada, o pai não sente nada. Ele sente falta do trabalho! Dá pra vê isso.

A relação com o trabalho se repete com o irmão que, há um tempo sofria com câncer de pulmão. Recuperou-se há pouco tempo com o auxílio do tratamento com quimioterapia. Sobre o irmão, o agricultor 11 conta que:

Ele vai na roça, não tem mais quem segura ele. Eu até falei pra cuida o sol, mas não tem quem segura. Mas foi o que ajudo na recuperação dele... Ele já tinha entrado em depressão... Quando ele fez quimioterapia, ele não queria ir, daí foi tanto conversar com ele, tanto, tanto, ele ficava... Tinha dias que ele dizia "eu via vocês pega o chapéu e i na roça, e os boi, e eu ia lá dentro chora que eu não podia i junto na roça." Ele fez isso... e depois ele me conto. Ele disse "eu não podia i". Tu vê, ele sempre trabalho na roça, direto, se ele ouvia eu i na roça e não podia i. Daí ele entro meio em depressão e daí não queria faze o tratamento. Eu sempre dizia: "tu, o tanto que tu trabalho, tu ajudo cria minha menina quando elas era pequena, eu tive que sai, tu cuida minhas vaca e tudo... agora deixa nós, tu vai volta a trabalha comigo, espera, faz o tratamento primero." Foi tanto conversa e tudo... eu disse: "tudo que eu pude faze pra ti eu vo faze, só que remédio eu não posso tomar pra ti"... quantas vez conversamo com ele! Até que um dia ele concordo em voltá faze o tratamento.... era pra faze até o transplante de medula, mas não preciso mais! Cancelaram... E hoje ele continua tudo normal, ta facero, até ta fazendo carteira de motorista agora...

Já a agricultora 10 e o agricultor 12 consideram que o trabalho é a fonte do sustento de sua família, estando nesse aspecto sua importância:

Agricultora 10: Ah, é pra tirar o pão de cada dia, porque nós não temo outro ganho, é só na base da roça, né?! É o sustento pra nossa família.

Agricultor 12: A gente trabalha porque faz parte da vida, né e é a sobrevivência da gente. Se não trabalhar como vai ser dali pra frente? Para manter a família precisa trabalhar. Na verdade não é como uma obrigação, mas é um dever que a gente tem que trabalhar e pronto, né.

Há alguns tipos de trabalho que são mais penosos e que, sendo possível, seriam substituídos, segundo relatam os agricultores. Há nas propriedades uma divisão do trabalho que leva em conta, entre outras questões, a capacidade física para o exercício de cada atividade. A partir dessa divisão, em geral as mulheres tomam conta do serviço doméstico e cuidam de algumas criações animais. Os homens tem funções mais pesadas que envolvem jornadas mais longas na roça, trabalho com mais peso, utilização das máquinas e comercialização da produção.

A agricultora 1 considera que:

Tem alguns trabalhos que são mais forçado né, mas aí esses a gente deixa pro outro lado né? (aponta para o marido). E em dois não fica tão pesado.

Os agricultores 1, 2, 4 e 6 consideram a questão climática como uma preocupação central do trabalho que executam, já que o produção pode ser prejudicada ou perdida por causa desse fator:

Agricultor 1: O trabalho ele é ruim quando tu trabalha bastante e dá uma estiagem e tu perde o teu trabalho, então daí a pessoa se sente um pouco desanimado, mas... Quando o tempo não ajudando a

colheita, ou muito sol ou muita chuva, estressa um pouco porque de repente tu vai perde o teu trabalho e não dá pra fazer nada. Se tu tem seguro ou alguma coisa, aí tudo bem, mas se não tem....Colhe ou perde!

Agricultor 2: É porque muitas vez a gente planta e não se sabe se vai colhe a quantia, as vez colho mais, ou menos...Mas é que nem agora, nos pra esse ano vamo te um ano de novo que nem ano passado...seco, seco, chuva, chuva. Depois de seco vai começa a chove mais do que precisa... se fosse reparti...Vai faze o que? Antigamente clima não era assim como ta hoje, de uns anos pra Ca. Daí daria seca, também mas não era todo ano, assim descontrolado... As vez dava um ano de seca e depois 5, 6 ano de safra boa.

Agricultor 4: O mais difícil de produzi o soja, as vez é, pra tu limpar ele, as vez é, o tempo não colabora e o soja é uma planta que vem ligero e daí o carrero ele fecha e daí fica ruim pra tu limpar. Então as vez tu planta ele hoje e o soja nasce e vamo dize que dá uns quinze, vinte dia meio chubarada. Depois você, daí você vai ter que i de tarde limpar no sol quente, daí é mais difícil. Mas ele não acontece a cada ano, mas as vez acontece, daí você se atrasa e daí tem que apurar. Assim não, tu vai fazendo devagarinho, quando é quente tu não vai, né, vai indo, consegue controlar. Agora tu não consegue controlar quando começa um dia sol, daí chove, quanto tu vê chove de novo e daí vai chovendo, vai indo, vai indo, daí esse é um problema.

Agricultor 6:Mas só que que nem nós que somo acostumado na roça a gente consegue. Só o clima, queira ou não, da erosão, estraga o plantio então, dá seca então a planta pena por causa de chuva, as pastagem também apanha, então é no geral. Eu sei que chuva demais é complicado.

Em contrapartida, o agricultor 9 tem uma visão diferenciada da influência climática na produção. Em sua concepção, apesar de concordar que o clima é algo natural, que não pode ser previsto com certeza; porém, uma vez que se apresenta de forma diferente ao longo do tempo, não pode ser considerado como, motivo de preocupação.

Agricultor 9: Mas eu não me preocupo com o tempo! Ele é natural, sempre foi. A natureza é assim... Uns dizem: "a mas e se chove?" Mas depois da chuva vem o sol. Uma coisa depois da outra... "Ah porque deu muita chuva agora vai dar seca" Não sei! Depende, as vez não dá. Não é sempre a mesma coisa. Agora essas chubarada que deu quem é que sabia? Tinham uma previsão de chuva, mas não tanto assim. Então é assim. Uns diziam que abril, maio era pra cair não sei quanta geada, cair neve e não sei o que... Digo, não sei, vamo vê primeiro. Passou e nem deu nada, caiu geada agora. Com o tempo que nós moramo aqui, deu muitos ano diferente. Cai geada em setembro, outubro. Eu tenho a filha mais nova, ela nasceu em 25 de setembro e no dia 22, 23, caiu geada, então... hoje é diferente, não se fala mais em geada em setembro. Antes nós quase nem plantava feijão antes da semana da pátria porque era geada na certa, até 10,15 de setembro caia geada na certa. Agora é difícil o ano que caia uma geada, ano passado foi em abril, maio, acho que foi e depois nem deu mais frio. Que eu me lembro eu podei as parrera em julho, porque tavam começando a brotar e agora tavam meio querendo largar o broto, mas com o frio dormiu de novo. Agora em agosto eu vo podá elas. Então é assim, o pêssego não, ta florescendo e parece que vai segurar. Então é assim, uma coisa diferente da outra, um ano de um jeito, do outro já é outro. Eles fazem as previsão deles, as vezes eu escuto... quando chove no rio grande, em 2 dia, 3 é quase certeza que chove aqui também, que não é longe né, e é no sul. Muitos dizem: de que lado vem a chuva... aqui pra nós vem de cima pra baixo né (risos).

Alguns agricultores consideram o fato de ter que trabalhar sob o sol algo complicado, uma vez que é penoso suportar o calor. A fala do agricultor 6 ilustra essa questão:

Agricultor 6: O trabalho eu não acho pesado. A única coisa que é um pouco é o sol, que judia, o calor judia, mas o trabalho não, é tranquilo até. Só quando tem um saco de milho assim. Depende do dia, as vezes é mais tranquilo, as vezes é pior...

O acesso à tecnologia é apontado como um amenizador da penosidade do trabalho. O relato do agricultor 2 e da agricultora 7 ilustram esse entendimento:

Agricultor 2: Antes, quando a gente trabalhava tudo com boi, arado, faze caminhada... daí sim, era mais difícil, agora não. Eu faço a minha parte que eu preciso faze e daí deu.

Agricultora 8: É, o fumo a gente plantava, mas só que o resto era tudo maquinário, só lidava com o fumo... Agora não, agora a gente tem que olha... mês de dezembro e de janeiro quase batendo enxada o mês intero no meio da soja. O trigo então não, o trigo é uma planta que vem no inverno, então é mais fácil um pouco. Mas depois que tirou o trigo, que é a soja, é mais difícil. No orgânico é sofrido, é verdade! Embora a gente ainda faz com maquinário, agora quando tem que ir com a enxada no meio... aí é puxado. A gente ainda consegue por causo disso, porque é só no soja né, porque depois, no resto do tempo, a terra ta mais fácil.

Nesse sentido, o agricultor 12 traça um comparativo entre o cultivo orgânico e o convencional. A posição deste é a mesma do agricultor 5. Na produção orgânica é necessário manter a lavoura limpa com a utilização da enxada, trabalho que é substituído pela utilização do veneno em outras formas de plantio.

Agricultor 12: Na verdade eu acho que é mais pesado porque depende de você, como diz o outro, das capina bruta. Você tem que enfrentar... não é que nem outra lavoura aí que o cara que não e orgânico chega com as máquina lá e passa e acabou, né, entendeu. Então é bem mais forte. A gente sabe o que a gente trabalha o ano inteiro no cabo da enxada!

Agricultor 5: O orgânico dá um pouco mais de dificuldade no controle da erva daninha. É mais fácil no convencional né... você passa o veneno e vai descansa... Porque no convencional você passa prevenindo, com tantos dias você passa, e depois mais 20 dias tu não precisa nem olha, nem faze nada... Passo de novo, mais 15, 20 dias que tu não precisa nem olha. Tu não tem aquele compromisso de ta acompanhando a lavora né, porque o veneno aqueles 18, 20 dias ele garante.

O agricultor 6 também traça um comparativo, porém entre a atividade do campo e a vida na cidade. Segundo ele o investimento financeiro necessário para a atividade rural é muito maior do que para o trabalho urbano:

Agricultor 6: Lá tem aquele salário certo, todo mês tem. Que nem a gente, que nem antes eu falei de lidar com vaca... é uma preocupação minha, se eu só fica cm vaca, dá uma seca e quebra com o leite, então eu teria que pensa em outras coisas, irrigação... mas é tudo investimento e os investimento hoje é muito alto, qualquer atividade da agricultura o investimento é alto. Com pouca coisa tu não começa, a gente vê quem lida com frango, te um aviário e manter, então é tudo muito caro. Na cidade não, queira ou não você tendo uma casinha você já consegue fazer...

O agricultor 4 ressalta que a administração dos recursos e investimentos na propriedade são o ponto mais complicado da organização da produção. Segundo ele, o “administrar, saber levar as coisas” é o que faz o negócio tornar-se viável ou inviável. Segundo entende, o motivo que leva alguns jovens a deixarem o campo é a falta da possibilidade de crescer economicamente com a propriedade:

Agricultor 4: Eu acho que os cara não tem como se levantar, não vê crescer ou eles não tem as coisas assim. Ou eles plantam fumo, coisa diferente e acham pesado. Geralmente plantam fumo e não vai pra frente.

Os agricultores 9 e 11 consideram que a falta de mão-de-obra é uma das dificuldades encontradas no trabalho do campo.

Agricultor 9: Dificulta um pouco no orgânico por causa da limpa, né... não se acha mais peão, o pessoal foi embora e quem trabalhava mesmo tá empregado hoje... principalmente por causa desse negócio da usina ali, então vai todo mundo pra lá ou pro frigorífico...Vai ficando só os aposentado na roça! Eu tenho o meu neto que ta estudando e mora na roça, ele ajuda a tirar leite, então ele pega o ônibus aqui, mas não sei até quando, né?!

Agricultor 11: A quantidade de trabalho é uma porque tu não tem mão de obra pra limpar a planta. Daí tu não tem alternativa, tu vai ter que usar o veneno, o veneno, tu vai ter que usar. Tu passa o veneno, tu limpa... porque se tu não limpar, tu plantou o soja, se tu plantar orgânico sempre, que nem eu, passei a carpinadeira, limpei com a enxada e no muque. E daí se tu não tem essa mão de obra também não adianta tu plantar, porque daí o soja acaba sufocado no meio do inço, tu não consegue controlar. Mas daí esse ano, como eu vou fazer rotação de cultura, aqui embaixo, já falei, vo plantar só milho, vo limpa o lixaredo e daí uma lavoura que tem no alto, bem em cima, então daí eu vou plantar um soja convencional.

A dificuldade proveniente da falta de mão-de-obra para o trabalho, conforme transcrito acima, é crucial na decisão do agricultor 11 de passar a cultivar na próxima safra, num local de trabalho mais difícil pelo acesso e geografia, a soja convencional. Para ele o cultivo do transgênico não é uma opção. Pela ideologia de trabalho que sustenta então o cultivo convencional é a saída que encontrou para sua dificuldade.

Apesar de entenderem que trabalhar supre uma função econômica em suas vidas, os agricultores apresentam respostas muito parecidas quando questionados sobre se parariam de trabalhar caso tivessem garantido seu sustento e de sua família por longo tempo.

Todos os entrevistados afirmam que mesmo que fossem bastante abastados financeiramente não parariam de trabalhar. Consideram também que possuindo recursos gostariam de investir em sua propriedade para melhorar as condições de trabalho e acessar a tecnologia necessária para incrementar a produção.

Agricultora 1: Acho que não pararia parado né...sempre alguma coisinha tem pra arrumar. Eu continuaria trabalhando. Parar parado a pessoa não consegue.

Agricultor 2: É difícil, claro não ia trabalha como sempre trabalhei...até hoje eu já trabalho menos, mas eu deixa de trabalha por causa de dinheiro não.

Agricultor 3: Não pararia de trabalhar, porque se eu comprasse lá uma casa e um carro eu não ia me sentir bem como eu quero ta aqui. Uma casa La com coisa moderna... eu não me sinto bem. Eu falei pra mãe, vai ser tão estranho ir lá na outra casa, porque é diferente... vai ser bem dizer quase tudo branco, então muda né?!

Agricultor 6: Eu não pararia porque a gente ta acostumado né... Aaaaah eu não conseguiria para. Não tem como. Até tem um empregado meu que se quebro a perna, até ele ia vim ali pra me ajuda a colhe feijão, faz uns 5 anos, mas daí ele teve que para por causa da perna... mas ele vivia falando que preferia ta lá fora no sol quente do que ta ali. Então realmente tem que ser bastante ruim...

Agricultora 6: Eu acredito que tu podia fica milionário que tu não ia para de trabalha (referindo-se ao marido), tu é acostumado... nem eu ficaria sem. Ia ficar com o mais leve né, mas parar totalmente eu acredito que não.

Agricultor 7: Não, eu pararia de trabalhar pros outros. Eu compraria uma propriedade maior e lidaria no mesmo sistema de plantio orgânico, numa propriedade um pouquinho maior e não assim pra ficar mais rico... porque na verdade se ganhar muito dinheiro e ficar parado o que vai acontecer? Você vai adoecer mentalmente né, porque você vai fazer o que? Você vai no bar tomar cerveja, vai no cassino jogar, vai fazer o que? Então tem que ter uma atividade e quanto mais a gente gosta de fazer, no meu ponto de vista, pra mim melhor.

Agricultor 10: Eu de plantar minha terra nunca pararia. Plantaria igual né, uma coisa ou outra a gente sempre tem que plantar. Eu quero arrumar pro lado de baixo, vo começar e to indo e vou tirar mais um pedaço. Quero mecanizar pro lado de baixo, arrumar... Eu enquanto tiver minha terra eu não paro. A minha profissão é essa né, nós se criemo na roça. Vo lá na cidade fazer o que, eu não acho vantagem na cidade.

Agricultora 10: Eu ia descansar um pouco, a gente ta cansado, tem que descansar um pouco também. Mas parar de um tudo assim, não.

Agricultor 12: Eu não pararia, porque cada caso é um caso e acho que a própria natureza da gente, a descendência... eu não posso ta parado. Você vê, eu tava caminhando, fui lá olhar como tava o calçamento.. tava caminhando porque eu não posso ta parado. Se não tivesse chovendo eu tava no trabalho, ou num ou noutro, mas tava trabalhando. É natural, né. Que nem eu sou uma pessoa que to a vida inteira. Hoje eu sou uma pessoa que tem família, mas passei anos sozinho e trabalhava orgânico do mesmo jeito. Hoje a gente possui uma família e tem aquilo de sempre dormir cedo e acordar cedo porque 4 da manhã eu to tomando meu chimarrão. Tudo acostuma... eu tenho meu nenê com 5 mês e

chega esse horário ele acorda e vai na cozinha no meu colo, quero que tu veja! E acostuma, ele vai acostumar que nem o pai, duvido se não.

Dessa forma, é possível observar que apesar das dificuldades relatadas, o trabalho desempenhado pelos agricultores é parte de suas vidas, sendo que, por este trabalho nutrem um gosto pessoal que o eleva a uma condição superior ao meio para sustentar-se economicamente. A partir deste viés da análise é que é proposta a análise da saúde mental dos trabalhadores, uma vez que a natureza do vínculo que construíram com seu trabalho é muito importante para compreensão do que entendem por saúde.

2.4 A CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA DO TRABALHO E SAÚDE MENTAL: O QUE DIZEM OS AGRICULTORES

É por meio do trabalho que um objeto deixa de ser mais um e converte-se em algo significativo socialmente. E dessa forma o trabalho, nas palavras de Codo, Soratto e Vasques-Menezes (2004, p. 278) “permite, constrói e expressa o indivíduo”.

Na psicologia, é a área correspondente à psicologia aplicada ao trabalho que procura compreender as questões envolvidas com a relação trabalho – saúde mental. Este ramo da psicologia busca entender as relações tecidas entre o trabalho, o trabalhador e sua saúde mental em toda abrangência do tema, buscando origens, condicionantes, determinantes desta relação com vistas à solução dos impasses que daí derivam (CODO, SORATTO E VASQUES MENEZES, 2004).

A necessidade de construir um corpo teórico para dar conta do tema saúde mental e trabalho surge do próprio mundo do trabalho que, segundo Codo, Soratto e Vasques-Menezes (2004), demandava uma intervenção. Nas palavras dos autores:

Os trabalhadores sofrendo de males que a fisiologia e a bioquímica dos médicos não podiam explicar e por outro lado, o corpus teórico da psicologia não poderia sobreviver muito tempo alheio ao trabalho humano – pois, como fazer uma teoria apta a explicar o homem sem uma das principais atividades dos homens? Impulsionada por uma exigência da vida e uma imposição da teoria, Saúde Mental e Trabalho tornou-se, em pouco tempo, uma área forte, pulsante, preta de formulações e de descobertas (CODO, SORATTO E VASQUES-MENEZES, 2004, p. 276).

Dessa forma, longe de se constituir em uma imposição destituída de base, os estudos acerca de saúde mental e trabalho se formam com base em necessidades que nascem do próprio contexto do trabalho, onde se fixou o imperativo – que tem sua origem na busca, ocorrida anos antes, por explicações acerca da subjetividade do homem, fato que deu origem à psicologia como ciência (BOCK, FURTADO, TEXEIRA, 2008) - de dar nome a algo que era observado sem ser ainda conhecido.

A partir da nova perspectiva de pesquisa em saúde mental trazida à tona por meio da psicologia do trabalho, tem-se a possibilidade de compreender o homem em seu cotidiano, em seu universo de atuação, em sua relação com o trabalho como um todo significativo. Com isso é rompida uma barreira antes vigente de que o papel do trabalho no sofrimento psíquico dos indivíduos era um tanto quanto incerto (CODO, SORATTO E VASQUES MENEZES, 2004).

Acerca desse contexto, Codo, Soratto e Vasques-Menezes (2004, p. 280) consideram que “se o homem ou a mulher que ali estavam sabiam que o trabalho é sinônimo da identidade do homem, e que a psicologia que ali se praticava fazia questão de ignorá-los, esta não podia dar certo”. Mais uma vez afirma-se que foi por meio do próprio âmbito laboral que o ímpeto de buscar respostas ao sofrimento do trabalhador a partir de seu trabalho, ganhou força.

Existe uma série de contextos considerados como geradores de sofrimento mental no trabalho. O Ministério da Saúde (BRASIL, 2001), entendendo que os transtornos de comportamento e psíquicos derivam destes contextos, classificou-os em: falta de trabalho ou a ameaça de perda de emprego; o trabalho desprovido de significação, sem suporte social, não reconhecido; situações de fracassos, acidente de trabalho ou mudança na posição hierárquica; ambientes que impossibilitam a comunicação espontânea, manifestação de insatisfações e sugestões dos trabalhadores em relação à organização; fatores relacionados ao tempo, o ritmo e o turno de trabalho; jornadas longas de trabalho, ritmos intensos ou monótonos, submissão do trabalhador ao ritmo das máquinas; pressão por produtividade; níveis altos de concentração somada com o nível de pressão exercido pela organização do trabalho, e a vivência de acidentes de trabalho traumáticos.

Dentre os fatores acima classificados podem ser apontados alguns que estão limitados a condições materiais, como jornadas longas de trabalho ou falta de trabalho. Porém, tal como anteriormente exposto, a partir da significação atribuída

individual e socialmente sobre cada um desses pontos, eles deixam de ser somente físicos para interferirem diretamente na condição psíquica e emocional dos trabalhadores.

Além disso, é importante ressaltar que a ausência de doença mental não significa necessariamente a presença de saúde. Para Vasconcelos e Faria (2008, p. 455) “é preciso ir além da aparência do fenômeno para que se possa “escutar” o mal-estar, o sofrimento no qual ainda não há doença manifesta”, de modo a buscar indícios que demonstrem a possibilidade de ocorrência da doença a partir de características presentes no contexto de trabalho.

Cabe definir saúde e doença mental com vistas a delimitar a possibilidade da existência ou ausência de cada uma delas no ambiente laboral. Codo, Soratto e Vasques-Menezes (2004, p. 279) afirmam que “saúde mental é a capacidade de construir a si próprio e à espécie, produzindo e reproduzindo a si próprio e a espécie. Distúrbio psicológico, sofrimento psicológico ou doença mental são o rompimento dessa capacidade.” Codo (2002, p. 173) entende que doença mental é, em última instância, um conflito do indivíduo consigo mesmo; do “indivíduo com seu outro.” Nesta mesma perspectiva, sofrimento ou doença mental ocorreriam quando esferas significativas, ou seja, aquelas capazes de gerar e transformar significados da vida do sujeito fossem afetadas.

Sampaio e Messias (2002) definem doença mental a partir do conceito de sofrimento psíquico, interligando. Assim, os dois conceitos. Consideram sofrimento psíquico como uma “dificuldade, vivida pelo sujeito em operar planos e definir sentidos para a vida, aliada a sentimento de impotência e vazio, o eu sendo experimentado como coisa alheia.” (idib, p. 151). Doença mental, para os mesmos autores, é entendida como:

Fracasso nas tentativas de entender, superar, evitar ou tornar suportável os sofrimentos psíquicos, radicalizando o processo de alienação e fazendo o sujeito viver tensões sem expectativa de solução ou abolir aparentalmente os pólos de tensão entre parte/todo, essência/aparência, indivíduo/sociedade, consciência/objetividade (SAMPAIO e MESSIAS, 2002, p. 151).

A ausência da capacidade de construir-se pode ser observada a partir do discurso do trabalhador, bem como da sua postura e comportamentos cotidianos. Codo e Jacques (2002) entendem que a noção de que o trabalho pode ser causador

de sofrimento psíquico é óbvia, já que pode ser identificada “no andar das pessoas, no sobrolho franzino das professoras, no olhar de desistência dos bancários, nas marcas do esforço das rugas precoces do bóia-fria” (CODO e JACQUES, 2002, p. 19).

Essa constatação acaba por confirmar que o modo como os homens vivem determina a forma como são; a maneira como ocorre a apropriação e transformação da natureza pelo homem estará influenciando o aumento das estatísticas de bem-estar ou morbidade social. Assim, ainda que em meio à grande diversidade de compreensões teóricas e metodológicas, a premissa de que o trabalho influencia positiva ou negativamente a saúde mental do trabalhador é, neste momento histórico, inegável (CODO e JACQUES, 2002).

Apesar das certezas já existentes, a delimitação exata da relação entre trabalho e saúde mental ainda não existe. Por exemplo, o trabalho profissional, não sendo o único fator de influência na vida do indivíduo, não pode ser apontado como único responsável pelo sofrimento mental do trabalho, sem ser, igualmente, destituído de responsabilidade. Sobre isso cabe ressaltar que Dejours (1988), ao buscar a delimitação da causa da doença mental dos trabalhadores nos limites do ambiente laboral, acaba por, frente a um impasse quase insolúvel, mudar seu foco de estudo, passando a pesquisar as formas que esses mesmos trabalhadores adotavam para manterem-se saudáveis em contextos potencialmente geradores de sofrimento.

Codo e Jacques (2002, p. 25) assim se colocam sobre esse impasse:

Não poderia ser diferente. O trabalho é o modo de ser do homem e, como tal, invade e permeia todos os níveis de sua atividade, de seus afetos, de sua consciência, o que o torna um problema difícil de pesquisar porque permite que os sintomas se escondam por todos os lugares: quem garante que os desafetos familiares, o chute no cachorro ao retornar a casa, não se deve a razões de ordem profissional? Por ser onipresente, o trabalho e seus efeitos são difíceis de detectar.

Nesse contexto, a inter-relação trabalho e saúde mental pode ser observada em seus efeitos, num nível circunscrito ao indivíduo, ainda que se produza a partir de uma estrutura social. Por isso, o nexos causal entre o trabalho e o sofrimento psíquico do trabalhador, se torna deveras escorregadio. A própria consciência do risco, da perda do emprego, por exemplo; pode levar o trabalhador a um aumento de ansiedade que contribui de fato para o aumento do risco, sendo essa vivência muito particular,

dependente da vida, da história e da cultura do indivíduo em questão (CODO e JACQUES, 2002).

O fato é que o sofrimento psíquico se “esconde” nas atividades humanas geradoras de significados. Uma dessas atividades é o trabalho. Sendo fonte de significados, o trabalho gera possíveis “outros” da ação humana, e buscar estes outros é tarefa do investigador da psicologia. Assim, a atividade do psicólogo e do sociólogo se aproxima quando se fala sobre o trabalho; já que, qualquer área fundante da identidade do sujeito contém muitos “outros” (CODO, 2002). Finalmente se chega a constatação de que “é preciso investigar muito e muitas coisas distintas, porque o significado se esconde em todas elas” (CODO, 2002, p. 174).

Sobre isso, em Sato (2002), está aparentemente delimitada a ampla noção da relação entre o trabalho e a saúde mental do trabalhador a partir de um viés cultural, daquilo que é dito e está expresso, e daquilo que, ao ser dito, é compreendido, internalizado e obedecido. Segundo esta autora:

As pessoas criam vínculos e regras próprias, dão forma e conteúdo aos processos organizativos a partir de práticas de trabalho onde nem tudo é dito porque a densidade e a textualidade do cotidiano prescindem de nomeações dos atos e acontecimentos. Regras tácitas sustentam o conserto de práticas e não são objetos de estranhamento ou questionamento, sendo vividas como naturais. A subjetividade se expressa através de diversas formas – instituições criadas (formas de relação, códigos, ritos, regras, valores, etc.) e as práticas – sendo a verbalização apenas um dos canais de sua expressão. Isso significa que o estudo da subjetividade não se restringe ao que as pessoas “pensam ou conhecem”, mas ao que “faz sentido” para elas, porque pode estar no âmbito dos costumes, uma espécie de segunda natureza, incorporada em hábitos, ‘um comportamento inercial, induzido e habitual’ entranhado, portanto, no terreno do inefável, pois, embora estabelecido e cristalizado, não está formulado em lugar nenhum (SATO, 2002, p. 42).

Jacques (2002) busca, na história, um viés cultural que justifica em algo a atual relação do sujeito com seu trabalho. É possível considerar que atualmente tem-se uma concepção de trabalho pautada num conúbio entre a visão judaico-cristã; que traz em seu livro sagrado a ideia de trabalho como castigo divino e a noção que surge com a ética protestante de que por meio do trabalho estaria garantida a purificação e salvação. O trabalho passa a ser exaltado por meio de valores como poupança, diligência e temperança, que lhe conferem o conceito de dignificante, sendo vivido, paralelamente, como algo profundamente negativo.

Cabe o questionamento relacionado à manutenção dessa visão acerca do trabalho, já que a mesma parece ter bases corroídas. São inúmeras as razões que

fazem permanecer tal representação coletiva. Podem ser citadas aqui as motivações econômicas, já que é por meio do trabalho que se provê a subsistência, assim como a manutenção do caráter, ainda que por meio da transformação do corpo em mera força de trabalho (JACQUES, 2002).

Relacionando essa sujeição ao aparecimento da doença, Jacques (2002, p. 101) afirma que:

Os mecanismos desencadeados com o objetivo de controlar e domesticar o corpo passam pela sujeição à organização do trabalho. A doença representa uma reação a essa sujeição, embora as explicações de suas causas se inscrevam em uma perspectiva individualista na ideologia de sucesso e fracasso que lhe é associada, a partir da qual os indivíduos são responsáveis pelas suas ações e pela sua sorte. Assim, não se fica doente devido ao trabalho, mas à fraqueza individual e a doença se instala ou remite de acordo com a vontade dos indivíduos.

Desse modo, a doença, sendo atribuída como culpa ao indivíduo, é socialmente vista como justificativa para o não trabalhar. A pressão individual por suportar o peso de se manter moralmente em dia, através do incansável exercício do trabalho, passa também pela definição da própria identidade do trabalhador. Nesse sentido, Jacques (2002) recorre à Arendt (1981) para sinalizar a importância que o *homo faber* adquiriu no mundo contemporâneo; já que, na tentativa de dizer “quem é”, a própria linguagem induz o sujeito a dizer “o que é”, buscando, para esta definição, todos os atributos laborais que supostamente concedem a ele maior crédito e importância para a sociedade.

O trabalho exercido pelo indivíduo tem, dessa forma, grande importância na formação de seu autoconceito, assim como do conceito do mesmo frente à sociedade. Por esse motivo é que o trabalhador deve estar no foco das pesquisas sobre saúde mental e trabalho; o que pode correr o risco de analisar demais o contexto, esquecendo-se daqueles que formam, sustentam e sofrem os rigores da cultura e grupo, vivendo subjetivamente aquilo que materialmente não pode ser observado.

Codo e Jacques (2002, p. 24) tecem uma crítica sobre este ponto, afirmando que “em saúde mental e trabalho, os textos são escritos e as pesquisas são realizadas, muitas vezes, para ressaltar a doença e esquecer o doente, ressaltar o trabalho e esquecer o trabalhador”. Portanto, tendo em vista os objetivos da presente pesquisa, passo à análise do olhar dos agricultores sobre a saúde mental.

Ao serem questionados sobre o que entendem por saúde, os agricultores apresentam respostas diferenciadas, muitas delas deixam ver relação direta entre o conceito sobre saúde e o papel do trabalho na vida desses sujeitos.

Inicialmente tem-se a concepção do agricultor 7 que considera que saúde é tudo. Para ele, a saúde seria como um princípio de vida, ou seja, tendo saúde tem-se o necessário para viver bem:

Agricultor 7: Honestamente é tudo. Tipo assim, eu com uma dor de cabeça já é um problema, é absolutamente normal, é maravilhoso né... A pessoa que tiver sem saúde, com uma gripe forte, por exemplo, que tá dois dias, três dias sem vir trabalhar, tem sensação ruim. Eu, graças a Deus, nunca tive uma doença que fosse grave, nada...no máximo uma gripe, então uma dor de dente, dor de cabeça fora de hora é péssimo, atrapalha muito. Então a saúde não tem... a gente acho que com saúde não existe coisa melhor, o primeiro caminho de tudo é a saúde.

Seguindo no mesmo sentido, a agricultora 8 apresenta sua concepção dizendo que:

Eu penso assim, saúde é a pessoa se cuidar, dar valor pra vida, se valorizar, por causa que tem pessoas que pensa que se valorizar é se jogá, se jogá na pintura, se jogá na vida e eu pra mim não, isso pra mim é se desvaloriza e até se prejudica a saúde da pessoa, com o tempo ela vai cai em si e vai vê que ta errada. Eu pra mim saúde é a pessoa se valoriza, porque se valorizando ela vai se cuidar, se cuidar de qualquer tipo de doença, e a doença vem por falta de cuidado. A saúde significa ta bom, ta bom, te saúde é te força, disposição mas não é por a pessoa não ter disposição que a pessoa ta fora de saúde, que ela ta doente, as vezes é qualque coisinha, qualque desânimo... mas isso a pessoa mesmo tem que na consciência dela vence aquilo ali.

Algumas das respostas se baseiam na alimentação. Nesses casos, se percebe certo orgulho dos agricultores ao relatarem que sua produção é orgânica. O entendimento é de que além de ser saudável para a própria família que consome produtos predominantemente ausentes de veneno, o produto que eles fornecem ao mercado também é considerado como fonte de saúde e ambientalmente correto. A fala do agricultor 1 ilustra esse aspecto:

Eu acho que o cara se alimentar bem, com produtos saudável, que ele mesmo produz, porque se tu comprar, hoje... Saúde é o maior bem-estar da pessoa. Hoje se a pessoa tem todos os conforto mas não tem saúde também não resolve nada. Eu não sou daqueles caras bem... que não quer ficar rico não. Pobre não precisa se cuidar de ninguém, pode sair tranqüilo.

Além da ênfase na alimentação saudável, o produzir para o próprio consumo é exaltado como garantia de um alimento de qualidade e gerador de saúde. É possível perceber, nesse caso, um vínculo indireto entre o conceito de saúde e o conceito de

trabalho. Se para se ter saúde é necessário alimentar-se bem e o trabalho deste agricultor é o cultivo de produtos orgânicos, sinônimo de saúde para ele, automaticamente tem-se que seu trabalho gera saúde para si e para os demais.

A opinião do agricultor 1 pode estar embasada na intoxicação que teve pelo trabalho com o veneno em anos anteriores:

Olha, nós até pra plantar, pra passar veneno mesmo, nos plantemo algodão, mas tinha que passar veneno muitas vezes, porque... Aí eu acabei me intoxicando. Foi com o cheiro do produto. Eu me tratei. Só que até hoje, se eu passar na estrada onde tiver uma roça onde foi passado veneno eu já sinto. Dor de cabeça, até hoje...se sentir catinga de veneno me dói a cabeça e me arrepia, parece que o cabelo fica em pé quando eu sinto o cheiro do veneno. Depois da intoxicação não teve mais jeito. Não lidei mais.

Assim, ao ser questionado sobre seu conceito de saúde, este agricultor fala sobre o consumo de produtos saudáveis, o que se pode inferir que está relacionado com essa intoxicação pela utilização do veneno.

Ao falar sobre saúde, o agricultor 8 também conta que teve uma doença do estômago que derivou da utilização de agrotóxicos:

Pra nossa saúde deu muita diferença quando começamos com o orgânico, porque quando nós plantava fumo eu sofria, vamo supor, do estomago né?! Eu não ficava bom do chero do veneno com o fumo e daí eu parei de planta e eu melhorei, né?! Não vo dize que eu melhorei 100%, mas daí eu fiz uns exame e daí acuso né, que um pouco do veneno e assim por diante.

Tanto o agricultor 2, como os agricultores 11 e 12 não tendo vivido nenhuma experiência de intoxicação pelo uso de agrotóxicos, relatam suas observações sobre muitos casos de doenças em agricultores que aparentemente se relacionam com o uso de veneno. Em todos os casos é possível perceber as observações feitas são fundamentais para que permaneçam cultivando produtos orgânicos.

Agricultor 2: Desde que eu me lembro, nos nunca usemo veneno, quando nós comecemo a trabalha não tinha veneno... o veneno começou de uns 15 anos pra cá, só que a gente nunca usava. Sempre com o orgânico. E depois a gente via os otros trabalhando com veneno e tavam se intoxicando, tava prejudicando a saúde deles, daí nós tentemo, já que temo uma área pequena... eu pensei: "mas pra que usa veneno se a gente vence na enxada o que tem que fazer?"

Agricultor 11: Tava comentando com meu vizinho hoje, eles tão cada pouco com o piá, diz que agora ta desmaiando, tão achando até... nós, né, tamo achando que não sei se não é o veneno que gera a doença. Até quando eu levei o meu mano pra C., os médico tava suspeitando que era pelo ar, que o ar tava levando... Muitos tá dando câncer já do próprio veneno.

Agricultor 12: Pra começar a gente sempre teve noção de que o veneno era muito perigoso, né. A gente viu tanto caso acontecer. Eu como sempre fui um pequeno agricultor, então né, a gente trabalhava só na base do arado e da enxada, nada mais.

Ainda sobre as preocupações que os agricultores têm sobre a utilização do veneno, na maioria dos relatos se observa que a principal fonte de contaminação, na visão dos entrevistados, seria pelo ar. Dois deles, a agricultora 10 e o agricultor 12 demonstram também grande preocupação com a contaminação da água. Na fala do agricultor 12 se percebe a responsabilidade e o cuidado que procura ter com a natureza, buscando preservar o meio onde vive, assim como o meio ambiente de maneira geral:

Agricultora 10: Antigamente era sarampo, tosse comprida, essas coisas que tinha de doença, mas era um temporadinho ali, uns 8, 15 dia tava bom de novo, já tava pronto pra outra, como diz né?! Mas tem uma coisa, isso aí é puro veneno, o ar que a gente respira é contaminado tudo né...que que adianta, nós não passamos veneno mas os outros tudo em roda passam... respiramos tudo o mesmo ar... A água nossa graças a Deus por enquanto ela é de poço artesiano, não usa nada de negócio, nem cloro não usa... é uma água boa, não dá pra dizer que tem doença. A água da cidade vem de tudo que é roça que passa veneno... é tudo lá dentro, pode fazer de tudo mas não fica bom, né?!

Agricultor 12: Verdade, e depois já pra começar eu que sou agricultor, morando na beira de dois rios que nem eu tenho aqui vou lidar com veneno? Aí eu vou acabar intoxicando, contaminando até as água, entendeu? Não pode ser assim, se todo mundo pensasse assim era bem diferente.

A possibilidade de “envenenar-se” aparece em quase todas as falas e pode ser considerada como fator fundamental de preocupação dos agricultores pesquisados com relação à geração e preservação de saúde. O agricultor 4, tal como os demais, registra porque optou pela produção orgânica:

Eu acho que nem que eu ganho um pouco menos com o orgânico, mas eu não to me envenenando. As vez o cara pode ganhar bastante dinheiro... daqui a pouco ele ta envenenado e não se cura e não adianta...

A agricultora 10 e o agricultor 6 consideram que para ter saúde e bem estar é necessário alimentar-se bem. A questão da alimentação também aparece várias vezes no relato dos entrevistados, sendo considerada como fonte de saúde quando bem administrada.

Agricultora 10: Ah, é não comer muito veneno né?! Bom, desde uma salada, vai comprar lá na coisa, ta cheia de veneno. E se a gente tem em casa, ta já assim sem veneno. É uma coisa que dá pra ter saúde já porque se vai comendo veneno vai destruir a saúde da pessoa. E se ta orgânico, como diz, ali sem veneno, é uma coisa que tem mais, assim...

Agricultor 6: Em primeiro lugar eu acredito que é a alimentação, não desagera no trabalho, porque também se fizé loucura...

Tanto o agricultor como a agricultora 6 consideram seu trabalho como fonte de saúde, tanto por ser um exercício físico como por não requerer a utilização do veneno, fator que faria o trabalho rural tornar-se, na visão desses agricultores, potencialmente doentio:

Agricultora 6: Eu acho o trabalho é saúde...é um exercício né...

Agricultor 6: Eu acho que sim, porque graças a Deus... Já uns 5, 6 anos que a gente decidiu de plantar orgânico e não usamo veneno, porque o veneno causa intoxicação. Se a gente tivesse plantado convencional de repente nesse período já teria corrido o risco de se intoxicar, sabe lá como que tava a saúde. Eu com 43 anos me considero ainda bom pra joga bola, to com saúde, totalmente.

A partir de outro viés, o agricultor 2 expressa essa mesma concepção. Ele não se considera totalmente saudável porque “sempre um pouco de veneno temo no corpo”. Da mesma forma a análise da resposta anterior serve para esta. O trabalho que ele desempenha não é o responsável pela produção da doença, mas sim, ajuda a elevar os índices de saúde para a população.

Agricultor 2 : 100% saudável não sou porque um pouco de veneno nos temo no corpo, por causa que o ar ta poluído. To dexando o bigode pra filtra, mas não filtra que chega. Daí me perguntam se eu não vo tirá o bigode... “Não, eu sô orgânico, tem que deixa o bigode pra filtra o ar, né?!”

Também falando sobre a parte do veneno que não se consegue evitar, mesmo produzindo organicamente, a agricultora 8 ilustra esse aspecto citando outras utilizações que fazemos direta e indiretamente de substâncias tóxicas:

Agricultora 8: Tinha gente nessas reunião do sindicato, que se preocupavam com as embalagem dos agrotóxico... O E. disse: “Manda joga dentro do poço”, porque se pode trabalha em cima do veneno, pode também ocupa a embalagem, sempre, cada reunião ele dizia. Eu não posso critica muito porque nós mesmo lidemo com veneno muitas vezes já e a gente não pode né, ficar criticando os otros, porque a gente não tem, na situação que a gente vive a gente não consegue viver sem... porque desde o inseto dentro de casa, a gente vai no mercado e compra o veneno, tudo né, porque tem, no fim das contas, a lida, mesmo no trabalho...Nós aqui não vamo passa, mas ali, depois da geada passaram o veneno. Aquilo vem tudo na gente, então não é que a gente não vive, aonde a gente ta, sempre, alguma coisa a gente sempre ocupa que tem o veneno, que tem o agrotóxico junto.

O agricultor 3 também entende que o seu trabalho gera saúde, já que nele não é feito o uso de nenhum tipo de veneno.

Acho que o trabalho gera saúde, nós não usemo veneno nem nada. Desde a água, tudo é melhor.

Este mesmo agricultor responde que se considera uma pessoa saudável e que para ter saúde o principal fator é a alimentação. No mesmo sentido, o agricultor 4 também se considera uma pessoa saudável por não fazer a aplicação de veneno.

Sim, me considero uma pessoa saudável. Porque tem gente hoje que se você disser: “O cara, passa uma maquinada de veneno”, ele não vai. Eu não passo veneno! E o cara que passa ele cobra 10 vez mais que era o normal, por causa do veneno. Então tudo eles tem medo do veneno. Eles sabem que o veneno mata, mas eles não adianta! Eu tinha um compadre que ele fumava e ele disse: “A gente sabe que o cigarro mata a gente, mas a gente vai fumando igual”... Ele sabe!

O agricultor e a agricultora 8 falam que o trabalho é uma fonte de saúde e que o gosto pela atividade que cada um desempenha é relevante para a saúde que o trabalho gera:

Agricultor 8: Não precisa ser só aqui na roça, a pessoa trabalha em qualquer trabalho é uma fonte de saúde, tu gostando de fazer o teu serviço, então hoje em dia tem muita gente, eu vi bastante gente que não quer né, então onde que podia pega um serviço e i pra frente né, mas sei lá...Vamo faze uma comparação, que nem você: “ah, eu vo lá carpi, mas eu não gosto de faze esse serviço, eu gosto de faze aquele serviço”, então tu vai dexa desse e vai faze aquele... então é assim as pessoa né, cada um gosta daquele serviço né.

Agricultora 8: Olha, qualquer trabalho deve de se, porque se eu não gosto de um trabalho o outro gosta, o outro faz... então deve de se que pra ele também é bom né, é fonte de saúde né, eu acho que é... Claro, agora vamo dize trabalhar dentro de uma fábrica de agrotóxico não vo dize que é fonte de saúde né...

Mais uma vez o agrotóxico surge como uma ressalva delimitando a diferença entre um trabalho sadio e um trabalho potencialmente doentio. No caso dos agricultores acima citados, é possível relacionar a associação que fazem entre o agrotóxico à doença como resultado da doença no estômago que o agricultor 8 teve e que foi vinculada ao uso que fazia do veneno.

O aspecto físico do trabalho é bem avaliado pelos agricultores quando afirmam que trabalhar faz bem para a saúde. Para os agricultores 10, 11 e 12 estar sempre em movimento faz com que o corpo não se canse com facilidade e isso é, segundo sua visão, muito bom para a saúde. O agricultor 9 ressalta que com o trabalho tudo melhora, até o apetite:

Agricultora 10: Olha, um pouco a gente pode até dizer que é pra saúde, porque se a gente vai mesmo parar, é que nem eu disse, a gente vai ficar tudo com dodói aqui dodói ali. Eu sei por mim, quando a gente para as vez, com o tempo as vez não tem muito serviço na roca, daí quando a gente vai pegar de novo, a gente tudo que é parte do corpo dói. E se a gente ta trabalhando direto não dói nada.

Agricultor 11: Acho que o trabalho é saúde, porque se é doença daí eu tava com um pé no cemitério... dá pra vê até pelo pai, que nem nós falemo, ele não se sente bem de fica em casa.

Agricultor 12: Na verdade o trabalho é mais saúde. Por que na verdade vc ta sempre movimentando o corpo, como diz o outro tu ta se movimentando e é bem melhor pra saúde do que ficar parado.

Agricultor 9: Pra mim á saúde. Porque uma que muitos ficam muito parado, nem apetite pra come não tem. Eu não, eu chego pra comer eu como mesmo, porque dá fome né... parece que o organismo já pede um reforço, né, então almoço, janto, sempre comi bem, so bom do estomago tudo.

O agricultor 11 ressalta que para ele é estressante ver o serviço por fazer e não conseguir terminá-lo. Por isso, na sua visão, é possível que o trabalho gere doença, uma vez que nem sempre consegue terminar tudo o que planejou fazer e isso lhe faz mal:

Agricultor 11: Sei lá se é ter saúde, pra mim poder fazer o serviço é ta bem! Eu to bem assim, mas se eu vejo serviço, ela pode contar, se eu vejo serviço e eu não puder faze eu fico estressado e não durmo, não consigo dormi... eu não consigo dormi, eu falo a verdade, eu não durmo. Eu fico pensando que o serviço eu não consegui fazer, eu não durmo. Essa aí dorme! Eu fico só me rolando na cama e não durmo. Daí se eu consigo fazer, que eu posso trabalha o dia intero, que aquele serviço que eu pensei de fazer eu fiz, daí eu to tranqüilo. Eu mesmo que faço os plano, não falo pra ninguém, eu vo e faço, só que daí também se eu não consegui fazer...

Nas falas dos demais agricultores, o esforço físico e a exposição ao sol em demasia formam o lado ruim do trabalho, podendo fazer com que dele surjam algumas doenças. Para aqueles que ficaram doentes por motivos alheios ao trabalho que executam, a exposição ao sol é a principal preocupação e todos contam que passam a ter mais cuidado com isso para preservar sua saúde. As falas dos agricultores 6, 9 e 10 ilustram esse aspecto:

Agricultor 6: A gente, aqui, graças a Deus doença não tem. Claro, ta começando um pouco de dor nos osso, um reumatismo, mas aí também entra a idade. Mas, vamo dizer assim, no mais ninguém mais tem nada...

Agricultor 9: Sim. Vou parar um pouco com a soja porque no ano passado o sol me judiou. Eu tinha problema de próstata e inflamou, fiquei uns quatro dias internado, entoa o soja eu vou parar. O feijão e o milho eu vou continuar porque se não tem que comprar e quando você compra é que você vê o preço. Hoje pra vender ta 17, só que você vê o outro lado, o trigo ta 45, então quem é que não come pão. Até os cachorro comem pão, pq sempre sobra um poquinho pra eles. Mas a única coisa assim foi que deu uma inflamação de próstata, então a gente tem que dar uma cuidada, com o calor... com o sol.. começa a irritar. A comida também que ir pela metade, se não já começa a engordar né. Uns 3, 4 mês, no começo do ano que agravou mais, na limpa do soja né, com aquele sol quente e a gente limpando de mão, né. Carpindo de enxada e arrancando foi onde que piorou, então agora a gente se cuida.

Agricultor 10: Eu doença eu não tenho, só que a gente ta gasto, com as junta gasta de tanto trabalhar né, e de peliar né?! Agora, se fosse uma doença, morre vai morre igual, doente o cara fica do mesmo jeito né?! Não trabalha ou trabalha.... As vez quantas pessoa nova que ta lá na cidade morre antes que um veio que ta aqui no interior. Eu acho que trabalhar não mata ninguém.

O agricultor 3 e o agricultor 7 relatam que para eles doença significa não poder se locomover, perder a mobilidade para fazer aquilo que precisa e quer:

Agricultor 3: Ser doente é o cara não poder fazer as coisas. É não poder se locomover

Agricultor 7: Doença pra mim seria, mesma coisa quase que eu falei antes, uma pessoa doente fica trancada dentro de casa, perder a mobilidade, ficar confinado em casa na frente da televisão, computador... Tu querer fazer uma coisa, ir pra cidade ou pro sítio e não poder por questão de saúde, ou ir no sol ou na chuva... Então isso pra mim seria, no meu ponto de vista, não tenho uma opinião formada, mas seria terrível, seria péssimo.

Ao definir saúde, o agricultor 5 considera a saúde para além de aspectos físicos. Algo a ser destacado na história de vida deste agricultor e de sua família é que sua esposa já teve depressão. É possível inferir, por isso, que o conhecimento e a vivência da doença mental fazem a saúde mental ser considerada na representação social que o agricultor construiu acerca de saúde.

Agricultor 5: Eu acho que o bem-estar é a saúde. Eu acho que você tá bem no psicológico é saúde.

O relato da agricultora 5 demonstra a relação que a mesma tece entre o trabalho e a saúde, Ao explicar o que entende por saúde ela utiliza a experiência que o marido teve com o emprego que tinha na cidade:

Agricultora 5: Ele acabo se arrebetando todo e a gente também, porque a gente também não fica bem se vê que ele vai e vem, vai e vem e as vezes já tava na hora de ele ir pro trabalho e ele não tinha chegado em casa ainda. Daí chega em casa corre toma banho, come corrido e chega... então ele não tinha tempo pra nada. A gente percebe que ele tá sofrendo e se ele tá sofrendo a família todo sofre junto né. Eu acho assim que o bem-estar a gente, claro que o dinheiro sempre foi importante e sempre vai ser, ninguém vive sem dinheiro, mas chega um ponto que o dinheiro não é tudo. Se você recebe aqui mas tu tem que levar lá pra uma psicóloga, pra farmácia, pro médico... daí que que adianta aquele monte de dinheiro se você vai levar lá num lugar onde você não precisava tá levando? Você não vai usar pra ir num lugar ou numa festa com a tua família, você vai levar pra farmácia. Que diferença fez tanto trabalho? O trabalho tem que produzir saúde, saúde como bem-estar, senão não leva a nada.

A mesma agricultora conta que parar de tomar os antidepressivos foi uma libertação e que só conseguiu melhorar com a ajuda da família e a partir do entendimento de que a situação não mudaria, ela é quem precisava se adaptar. Ao buscar as causas da doença vivenciada, a impossibilidade de trabalhar por precisar cuidar de seu filho; além de possuir um problema na coluna a fez sentir-se dependente. Para ela, a ajuda que poderia oferecer em casa, com seu trabalho,

amenizaria os problemas econômicos que a família enfrentava pelo tratamento de seu filho, hoje com 21 anos, e que toma muitos medicamentos, já fez várias cirurgias e precisa de internamento hospitalar frequente.

Agricultora 5: Foi assim que eu consegui me liberta do remédio antidepressivo, com a ajuda dele, que ele sempre dizia: “É assim, é assim”. Tem dias que dá vontade de puxar na orelha, porque a gente cansa de não enxergar e o outro já enxergou e você, enquanto não enxerga você não aceita o que o outro diz. Você não consegue aceita o que o outro diz. Eu tomei o remédio 3 anos e eu me libertei, graças a Deus, eu me libertei. Eu não to mais tomando que faz um tempinho já, faz mais de dois anos já, e as vezes quando ela vai, ela volta, ela vai bate na tua porta de novo, daí não adianta... eu vo lá na horta e tomo um chá de hortelã... aí vai passando.

Ao falarem sobre doença mental os agricultores em geral se referem à depressão. Para muitos dos entrevistados essa doença está diretamente ligada ao trabalho. No caso da agricultora 5, seu relato é de que uma das causas principais da depressão que teve foi o não poder trabalhar para colaborar com as finanças em casa. A mesma agricultora considera que há muito preconceito envolvendo essa doença, sendo este o fruto do desconhecimento de suas causas e de sua legitimidade. Ela fala que:

Agricultora 5: As pessoas, a maioria do povo ainda acha que é frescura... que é uma tristeza. Mas não é uma tristeza que você escolhe ter... Eu acho que aqui em casa a maior doença é, como diz assim, por causa do trabalho, por causa da dificuldade, porque eu sempre trabalhei, eu trabalhava fora, eu era independente. Aí eu fui para na roça com ele e agora eu não posso mais trabalha fora, então assim, eu sinto que eu gosto do que eu faço, eu sempre gostei do trabalho de casa, mas eu sinto necessidade de sai, trabalha, de ter o meu ganho, de não depender. Isso gera estresse e leva até a uma depressão... que nem eu digo, por causa do problema do L. também...É um trabalho que não tem retorno, tanto que quando a gente sai por ali eles pedem pra gente se a gente trabalha. “Tu trabalha fora?”, eu digo “Fora não, mas eu tenho uma casa inteira, tenho marido, tenho dois filhos, um filho com problema, que precisa 100% de mim”. Eu trabalho muito, eu acho. As vezes o ouvido deles é... porque tem que ter alguém pra ouvi a gente, tu precisa desabafar de vez em quando porque se não fica loco. Porque tu tem que controla as finanças, tu tem que vive, se adapta conforme o financeiro, conforme o ambiente de cada um.

Neste sentido, seu marido, o agricultor 5, assim se manifesta com respeito à doença mental, especificamente à depressão:

É um problema que não foi resolvido. Eu disse esses dias pra ela, depressão não é uma doença, é um problema que ainda não foi resolvido. Que não existe, depressão não é uma doença, é sobrecarregamento de alguma coisa.

É possível extrair do relato deste agricultor, que a depressão não é considerada como doença por ele. Nos relatos dos demais sujeitos entrevistados essa posição de entender a depressão como não sendo uma doença se repete:

Agricultora 6: Eu acho que depressão dá mais em quem não trabalha, quem se ocupa mais acho que não entra a depressão. Eu acho que a pessoa que fica sem trabalho dá mais depressão. A pessoa que ta sempre na atividade ele, sei lá, se distrai e não acontece isso.

Agricultor 7: Ah, mas eu ficaria bem fácil deprimido se tipo assim, eu não trabalhasse, eu ficasse doente – quer dizer, uma doença que fosse natural, no caso né – e tivesse que ficar em casa ou me acomodar em algum lugar... com certeza o tempo não passaria. Eu vejo uma depressão assim, as vezes vejo os colega que tem, que trabalham na Diplomata ou em outras empresa também, depressão mais real mesmo vamos dizer assim que é uns 30%... os outros 70% a gente vê, apesar que não é especialista no assunto, a gente vê como opinião própria né, 70% não é uma depressão, é uma depressão vamo dizer forçada, bem no português se chamaria de preguiça né, mais por aí... e realmente 30% pode ser ocasionado uma doença ou um fator psicológico mesmo, alguma coisa que muda a pessoa mesmo. Mas 70% com certeza é se acomodar, com a preguiça, ficar parado, não vejo um pensamento diferente nessa parte porque quando tão parado daí tão facero, tão dentro de casa, vão na bodega jogar baralho e ta tudo bem e quando é pra ir pro serviço ta tudo mal, então não é propriamente o trabalho em si e nem o lugar que trabalha, não é nada disso e sim o “ah eu tenho que trabalhar”. Eu acho que tudo nós temo que fazer alguma coisa na vida né... não tamo no mundo pra passeio né?!

Agricultora 10: Pois é, de uns ano pra cá que ta saindo essas bobera... já digo assim. É bobeira porque é uma coisa que a mente da pessoa que ta desse tipo aí. Daí tu começa a colocar aquilo ali na cabeça né... Se fica perguntando “por que que fui fazer isso?”, daí começa a pegar aquela depressão. A pessoa fica depressiva por causa disso, de pensar! Se a gente vai dizer que tem que ficar em casa, ali esperando na base do “to doente, to doente”, claro que daí a gente dica mais doente mesmo, mas aí é a mente da pessoa, por isso que pega essas depressão né?! Mas eu acho que doença mesmo, só se por acaso dá uma doença, que nem agora esses câncer, AIDS, essas coisa né...

O agricultor 7 cita que a “auto-ajuda” é um ponto imprescindível para quem quer melhorar. Ele considera que é necessário buscar melhorar, seguir com o trabalho, porque isso será definitivo na possibilidade da melhora. Os agricultores 12 e 10 também trazem conceitos parecidos em seu relato:

Agricultor 7: O doente que fica parado ele só vai piorar né. A doença é quase, claro, a gente fala psicológica né... mas tem doença que não é, mas o que agrava uma doença com certeza é a pessoa não ter auto-ajudou, no meu ponto de vista. Se eu tiver uma gripe que me sentir tão péssimo que não levantar pra ir pro trabalho, eu vou passar mal na cama, vou levantar meio-dia e vou tar pior. E se eu levantar simplesmente, vou tar ruim, vo me vestir e nesse fluxo aí, vou sair pro trabalho e vou chegar bom no trabalho. Se eu ficar em casa é capaz de depois do meio-dia eu ir pro hospital. Então a auto-ajuda, quando a gente ta com sintomas de, o corpo da gente ta cansado ou qualquer outra coisa, isso influencia diretamente na melhora imediata. Uma doença mesmo, se for uma doença, que a pessoa não tiver uma mobilidade ou uma coisa assim pra conseguir se ajudar, melhorar a auto-estima e tudo, fazer o psicológico trabalhar também, eu acho que eu ficaria pouco tempo doente. Eu acho que eu ficaria péssimo.

Agricultor 12: Não, eu na verdade até hoje eu fui sempre aquela pessoa sofrida, trabalhador, que levanta de madrugada, mas sempre pisando firme e cabeça em pé porque se o cara, a pessoa deixar qualquer coisinha afetar...daí não, daí tu não se levanta mais. É a pessoa as vez enfrentar um problema ou ter um problema...se sente, eu acho que não tem aquela força e cada dia vai tomando conta e entra em depressão. A pessoa tem que sempre levantar a cabeça e dizer que amanhã é outro dia, que vai dar certo e lutar, lutar mesmo, de verdade... porque se a pessoa baixa a cabeça, vem a depressão, pode vir tudo pra pessoa. Na verdade, as vezes a pessoa que se sente enfraquecido, isso já é uma doença. Se a pessoa não se sente enfraquecido ele supera doença e tudo na realidade.

Agricultor 9: O doença impossibilita a pessoa de poder trabalhar né. Porque as vezes não é só a doença que é doença mesmo né, as vezes a própria mente... se a pessoa não tem a mente sã ele acha que tudo o que vai fazer não resolve. Isso não adianta, aquele outro também não adianta, aquilo não vai dar certo, antes de começar as vez. Agora se tu começa devagar e acreditar no que faz, vai embora porque já vê o resultado. Não adianta você começar um serviço achando que não vai dar certo... tu não vai nem começar daí...Qualquer coisinha já atrapalha. A época de seca que deu aqui anos atrás... ninguém morreu de fome, a gente dá outro jeito, vai fazer outro serviço fora, vai vender...

Da mesma forma, considerando que a depressão pode ser evitada se a pessoa conseguir se controlar, a agricultora 8 assim relata:

Eu na minha idéia, no meu pensamento, a pessoa que não se controla, qualquer palavra faz ela entra em depressão. Às vezes a outra fala qualquer palavra e a outra se ofende e sem percebe pode engoli aquilo lá e fica em depressão sem ela percebe também, ela pode fica magoada em depressão. Tanto... agora eu, esse negócio de agrotóxico e essas porcaria de mercado com um monte de conservante, isso traz doença pro povo, né, mas acho que as vez, assim oh, a pessoa mesmo tem que se corrigi pra não entra em depressão, a pessoa tem que i controlando, porque se não a pessoa entra muito fácil em depressão. Porque o problema da depressão eu acho é isso.

As agricultoras 1 e 10 e o agricultor 10 consideram que estando trabalhando não se tem tempo para pensar e isso é muito positivo, já que pensar demais e não ter o que fazer seriam causadores de depressão.

Agricultora 1: Eu acho que se o cara não tem nada o que fazer, assim, pro cara que é acostumado a fazer, é depressivo.. vai ficar pensando: Meu Deus, mas o que que eu vou fazer? E acaba ficando mal. Que nem aqui não tem tempo de ficar pensando pra dar depressão, sempre tem alguma coisa pra fazer né?! Sempre tem uma distração.

Agricultora 10: Saúde da mente... O que que eu vou te dizer? A gente pensar positivo né?! E não só negativo, porque é uma coisa que se vai pensando bobeira na cabeça, a gente vai ficando doente e se a gente ta normal assim, sem porcaria na cabeça ali, a gente já vai se animando mais

Agricultor 10: O mas é visto, porque daí se distrai né?! Porque se o nego fica li só sentado e começa a entreva e só vai por aquilo na cabeça, na cabeça né!? Aí começa a dar aquela depressão nas pessoa né?!

O agricultor 11 relata que pensa demais e que pelo estresse que sente ao ter que deixar coisas por fazer pensa que se não puder trabalhar um dia, poderá ter depressão por não conseguir parar de pensar:

Agricultor 11: É que assim, eu fico pensando daquilo que era pra fazer, e daquilo e já não vem sono. A gente não consegue controlar! Não consegue! Mas é que tu deitou na cama e penso naquilo, já se foi, não dorme mais! Sei lá, acho que é o estresse, que nem eu falei... não sei se eu não entraria em depressão se eu vejo tudo aí e não conseguisse fazer mais nada. De repente é um estresse aí que tu entra...

Os agricultores 2 e 10 expressam opiniões parecidas, também considerando a influência que a perda do emprego, a falta de trabalho e dificuldades econômicas poderiam ter no aparecimento da depressão:

Agricultor 2: Hoje tem muita, da pra dizer, tecnologia mais avançada, coisa nova, notebook, às vezes a pessoa até vai e compra, faz o que? Daí tem que trabalhar, às vezes perde o emprego, não tem dinheiro e começa pensando e se enrolando tudo, a pessoa entra em depressão. É, eu digo, se eu fico parado eu não vou te sossego, então um a pessoa começa a pensar, pensar, pensar e quando vê entra em depressão e não sabe por que.

Agricultor 10: Uma, às vezes o cara tava aqui, no sítio aí no interior, tinha duas, porque uma vez tudo mundo tinha duas, três junta de boi, eu sei também tinha duas, nunca fiquei sem, sempre tinha duas quando eu mexia só no braço... daí, vendeu a terra, vendeu a criação, vendeu tudo pra comprar uma tarramba velha lá na cidade, acabou virando em zero... com o rapaz ali aconteceu isso né... Não soube o que fazer e começo a botar na cabeça né?! É, exatamente, é desse jeito. O cara vende as coisas e se vai pras bregas tudo... e daí lá se foi o que tu tinha, tu tá morando lá numa biriva velha que tá caindo os pedaços e se foi o dinheiro e tu tá com o bolso seco, seco tudo o que tu tinha e não apareceu nada... Eu sei que a minha sogra, minha sogra morreu, faz três meses, aquela foi depressão ... Foi lá pra C., venderam ali, começaram com mercado pra cá, mercado pra lá, não sabiam nem quanto era 5 e quanto era 4 e a velha começou a botar aquilo na cabeça e deu a depressão e não melhora mais, bem isso aí que aconteceu. Hoje o cara tem que pensar... "ah eu vou vender e vou lá e farra e festa", que nem tem gente que faz, daí fica sem nada e começa a pensar: "onde que tá minhas coisas? eu trabalhei tantos anos, onde que tá o que eu tinha? eu não tenho mais nada...". E hoje acontece... eu conheci dentro das vilas gente que tinha tudo... hoje ninguém tem nada.

Não gostar do trabalho que faz também pode levar à depressão, segundo o que considera o agricultor 4:

Agricultor 4: Eu pra mim a pessoa tem que ter uma tristeza se ele tem que fazer o que ele não gosta né?! Vamo dizer que você tem um emprego e não arruma mais nenhum emprego... Quantas vezes eu já ouvi dizer que "tô fazendo isso, mas não gosto!". Eu acho que quando o cara vai fazer uma coisa que não gosta já trabalha assim meio...

Na continuidade do relato do agricultor 4, sua esposa, a agricultora 4 exemplificou com sua experiência:

Agricultora 4: Que nem uma experiência própria nossa que a gente foi morar um ano e oito meses na Vila. Isso foi uma coisa... Eu a melhor coisa que me aconteceu foi o dia que eu pude voltar pro meu cantinho aqui, tirar leite das minhas vacas, cuidar dos meus bichos.

O foco da agricultora 4 não esteve na causa da doença, mas deixou perceber que para ela fazer o que gosta é ser saudável, já que se sentiu melhor ao poder voltar para a zona rural e trabalhar com o que prefere.

Já o agricultor 6 considera a fé em Deus como ponto fundamental para a prevenção da depressão. Ele destaca a importância de não desanimar, apesar das circunstâncias. Nesse sentido, as experiências dos familiares que já passaram por

dificuldades é seu ponto de apoio, servindo como garantia de que é possível seguir em frente apesar das dificuldades. A agricultora 6 complementa a fala de seu marido sintetizando que o “colono é muito esperançoso”, conseguindo por isso se sobrepôr às dificuldades que precisa enfrentar.

Agricultor 6: É, que nem o soja, a seca pegou em cima, mas a gente não se desanima, levanta a cabeça e toca pra frente. Se esse ano não deu, ano que vem pode ser melhor e... E tipo assim, nessa parte, tem que ter fé em Deus, porque se o cara se desesperar, largar a fé por completo, aí eu acredito que ele vai entrar em depressão e aí pode gerar mais doença mesmo, porque o cara tem que se ajudar, não adianta né...Porque tipo assim, a gente sempre vê fala das pessoa mais antiga, mais velha, que eles também passaram por isso, então isso ta sujeito de a gente também passar... E tamo passando... E como diz, as minhas menina também vão passar por dificuldade, e é assim, tem que levantar a cabeça e...

Agricultora 6: O colono é muito esperançoso, ele sempre tem esperança que no ano que vem vai dar...

A concepção religiosa também aparece no relato da agricultora 8 que considera que o trabalho é bom e é uma fonte de saúde porque “isso ta escrito até na Bíblia né?!”.

Ao falarem sobre doença mental e depressão, apenas um agricultor citou a questão do relacionamento, assim como também apenas um falou sobre a possível influência negativa dos agrotóxicos na doença mental. Chama a atenção que quando tratam sobre saúde física os agricultores citam o agrotóxico como prejudicial, porém ao falarem sobre saúde mental apenas um deles considera esse aspecto.

Agricultor 1: É verdade, bastante mais, sei lá se é porque o pessoal não sabia o que que era. Já existia, não tanto que nem agora e maioria do pessoal que ta bem depressivo as aqueles que lidam com o veneno.

Agricultor 3: Acho que é o relacionamento... Eu sei dos meus padrinho, tão sempre brigando, os filhos bebendo, nunca se acertaram. Ele tava em depressão e depois melhorou, agora ela fez uma cirurgia e agora ta ela. Acho que é uma coisa assim.

O agricultor 9 fala sobre a forma como o trabalho é executado e a exigência que está envolvida no aprender a trabalhar e no “dar conta do serviço”. Para ele, respeitar os limites da aprendizagem e dar tempo para que se pudesse aprender com a experiência poderia evitar a depressão como doença mental derivada do trabalho.

Agricultor 9: Um pouco eu acho que o trabalho não é mais como antigamente, ele é mais na tecnologia, ele exige muito da pessoa, é tudo, não é manual. Antigamente era tudo batido na máquina, na mão. Hoje é tudo computador e coisa assim aí se a pessoa não ta a par disso aí... Eu não sei nem ligar, meu neto já começou a aprender, ta aprendendo, mas só que ele vivem mais da força da mente.As vezes a

peessoa se força tanto pra querer fazer aquilo que ela não consegue. Ela não tem alcance pra isso, mas ela força tanto a mente que no fim ela acha que não ta conseguindo fazer, dá conta do recado, já acha que vai perder o emprego e já começa a dar ao contrário, como diz o outro, como um motor que dá contra. Ele acha que o que ta fazendo não vai adiantar, que não vai resolver. Entao se não tem uma pessoa assim pra estimular, um órgão, uma coisa assim, não, se você não consegue fazer 10 vez o que você tá fazendo, faz 8, faz 7... Muitos também é o horário... porque tem que fazer 10 horas porque tem que fazer 12 horas, mas o limite é 8h, então você faz as 8 e se der pra fazer mais faz, senão não faz. Tem muitos que parece que ficam agitado porque tem que fazer aquela quantia, porque tem compromisso, porque tem que ganhar e assim vai.

A antinaturalidade da lógica imposta pela tecnologia e pelas novas formas de trabalho é apontada, então, como sendo potencialmente causadora de doença mental. Como solução, este mesmo agricultor aconselha os jovens:

Agricultor 9: Se eu dissesse pra dar um conselho pra juventude pra escolher um lugar tranquilo pra saúde, pra viver tranquilo, é o interior. Eu estudei um pouco e no fim parei, achei bom de parar porque hoje não sei se eu ia tar aqui.

Nesse sentido, ao falarem sobre saúde, alguns dos agricultores se referem ao bem-estar, talvez por ser um conceito mais fácil de definir. Ao relatarem o que entendem como bem estar muitos deles falam sobre sua rotina de trabalho e sobre o lugar em que vivem, tal como se pode ler nos relatos subscritos:

Agricultor 2: É uma coisa que, vamos supor, se tu prepara o teu terrero pras planta, não falta chuva, nem dá chuva demais, faz uma safra boa... na hora que a gente que colhe e o tempo deixa a gente colhe e as coisa que a gente prepara em casa e não tem nada que atrapalha. Enquanto que tive com saúde a gente vai tocando o barco, se caso acontecer que não puder mais a gente para.

Agricultora 5: Esse é o bem-estar! Se você consegue fazer tudo o que precisa. Tem dias que vai muito bem, mas tem dias que chega num ponto que...claro que não é só pra quem trabalha em casa, é pra todo mundo, mas eu me parece assim que se a gente já era acostumado a trabalhar fora e que você pode sair de vez em quando lá na rua, lá no teu trabalho que tu tem pessoas diferente pra conversa, assunto diferente pra conversa parece que muda muito. Aqui em casa, só em casa, eu fico praticamente o dia todo só com o L... O tempo não passa e é assim. Mas eu acho que ajuda muito no bem-estar da gente se você tem o teu trabalho que tu consegue ser valorizado por isso.

Agricultor 6: Isso ali não muda... não que a gente nunca fale que ta cansado, mas vamo dize assim que se toca de faze mais um servicinho a gente faz. Pra dá a volta... Não dá pra fazer corpo mole, né... se eu não for faze aquilo, quem que vai faze? Alguém tem que fazer, vamo dizer ali só eu e a minha esposa, tem as menina, mas elas tem os trabalho delas e meio dia na aula, então só eu e minha esposa.

Agricultor 7: Quando a gente ta trabalhando assim, por mais trabalho que seja, normal, quando se vê já ta na hora de almoçar, já ta na hora de ir embora, o dia passa. E é um trabalho, não é cansativo... é cansativo de modo físico, mas mentalmente não. Uma prova disso é um método de vida... se dá um final de semana assim que chove, fica o dia inteiro dentro de casa, acho que pra ficar o dia dentro de casa é quase o dia mais ruim que tem. E devia ser um dia ótimo porque você não vai fazer nada, mas tu toma chimarrão, tu conversa e é 10 hora da manhã e tu toma chimarrão e conversa e é 10 e meia... então é nesse sentido né?! Então aquele dia acaba sendo um dia de 24 horas praticamente acordado, porque o dia não passa, não rende e um dia de trabalho é o contrário, começa, termina ligero. Um dia no sítio é muito mais interessante, a gente vai de manhã, quando vê é de noite, faz um almoço, quando vê ta na hora de voltar. Passa o tempo né... Aí você vê as domésticas né, as dona de casa a gente vê

que é um trabalho também diferente porque passa o dia inteiro ali e tem que ser uma pessoa que começa a pegar como modo de trabalho também, porque senão não passa o serviço, tem que ter uma atividade, né?! Então seria mais ou menos, pensando no meu trabalho eu to feliz com o trabalho que eu faço, então quando as vez começa a desgastar aí chega o final de semana e você vai fazer outra coisa e na segunda-feira você ta totalmente diferenciado, né, você consegue quebrar aquela rotina. Dá pra viver bem nessas parte.

Agricultor 9: A gente ta aí, de chapéu tapiado, como diz o outro, ninguém incomoda. De manhã a gente acorda perto das 6 hora e os passarinho já começam a cantar em volta da casa, as galinhas e os galo fazem barulho... então a gente acostuma com a natureza. Hoje eu fui tratar as galinha e tinha 3 saracura junto com as galinha. É perto da sanga, então a gente, como diz o outro, a gente viu que depois de uma certa idade, ir pra cidade trabalhar do que? A gente só viveu na roça...

Agricultor 11: Eu acho que tem, mas podia melhorar... Tem vez que ela cobra: "ah, podia ta bem melhor", mas eu sempre chateio: "ah, embaixo de uma lona é muito pior!". Mas eu acho que bem-estar tem, só que eu acho assim, que hoje quem tem mais cada vez que ter mais... Hoje é isso, mas eu não penso isso. Tendo pra vive, tendo saúde ta bom! E tendo saúde você faz tudo. Dia que ta chovendo sempre tem coisinha pra fazer, a gente não para nunca. Porque não é obrigado a tu faze o que nos tamo fazendo trabalhando na roça. Que nem na lavora assim, vamo fala da lavora... já é uns dois, três mês que bem dizer, pegar na roça to te mentindo se eu disser que peguei. É só serviço da casa, atende o bicharedo, planta pasto, coisa assim. Não é que tu tem que ta fazendo...

Agricultor 12: Pro bem-estar é tudo né, ter vontade de trabalhar, tem que ter uma boa horta, todo tipo de verdura e daí por frente, cuidar da alimentação.

Apesar das dificuldades relatadas pelos agricultores, em relação à execução de seu trabalho, prevalece massivamente a ideia de que, para eles, a atividade que exercem gera saúde e bem-estar, uma vez que nas suas falas ao conceituarem essas questões, aspectos do trabalho aparecem em todos os relatos.

Dessa maneira, pelo vínculo entre os conceitos de saúde e trabalho, é possível inferir que há forte interferência entre ambos; e que, pela ausência de sinais de sofrimento mental derivado da atividade de trabalho de todos os agricultores entrevistados, essa influencia é bastante positiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao propor a pesquisa descrita nesta dissertação, certamente não se apresentaram à reflexão a quantia de variáveis e as situações que estavam por se apresentar. Quando a proposta está fixada em pensar sobre o ser humano e, neste caso, entender algo mais sobre o seu trabalho, não é demais considerar, uma vez mais, a complexidade do tema e de como ainda há muito para pensar e para construir nesse sentido.

Na introdução desta dissertação, está colocada uma das principais preocupações que circundou todo o processo de construção da pesquisa, que é fugir da construção de conhecimento unilateral, de buscar ir além da informação que é usada para dominação e repetição das práticas “da maioria”, que tendem a manter o *modus vivendi* próprio da modernidade, da busca pelo desenvolvimento econômico em primeiro lugar.

Nesse sentido, entende-se que, pesquisar o trabalho sob o viés da saúde mental e não da produtividade e ir além da pesquisa em grande escala, do urbano industrial, são pontos muito positivos, uma vez que trouxeram dados um tanto desafiadores, quando comparados a outras pesquisas sobre saúde mental e sobre trabalho.

Prova isso o fato de que infelizmente o valor social dado à classe dos agricultores, especialmente aqueles não adeptos ao agronegócio, ainda é muito baixo. Ao relatar sobre o objetivo e o público desta pesquisa, por muitas vezes, deparei-me, como pesquisadora, com o seguinte questionamento: “Por que pesquisar sobre agricultores?” “Era, esse, o único meio de vincular uma pesquisa em psicologia ao desenvolvimento regional?”

A intenção ao relatar esse impasse entre a proposição de pesquisa aqui exposta e a opinião tecida comumente sobre essa forma e direção da ciência está em que repetimos, muitas vezes sem perceber, o modelo dominante vigente. Ainda há muito que aprender em termos de questionamento e de ampliação de limites; seja do pensamento individual (foco neste caso), bem como da construção da ciência com fins de desenvolvimento social.

Ao perceber o impacto social que pesquisar saúde mental em agricultores cria, penso que o objetivo da pesquisa já começa a se concretizar porque por si mesmo diz: Sim, se pesquisa saúde mental no mundo rural e; sim, a categoria de trabalho dos agricultores familiares é de extrema importância social; representa e atua em funções indispensáveis socialmente. Isso precisa estar escancarado. É preciso que isso seja visto e que a isso se dê importância. Com a pequena parcela de ciência contida neste trabalho, espero ter contribuído para isso. Se não formalmente nesta dissertação, mas pessoalmente este é um objetivo muito caro para mim: Dar visibilidade àquilo e àqueles que socialmente têm ocupado papel tão importante, os agricultores familiares.

Dejours (1988) considera que a lógica de trabalho proposta pelo capitalismo e vivenciada pela maioria dos trabalhadores, no mundo atual, cria uma situação de trabalho potencialmente doentia. O trabalho é visto, então, como campo propício para o aparecimento de doenças tanto físicas quanto mentais. Essa constatação nunca foi algo fácil de compreender ou mesmo de aceitar. Ela produz, para mim, um questionamento que eu poderia chamar de intenso: Por que, sabendo que a lógica de trabalho nos leva à produção de doença no trabalhador, não estamos trabalhando para que esta lógica seja melhorada ou substituída por outras formas mais justas, igualitárias e saudáveis de exercer o trabalho? Um passo a mais nesta busca já seria um avanço considerável. Espero que os resultados aqui apresentados sirvam para nos fazer refletir nesse sentido.

O objetivo desta investigação foi identificar as representações sociais acerca de trabalho e de saúde mental de um grupo de agricultores familiares que cultivam produtos orgânicos e analisar as relações entre tais representações e eventual aparecimento de sofrimento mental nos sujeitos. Nesse sentido, tem-se que, ao tomarmos contato com as representações de trabalho e de saúde, é possível perceber que estão extremamente interligadas. Os relatos demonstram que ao falar de trabalho, os agricultores falam de saúde e ao falar de saúde eles falam sobre trabalho.

Chama a atenção o fato de que em nenhum dos casos investigados se podem perceber indícios de sofrimento mental derivado do trabalho. A amostra é limitada, porém, a ausência desse tipo de sofrimento não deixa de chamar muito a atenção. Em alguns casos foi possível identificar certa desconformidade com a impossibilidade de exercer o trabalho. São exemplos disso os relatos da agricultora 5 sobre a

depressão que vivenciou e do agricultor 11 ao relatar os problemas de saúde de seu pai e de seu irmão. No caso da agricultora 5, ao ser privada do trabalho pela necessidade de atender seu filho que apresenta doença crônica grave, que o afeta fisicamente e cognitivamente, a mesma considera que não poder trabalhar em uma função que tenha reconhecimento social maior que a de dona de casa lhe faz se sentir dependente e já foi motivo de doença mental. No caso do agricultor 11, estando tanto seu pai como seu irmão com câncer, fazer com que eles se mantivessem por um tempo longe do trabalho da roça foi tarefa quase impossível. Ele mesmo relata que se não pudesse fazer seu trabalho provavelmente desenvolveria algum tipo de sofrimento ou doença mental.

Volto a relatar esses dois casos somente para exemplificar que, sendo os únicos em que está presente com importância algum tipo de doença que priva os sujeitos de exercerem suas atividades, tem-se que o que gera o sofrimento não é o trabalho, mas sim sua ausência. Neste sentido certamente caberia uma pesquisa em que se buscasse levantar dados de sofrimento mental em agricultores privados de seu trabalho

É importante destacar algumas particularidades características do contexto de vida e trabalho dos agricultores pesquisados, uma vez que podem ser definitivas nos resultados aqui alcançados e também podem servir como grupo controle caso sejam realizadas pesquisas futuras no sentido de comparar realidades (produtores orgânicos; convencionais e transgênicos; produtores orgânicos de Capanema e produtores orgânicos de outras regiões do país ou do mundo; produtores orgânicos vinculados à empresa e outros que não tenham a venda de seu produto garantida, etc).

O primeiro aspecto a ser destacado é a relação estabelecida entre os agricultores e a empresa que intermedia a comercialização de seu produto com o mercado internacional. O vínculo que existe entre ambos permite que os agricultores tenham garantia sobre a venda de seu produto e que recebam pelo mesmo um valor maior que o oferecido comercialmente para os produtos convencionais. Assim, pela vantagem econômica que se estabelece, percebe-se que mais agricultores acabam aderindo à produção orgânica. Há também a associação dos agricultores que tem ampla atuação e permite que organizem critérios para utilização dos prêmios em dinheiro que recebem dos compradores no exterior. Esses valores são transformados

em insumos e em ferramentas que amenizam os custos da produção para os agricultores, aumentando seu lucro por consequência.

Infere-se que a não existência da empresa poderia levar à desistência de muitos agricultores do plantio orgânico. A organização entre eles poderia manter na ativa aqueles que têm mais internalizada a ideologia do plantio orgânico, porém, as condições econômicas e de trabalho seriam muito mais difíceis. Outra questão a destacar é que há constante apoio técnico aos produtores, oferecido pela empresa. A ausência desse acompanhamento poderia levar a uma baixa na produtividade, o que também mudaria bastante o cenário do plantio orgânico em Capanema. Sintetizando, é possível afirmar que a existência da empresa intermediadora é fundamental para manutenção da quantidade de produtores orgânicos que há em Capanema e que, caso a mesma deixasse de existir, o cenário de trabalho dos agricultores que permaneceriam plantando orgânicos seria mais complicado, o que poderia modificar a saudável relação que têm com o trabalho hoje.

A preocupação econômica comercial de fato não aparece no discurso dos trabalhadores. Eles preocupam-se com a quantidade da produção e em como o clima pode afetar esse aspecto, porém a necessidade de negociação, por exemplo, não é algo que citem nem quando falam sobre o positivo nem quando falam sobre o negativo de seu trabalho.

Todos os agricultores pesquisados possuem pequenas propriedades em que trabalham suas famílias. O fato de não possuírem grande quantidade de terras permite que o trabalho seja realizado pela família. Nesse sentido, muitos dos entrevistados relataram que produzem organicamente porque conseguem dar conta do serviço sem precisar fazer uso de agrotóxicos. O conceito de trabalho que possuem e a forma como foram ensinados a exercer sua profissão pode ter contribuído para o que eles entendem por “dar conta do serviço”. Todos contam que começaram a trabalhar quando eram ainda crianças e que as atividades rurais sempre fizeram parte de sua vida. O ajudar sempre foi parte da rotina. Assim, esses agricultores estão acostumados com uma jornada intensa de trabalho; eles realizam tarefas fisicamente intensas de forma natural, afirmando, inclusive, que entendem que seu trabalho não lhes exige muito fisicamente.

Algo mais a ser considerado é que além de ter se iniciado ainda crianças na execução das tarefas rurais, quando eram mais jovens e chegaram à região sudoeste

do Paraná, encontraram um local que começava a ser povoado e onde as características predominantes eram de cunho rural, seja na organização da economia, como da sociedade de maneira geral.

Na época, a maioria da população concentrava-se no meio rural e o trabalho era considerado como tal em seu aspecto físico, braçal. A figura do trabalhador, e essa representação permanecem no discurso de alguns dos entrevistados: era aquele que exercia uma atividade física de trabalho. Dessa forma, a quantidade de dispêndio de força física não é considerada pelos sujeitos entrevistados numa mesma medida que as gerações seguintes, com maior acesso à educação escolar e “filhas” de um maior contato com uma sociedade mais urbanizada, consideram como trabalho.

É possível considerar que a representação de “trabalhar muito” e “trabalhar pouco” possui uma relação muito próxima com a história de vida dos agricultores, como não poderia deixar de ser. Sendo assim, consideram seu trabalho desgastante, porém em um nível normal para o que eles entendem como necessário para a execução de uma atividade laboral qualquer. Em resumo, para criar uma imagem, é possível considerar que o que é “trabalho leve” para os agricultores pesquisados pode ser considerado insuportavelmente “pesado” para alguém que tenha a pouca idade e que somente tenha conhecido as atividades eminentemente urbano-industriais. Talvez, para este segundo, o trabalho agrícola possa ser potencialmente doentio pela quantidade de energia física que requer, porém, para os sujeitos desta pesquisa, esse fator é visto de forma totalmente diferente.

Por fim, cabe considerar que a percepção que os participante desta pesquisa têm de mundo, de meio ambiente e de saúde está fixada na noção de alimentação saudável e preservação e respeito à natureza. Há uma “ideologia do orgânico” que está envolta em seus discursos e que gera certo orgulho e felicidade ao falar sobre o que fazem. Em algumas propriedades há placas que indicam que ali há produção orgânica, deixando ver que falar sobre como realizam seu trabalho é algo que os motiva. A relação entre trabalho e saúde se estabelece, assim, de forma bastante estreita. Quando se lê as concepções dos agricultores sobre saúde isso fica muito claro. Para eles, em todos os casos a saúde se relaciona com a alimentação saudável, sendo esta um sinônimo de alimentação orgânica.

Assim, quando esses agricultores analisam a relação trabalho-saúde, não estão fixados em como o trabalho que executam pode produzir saúde para si mesmos,

mas sim para todos os consumidores de seus produtos também. É possível considerar, então, que a relação trabalho-saúde, percebida nesta pesquisa é uma relação social, como todos os demais vínculos de trabalho estabelecidos pelos agricultores familiares em seus contextos de existência. Está para além daquilo que “o meu trabalho é para mim”, fixando-se na noção e na responsabilidade que envolve o que “o meu trabalho é para o mundo, para todos os seres humanos e para a natureza”. O agricultor não se vê como parte isolada de seu meio ambiente, mas sim como envolvido no “metabolismo” descrito por Marx (1985) entre ele mesmo e a natureza, sendo seu trabalho a “cola” que os une.

O orgulho que nasce de sua produção orgânica às vezes é demonstrado em seu discurso como a não utilização de veneno. Muitas vezes o agrotóxico aparece na fala dos agricultores como algo inaceitável e como sinônimo de “ausência de vontade para o trabalho”, já que, conforme suas falas, passar veneno na lavoura não demanda o trabalho braçal (trabalho real para os agricultores), não sendo, portanto, considerado como atividade laboral. Nesse sentido se pode ouvir muitas vezes: “eles não trabalham, só passam veneno 3, 4 vezes na lavoura e pronto.”.

A relação tecida entre trabalho e saúde a partir das representações sociais de agricultores familiares que cultivam orgânicos demonstra que ao exercerem seu trabalho o percebem como potencialmente criador de saúde física e mental. Para que a questão possa ser ampliada (e merece ser!) seria muito interessante que se pudesse criar inicialmente um comparativo entre produtores orgânicos e convencionais residentes na mesma cidade. Como continuidade, esses estudos comparativos podem ser ampliados para outras regiões, onde se possa ver com mais clareza dados sobre incidências de doenças físicas e mentais e sua relação com a concepção de trabalho tecido pelos sujeitos em cada circunstância. Tomar o trabalho como centro pode nos dar a direção sobre como melhorá-lo e fazê-lo, em outros contextos, se tornar menos potencialmente doentio, bem como se pode pensar em formas de ampliar de forma direta a relação do mesmo com a saúde mental do trabalhador, por meio do compartilhamento de experiências e vivências entre os mesmos e entre outras categorias profissionais.

Tomar contato com todos estes aspectos de uma realidade completamente desconhecida, até então; proporcionou em termos de avanços científicos, para a pesquisadora, uma experiência inenarrável, que avança para todas as situações

sociais que tem a oportunidade de viver diariamente. Pessoalmente, o crescimento foi tão grande ou até mesmo maior, visto que as experiências que foram generosamente compartilhadas, o tempo dedicado pelos agricultores para uma conversa que talvez nem tenha sido interessante para eles, demonstra grande generosidade e grande ânsia por colaborar e fazer parte do crescimento dos demais, da cidade e do nosso país. Há muito que aprender, ainda, e a fonte encontrada é muito generosa ao ensinar. Pretendo voltar a ela quantas vezes seja possível para que este trabalho de pesquisa possa crescer e tornar-se digno daquilo que foi possível aprender com ele.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. **Transformações na Vida Camponesa**: O Sudoeste Paranaense. 1981. 126 f. Dissertação - Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1981.

_____. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo –Rio de Janeiro – Campinas: Editora Hucitec, Anpocs e Editora da Unicamp, 1992.

_____. Desenvolvimento sustentável: Qual a estratégia para o Brasil? **Novos Estudos**, n. 87, São Paulo, 2010.

ARAÚJO, A. J. et al. Exposição múltipla a agrotóxicos e efeitos à saúde: estudo transversal em amostra de 102 trabalhadores rurais, Nova Friburgo, RJ. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.12, n.1. Rio de Janeiro, 2007.

ARENDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro/São Paulo: Ed. Forense Universitária/ EDUSP, 1981.

ARRUDA, A. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, n. 117. São Paulo, 2002.

BERNARDO, M. H.; GARBIN, A. C. A atenção à saúde mental relacionada ao trabalho no SUS: desafios e possibilidades. **Revista brasileira de Saúde ocupacional**. vol.36, no.123, São Paulo, jan./jun. de 2011.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias**: uma introdução ao estudo da Psicologia. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

BONFIM, E. M. A formação social do psicólogo. **Psicologia e Sociedade**. Belo Horizonte, ABRAPSO, 1990.

BORGES, L. O.; TAMAYO, Á. A estrutura cognitiva do significado do trabalho. **Revista de Psicologia Organizacional e do Trabalho**. V. 1. n. 2, Brasília, 2001.

BORGES, L. O.; YAMAMOTO, O. H. O mundo do trabalho. In **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

BORSOI, I. C. F. Da relação entre trabalho e saúde à relação entre trabalho e saúde mental. **Psicologia & Sociedade**; 19ª Edição Especial 1: 103-111, Belo Horizonte, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Manual de procedimentos para serviço da saúde**: doenças relacionadas ao trabalho. Série A - Normas e Manuais Técnicos, n. 114. Brasília: Ministério da Saúde, 2001

BRITO. V. Paraná tem o maior pólo de produção orgânica do País. **Agência Nacional Sebrae**, Brasília, 09 set. 2010. Disponível em:

<http://www.agenciasebrae.com.br/noticia.kmf?cod=10613900&canal=199>. Acesso em: 07 nov. 2012.

CAMPOS, R. H. F. Introdução: Notas para uma história de idéias psicológicas em Minas Gerais. In CONSELHO REGIONAL 4ª REGIÃO. **Psicologia: Possíveis olhares outros fazeres**. Belo Horizonte, 1992.

CARVALHO, M. B. FELLI, V. E. A. O trabalho de enfermagem psiquiátrica e os problemas de saúde dos trabalhadores. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. v.14, n.1, Ribeirão Preto, 2006.

CASAS, S. B.; KLINJ, T. P. Promoción de la salud y un entorno laboral saludable. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v.14, n.1, Ribeirão Preto, 2006.

CHAYANOV, A. **La organización de la unidad económica campesina**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1974

CODO, W. Um diagnóstico do trabalho (em busca do prazer). In TAMAYO, A.; BORGES-ANDRADE, J. E.; CODO, W. (Eds.), **Trabalho, organizações e cultura**. São Paulo, SP: Cooperativa de Autores Associados, 1997.

_____. Um diagnóstico integrado do trabalho com ênfase em saúde mental. In JACQUES, M. G. e CODO, W. (orgs) **Saúde mental e trabalho: Leituras**. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2002

CODO, W.; JACQUES, M. G. (orgs) **Saúde mental e trabalho: Leituras**. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2002

CODO, W.; SORATTO, L.; VASQUES-MENEZES, I. Saúde mental e trabalho. In ZANELLI, José Carlos; BORGES-ANDRADE, Jairo Eduardo; BASTOS, Antonio Virgílio Bittencout (org). **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1988.

_____. **Subjetividade, trabalho e ação**. Revista Produção, v. 14, n. 3, p. 027-034, Set./Dez. São Paulo, 2004

ENGELS, F. **Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. Rocket Edition, 1999. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/macaco.pdf>. Acesso em: 11 de março de 2013.

FERNANDES, J. D.; FERREIRA, S. L.; ALBERGARIA, A. K. CONCEIÇÃO, F. M. Saúde mental e trabalho feminino: Imagens e representações de enfermeiras. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, vol. 10, n. 2 Ribeirão Preto, 2002.

- FERREIRA, A. D. D. (et al). Resistência e empoderamento no mundo rural. **Revista Estudos: Sociedade e Agricultura**. Rio de Janeiro, vol 15 n. 01, 2007.
- FOSTER, J. B. **A ecologia de Marx: materialismo e natureza**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- FRANCO, M. L. P. B. Representações sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 121. São Paulo, 2004.
- GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, São Paulo, 1995.
- GORENDER, J. Globalização, tecnologia e relações de trabalho. **Estudos Avançados**. v. 11, n. 29. São Paulo, 1997.
- GOULART, I. B.; SAMPAIO, J. R. (orgs). **Psicologia do trabalho e gestão de recursos humanos: estudos contemporâneos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- GRISA, C.; SCHNEIDER, S. "Plantar pro gasto": a importância do autoconsumo entre famílias de agricultores do Rio Grande do Sul. **Revista de Economia e Sociologia Rural**. vol.46, no.2. Brasília, 2008.
- GRISCI, C. L. I. Trabalho, tempo e subjetividade: impactos da reestruturação produtiva e o papel da psicologia das organizações. **Psicologia: Ciência e Profissão**. , v. 19 n.1. Brasília, 1999.
- JACQUES, M. G. "Doença dos nervos": uma expressão da relação entre saúde/doença mental. In: JACQUES, M.G.; CODO, W. (Orgs.) **Saúde mental & trabalho: leituras**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- JOLLIVET, M. **Pour une science sociale à travers champs; paysannerie, capitalisme**. France XXe Siècle. Paris, Arguments, 2001.
- LAMARCHE, H. (coord.). **A agricultura familiar: comparação internacional**. Vol. I: uma realidade multiforme. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- LAURENTI, A. C. **A terceirização na agricultura: a dissociação entre a propriedade e o uso de instrumentos de trabalho na moderna produção agrícola paranaense**. Tese (Doutorado em Economia). Campinas, IE/UNICAMP, 1996
- LEFF, E. Complexidade, Interdisciplinaridade e Saber Ambiental. In PHILIPPI JR., A. **Interdisciplinaridade em Ciências Ambientais**. São Paulo: Signus Editora, 2000
- LEFF, E. **Racionalidade ambiental: A reapropriação social da natureza**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- LEVIGARD, Y. E.; ROZEMBERG, B. A interpretação dos profissionais de saúde acerca das queixas de "nervos" no meio rural: uma aproximação ao problema das

intoxicações por agrotóxicos. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n.6, 2004.

LIRIA, A. F.; ÁLVAREZ, M. J. G. Medio laboral y salud mental. **Revista de la Asociación Española de Neuropsiquiatria**, n.90, Madrid,2004.

LUTZENBERGER, J. A. O absurdo da agricultura. **Estudos Avançados**. v. 15, n. 43. São Paulo, 2001.

MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política**. v. 1. 2. Ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MONTIBELLER-FILHO, G. **O mito do desenvolvimento sustentável: Meio ambiente e custos sociais no moderno sistema produtor de mercadorias**. 3. Ed. Editora da UFSC: Florianópolis, 2008.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MOURA, M. **Os herdeiros da terra**. São Paulo: Hucitec, 1978.

MYSKIW, A. M. **Colonos, posseiros e grileiros: Conflitos de terra no Oeste Paranaense (1961/66)**. 2002. 201 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, UFF/UNICENTRO, Niterói, 2002.

NAVARRO, Z. O MST e a canonização da ação coletiva. In SANTOS, B. S. S. (org). **Produzir para viver: Os caminhos da produção capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

NEVES, L. M. W.; PRONKO, M. A. **O mercado do conhecimento e o conhecimento para o mercado: da formação para o trabalho complexo no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: EPSJV, 2008.

PEGORARO, E. **Dizeres em confronto**. (A Revolta dos Posseiros de 1957 na imprensa Paranaense) 2007. 170 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, UFF/UNICENTRO, Niterói, 2007.

PERES, F. Saúde, trabalho e ambiente no meio rural brasileiro. **Ciência & saúde coletiva**, vol.14, no.6, Rio de Janeiro, 2009.

PERONDI, M. A. Mercantilização da Agricultura Familiar. In: BASSO, D.; SCARIOT, N.. (Org.). **Gestão da Unidade de Produção e Vida Familiar: Gestão em desenvolvimento com ênfase em cooperativismo**. 1 ed. v. 1.Francisco Beltrão: GRAFISUL, 2009,

POLANYI, K. **A grande transformação: as origens da nossa época**. Rio de Janeiro: Campus, 1944.

_____. Nossa obsoleta mentalidade mercantil. **Revista trimestral de histórias e ideias**. N. 1. Edições Afrontamento, 1978.

REIS, S. L. A; BELLINI, M. Representações sociais: teoria, procedimentos metodológicos e educação ambiental. **Acta Scientiarum**. Human and Social Sciences. Maringá, v. 33, n. 2, 2011.

RIGOTTO, R. M. Saúde Ambiental & Saúde dos Trabalhadores: uma aproximação promissora entre o Verde e o Vermelho. **Revista brasileira de epidemiologia**. v.6, n.4, São Paulo, dez. de 2003.

ROSA, A. A. **Aspectos socioeconômicos, indicadores de qualidade e proposta de aproveitamento tecnológico do leite bovino produzido em unidades de produção de base familiar de Pato Branco-PR**. 2012. 284 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2012.

SAMPAIO, J. J. C.; MESSIAS, E. L. M. A epidemiologia em saúde mental e trabalho. In JACQUES, M. G. E CODO, W (Eds.). **Saúde mental e trabalho: Leituras**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002

SÁNCHEZ, A. I. M.; SILVA, E. C. De la promoción de la salud a los ambientes de trabajo saludables. **Salud de los Trabajadores**, v.18, n.2, Maracay, dez. de 2010.

SANTOS, G. B.; CEBALLOS, A. G. C. Bem-estar no trabalho: Estudo de revisão. **Psicologia em estudo**. vol.18, no.2, Maringá, abr./jun. de 2013

SANTOS, R. A. **O processo de modernização da agricultura no sudoeste do Paraná**. Tese de doutorado elaborada junto ao Programa de Pós-graduação em Geografia na Universidade Estadual Paulista “Julio Mesquita Filho”. Campus de Presidente Prudente, Presidente Prudente, 2008.

SATO, L. Saúde e controle no trabalho: feições de um antigo problema. In CODO, W.; JACQUES, M. G. (orgs) **Saúde mental e trabalho: Leituras**. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2002

SCHNEIDER, S. Situando o desenvolvimento rural no Brasil: o contexto e as questões em debate. **Revista de Economia Política**. vol. 30, n.3. São Paulo, 2010.

SEYFERTH, G. Campesinato e o Estado no Brasil. **MANA**. n. 17(2). Rio de Janeiro: 2011.

SILVA, R. C. ; FERREIRA, M. A. Construindo o roteiro de entrevista na pesquisa em representações sociais: como, por que e para que. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, vol. 16, n. 3, Rio de Janeiro, 2012.

TOURAINE, A. **Crítica da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

TOVAR, L. S.; BRASILEIRO, M. D. S.; BRITO, J. C. Trabajo y salud mental. Caso supervisores de una locación petrolera. **Salud de los Trabajadores**, v.16, n.1, Maracay, jun. de 2008,

VASCONCELOS, A; FARIA, J. H. Saúde mental no trabalho: contradições e limites. **Psicologia e Sociedade**, vol.20, n.3 Florianópolis, Sept./Dec. de. 2008.

ZANELLI, J. C.; BORGES-ANDRADE, J. E.; BASTOS, A. V. B. (org). **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

WANDERLEY, M. N. B. Em busca da modernidade social: uma homenagem a Alexander V. Chayanov. In: FERREIRA, A. D. D.; BRANDENBURG, A. (Org.). **Para pensar outra agricultura**. Curitiba, Ed. UFPR, 1998.

WANDERLEY, M. N. B. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, 21, Outubro, 2003.

WISNER, A. **A inteligência no trabalho**: textos selecionados de ergonomia. São Paulo: Fundacentro, 1994.

WOORTMANN, E. F. O saber camponês: práticas ecológicas tradicionais e inovações. In GODOI, E. P. de; MENEZES, M. A. de; MARIN, R. A. (orgs.). **Diversidade do campesinato**: expressões e categorias: estratégias de reprodução social. V. 2. São Paulo: Editora UNESP, 2009.